UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH

MICHELE GONÇALVES CARDOSO

DE VOLTA PARA A CASA:
A INSERÇÃO DOS RETORNADOS À CIDADE DE CRICIÚMA/SC
(1995-2009)

FLORIANÓPOLIS – SC
2011

MICHELE GONÇALVES CARDOSO

DE VOLTA PARA A CASA:

A INSERÇÃO DOS RETORNADOS À CIDADE DE CRICIÚMA/SC (1995-2009)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial e último para obtenção do grau de Mestre em História do Tempo Presente.

Orientador: Professor Doutor Emerson César Campos

FLORIANÓPOLIS – SC

2011

MICHELE GONÇALVES CARDOSO

DE VOLTA PARA A CASA:
A INSERÇÃO DOS RETORNARDOS À CIDADE DE CRICIÚMA/SC
(1995-2009)

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre, no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina.

Banca examinadora:

Orientador: _____

Prof. Dr. Emerson César Campos
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Membro: _____

Prof. Dra. Sueli Siqueira
Universidade Vale do Rio Doce - UNIVALE

Membro: _____

Prof. Dra. Gláucia de Oliveira Assis
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Membro Suplente: _____

Prof. Dr. Luiz Felipe Falcão
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Membro Suplente: _____

Prof. Dr. Tiago Bahia Losso
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Florianópolis, 14 de Março de 2011.

Aos meus pais, que com seu imenso amor sempre me apoiaram em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

A realização da pesquisa e o ato de escrever são muitas vezes momentos individuais e solitários, mas que por outro lado, envolvem a presença de muitas pessoas que participam ativamente do processo dando apoio, torcendo, auxiliando de diversas formas e principalmente, compreendendo os momentos de ausência e de cansaço. Sendo assim, agradeço imensamente a presença da minha família neste processo. Aos meus pais, Valdeci Cardoso e Ezanete Gonçalves Cardoso que acompanharam diariamente as várias etapas da pesquisa, que souberam compartilhar comigo meus momentos de intensa euforia, mas também, os momentos de cansaço e desânimo que muitas vezes enfrentei. De modo especial, agradeço a minha mãe que vibrava muito com minhas conquistas e ficava angustiada quando me via envolvida numa problemática que ela não poderia ajudar a resolver. Agradeço também a todos meus familiares que torceram muito durante todo esse processo: meus avós, tias, tios, primas que se fizeram presentes de diferentes maneiras.

Agradeço de modo especial e emocionado ao meu companheiro Tiago da Silva Coelho. Nestes anos, a sua presença ao meu lado foi fundamental para a realização de diversos sonhos. Ouvinte paciente e grande incentivador me auxiliou em todas as etapas deste trabalho. Presente de modo único em minha vida, agradeço cada palavra de carinho, de apoio, de incentivo, de coragem, de amor. Obrigada por compartilhar as alegrias e tristezas, e entender minhas ausências e angústias nos últimos anos. Agradeço também a família Coelho:

Márcia, Lucas, Camile e Mateus que sempre me apoiaram e torceram muito para a realização de meus sonhos.

Faço um agradecimento especial a todos os meus amigos do curso de História da UNESC que desde o momento em que decidi participar do processo seletivo para o mestrado torceram muito por mim. Agradeço também aos professores desta instituição que sempre me incentivaram a dar continuidade a vida acadêmica. Em especial agradeço ao professor Dorval do Nascimento, que nos anos em que me orientou sempre enfatizou a importância de que eu continuasse meus estudos, acreditando nos meus projetos e torcendo muito pela realização destes.

Agradeço a todos meus amigos do Colégio Rogacionista que torceram muito em todos os momentos da pesquisa. De modo particular, agradeço a Jaqueline, Ângela, Tarciane, Izabela, Mariza e Marilene, que neste processo me auxiliaram indicando nomes para a realização de entrevistas, me apoiando, incentivando, e torcendo em cada etapa.

Agradeço as minhas amigas Sara Casagrande, Suzana Cardoso e Juliana Eyng que souberam entender minhas ausências neste processo e que sempre torceram muito para que eu concluísse mais esta etapa nem minha vida.

Agradeço ao professor Emerson César de Campos por ter acreditado em meu projeto. Obrigada por ter aceitado o desafio de me orientar nessa caminha e pela companhia nesse processo. Agradeço ainda aos professores do Programa de Pós-Graduação em História: Luiz Felipe Falcão, Mara Rúbia Sant'Anna, Cristiani Bereta e Maria Teresa Santos Cunha. Em especial as professoras Glaúcia de Oliveira Assis e Silvia Maria Fávero Arend que realizaram contribuições preciosas para este trabalho.

Agradeço de maneira muito especial à Bruna Michels que abriu a porta de sua casa me acolhendo em todas as minhas idas à cidade de Florianópolis. Obrigada pelas conversas históricas de duas historiadoras.

Agradeço imensamente a todas as pessoas que aceitaram contar suas trajetórias, enriquecendo sobremaneira este trabalho. Obrigada por compartilharem momentos de suas vidas ajudando assim, na compreensão do fenômeno migratório criciumense. Nesse sentido, agradeço também aos representantes das empresas criciumenses que se disponibilizaram à fornecer dados que me auxiliaram nesse processo.

Finalmente, agradeço a presença dos meus colegas de turma que foram fundamentais nestes dois anos. Vindos de diferentes partes de Santa Catarina, compartilhamos diversos lugares em comum, principalmente a rodoviária. Desse modo, quero agradecer em especial aos meus amigos; Darlan Jevaer Schmitt a organização em pessoa. Me ensinou a verdadeira utilidade do Gtalk, a "bolinha verde" que sempre me socorria nos diferentes momentos da pesquisa, Blumenau e Criciúma estavam a apenas segundos de distância; Silvia Sasaki garota de sorriso cativante, cujo Ford Ka cabia todo mundo, provando que seu carro era tão grande quanto seu imenso coração; Mauro Cezar Vaz de Camargo Junior, a paciência vinda do Paraná, pra que fazer hoje o que se pode fazer amanhã?; Renato Riffel, mostrou que as "pedras" do caminho podem ser superadas, pois o que era uma pedra pra quem teve o Pelznickel na infância?; Gisele Palma, a da "outra linha". Dona de uma agenda mágica em que todos seus variados compromissos cabiam. Agradeço a todos por enriquecerem de maneira única a trajetória daquela que vinha todas as semanas da "Capital Mundial do Mundo".

O que que se perde em cruzar uma fronteira? Cada momento parece dividido em dois: Melancolia pelo o que ficou pra trás, e por outro lado, todo o entusiasmo por entrar em terras novas.

ERNESTO GUEVARA DE LA SERNA

RESUMO

Nas últimas décadas do século XX o Brasil despontou no cenário das migrações internacionais. Os brasileiros partiram incentivados por diversos fatores, sendo que muitos migraram por conta das crises que assolavam o país. Grande parte destes brasileiros escolheu como destino migratório os Estados Unidos. A intensidade dos fluxos migratórios de algumas regiões fez com que cidades, como Governador Valadares (MG), Criciúma (SC) e Maringá (PR) se tornassem polos destas migrações, em tais regiões as transformações promovidas pelos migrantes podem ser claramente percebidas. Nesse sentido, este trabalho buscou dar visibilidade às mudanças desempenhadas pelos migrantes, e principalmente pelos retornados, na cidade de Criciúma. Entendendo os fluxos migratórios internacionais como fenômenos amplos, nos quais muitas redes são tecidas, diversos aspectos desta migração foram explorados. Primeiramente foram apontados alguns elementos que auxiliaram na consolidação do fluxo migratório criciumense para os Estados Unidos. Após uma breve análise da vivência destes brasileiros no exterior buscou-se evidenciar as dificuldades no retorno, pois para muitos retornar é mais difícil do que migrar. O retorno promove estranhamentos com quais, nem sempre os retornados conseguem lidar. O retorno também implica investimento e planejamento para o futuro. Assim, pode-se evidenciar a grande procura pela aquisição de bens imóveis deste grupo e o quanto esta procura alterou drasticamente a paisagem urbana criciumense. Ainda buscou-se investigar os rearranjos familiares desenvolvidos pelos familiares dos migrantes durante a ausência de seus entes, assim com apontar algumas dificuldades vivenciadas por estas famílias com os planos de retorno. De modo geral, esta análise nos possibilitou evidenciar algumas das conseqüências das migrações no local de origem dos fluxos, possibilitando-nos compreender melhor o universo do migrante e de seus familiares que ficam a sua espera.

PALAVRAS-CHAVE: Migração internacional. Retorno. Investimentos. Rearranjos familiares.

ABSTRACT

In the last decades of the twentieth century, Brazil emerged in the scenario of international migration. Brazilians left their country encouraged by several factors and many of these people migrated because of the crisis that ravaged the country. Most of these Brazilians chose the United States as a destination of migration. The intensity of migratory flows in some regions meant that Brazilian cities like Governador Valadares (MG), Criciúma (SC) and Maringá (PR) become poles of this migration and in these regions the transformations brought by migrants can be clearly observed. Thus, this study aimed to underline the changes performed by migrants, especially for the ones who came back to Criciúma. By understanding international migration flows as a broad phenomenon, in which many networks are created, several aspects of this migration have been explored. First of all, some elements that helped to consolidate the flow of people from Criciúma to the United States were pointed out. After a brief analysis of how these Brazilians lived abroad, we sought to highlight the difficulties with the return, because for many of them to come back to their city is more difficult than to migrate. The return promotes surprises, and people sometimes cannot deal with the new life. The return also requires investment and planning for the future. Thus, we can highlight the high demand for real estate purchase of this group and how this demand has dramatically changed the urban landscape of Criciúma. It was also attempted to investigate the rearrangements made by the family during the absence of the migrants who have migrated, and also point out some difficulties experienced by these families with plans to return. Overall, this analysis allowed us to highlight some of the consequences of migration in the place of origin, enabling us to better understand the universe of migrants and their families who were waiting for them.

Keywords: International migration. Return. Investments. Family rearrangements

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 11

1. **A CRICIÚMA QUE LEVEI... A CIDADE QUE ENCONTREI: O RETORNO E SEUS ESTRANHAMENTOS** 23

1.1 OS ESTADOS UNIDOS PRA CRICIUMENSE VER 27
1.2 O MIGRANTE – O MITO DO PIONEIRO 32
1.3 AS REDES SOCIAIS: CRICIUMENSES NOS ESTADOS UNIDOS 38
1.4 O RETORNO E SEUS ESTRANHAMENTOS 50

2. **OS DÓLARES VERDE-AMARELOS: OS INVESTIMENTOS NA CIDADE E A INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO** 55

2.1 OS INVESTIMENTOS NA CIDADE DE CRICIÚMA E AS MUDANÇAS NA PAISAGEM URBANA 64
2.2 A INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO CRICIUMENSE 82
2.2.1 Brechós 83
2.2.2 Revendedoras de carros 85
2.2.3 Cursos de idiomas 86

3. **A AUSÊNCIA QUE SE FAZ PRESENTE E A PRESENÇA QUE SE FAZ AUSENTE: OS MIGRANTES E AS NOVAS CONFIGURAÇÕES FAMILIARES** 88

3.1 AVÓS 95
3.2 MÃES E FILHOS/AS 102
3.3 OS/AS FILHOS/AS E A ESCOLA 110

CONSIDERAÇÕES FINAIS 118

REFERÊNCIAS 124

INTRODUÇÃO

Nestes últimos anos, o aumento de imagens e notícias relacionadas a migração internacional, nos revelam o crescimento das migrações e destacam as diferentes facetas deste movimento. Imagens de pessoas atravessando o deserto do México em busca do solo estadunidense; notícias sobre grupos que almejam chegar à Europa através do Estreito de Gilbraltar; imagens de argelinos presentes na França negociando o direito de expressar sua religiosidade no país de destino imigratório. Estas cenas nos dão a dimensão de um mundo que está em movimento, em que as pessoas estão em trânsito. A globalização permitiu muito mais que um deslocamento de mercadorias, ela proporcionou um deslocamento de trabalhadores que migram em busca de melhores oportunidades de trabalho.

Inseridos neste contexto, também estão os brasileiros, cujo fluxo migratório foi se consolidando nos últimos anos. Os destinos migratórios desta população são diversos, ora cruzam oceanos para chegar à Europa e ao Japão, ora atravessam fronteiras secas para chegar ao Paraguai e Guiana. Muitos ainda buscam transpor água, terra e ar em busca do sonho de "fazer a América". As dificuldades são diversas assim como, os países escolhidos para a nova vida. Documentados ou indocumentados[1], solteiros ou casados, sozinhos ou com os familiares, os brasileiros partem em busca de seus objetivos muito além das fronteiras que demarcam sua terra de origem.

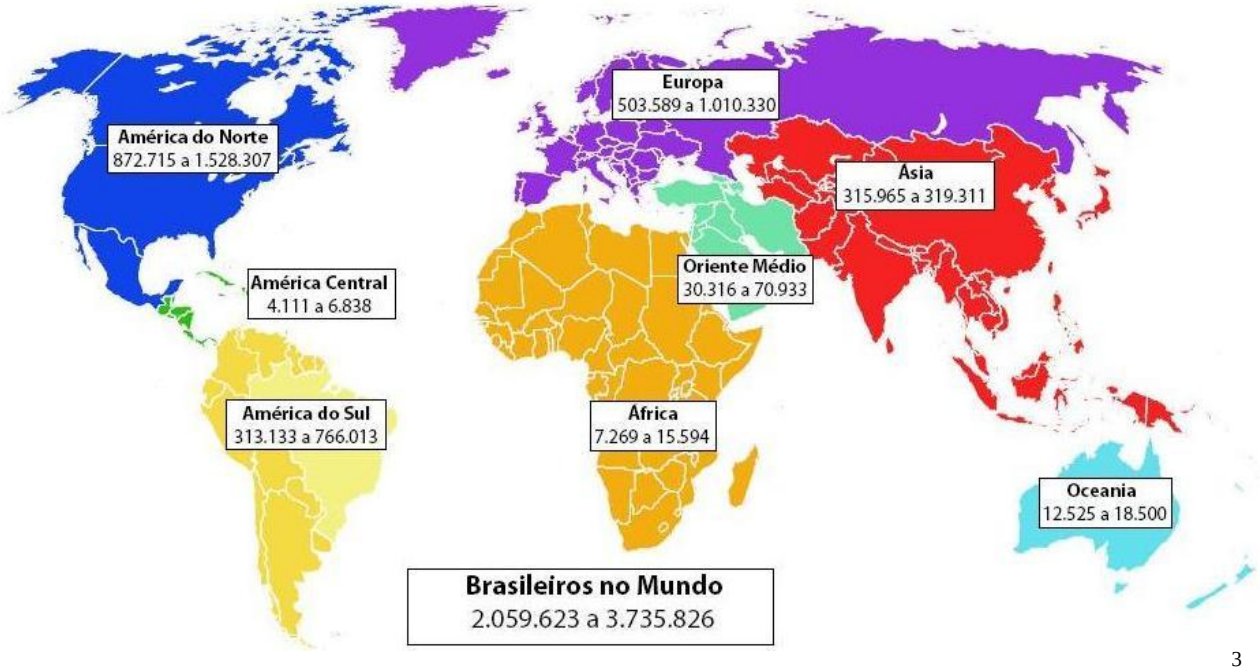
Esta migração, que a princípio era silenciosa, foi ganhando grande expressão e contrariando uma característica que durante muito tempo era atribuída ao Brasil: "a terra de imigrantes". O país que durante sua colonização recebeu mão-de-obra de várias nações e incentivou projetos imigratórios, principalmente em fins do século XIX e início do XX, deixou de importar mão-de-obra e passou a ser fornecedor dela, se inserindo nos fluxos internacionais.

Conseguir dados oficiais sobre a migração destes brasileiros é muito difícil. A presença de muitos indocumentados não permite que se possam fazer estatísticas exatas do

[1] Indocumentados seriam os migrantes que não possuem os documentos necessários para sua legalização no país de destino, seja ela provisória ou permanente. Popularmente "não possuem papel".

número de brasileiros que residem no exterior. Estimam-se, segundo dados recentes, que há mais de três milhões de brasileiros residindo fora de seu país. Essa população é maior ou igual a de pelo menos doze unidades da Federação, segundo a Síntese de Indicadores Sociais de 2005 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).[2] Assim, é como se tivéssemos um estado da Federação apartado do território nacional e longe do alcance dos poderes públicos.

O mapa abaixo possibilita uma visualização da dispersão dos migrantes brasileiros pelo mundo. Estes estão presentes em todos os continentes:



[3]

O Brasil passa a fazer parte do cenário das migrações internacionais principalmente no decorrer da década de 1980. Nos períodos anteriores, a migração de brasileiros evidentemente já ocorria, contudo não se configurava numa corrente migratória, ou seja, num fluxo contínuo conectado por redes sociais e de proporções significativas. (SALES, 1999, p. 13). O crescimento da migração no decorrer da década de 1980 pode estar relacionado ao contexto brasileiro do período. O país vivenciava o processo de redemocratização e sofria com a

[2] Relatório Final da Comissão Mista Parlamentar de Inquérito – 2006. Disponível em: http://www.senado.gov.br/sf/comissoes/CPI/Emigracao/RelFinalCPMIEmigracao.pdf Acesso: 05 de Julho de 2010, p 16. Segundo esta estatística os doze estados seriam: Rondônia (1.511.433 hab.), Acre (632.174 hab.), Roraima (381.447 hab.), Amapá (577.274 hab.), Tocantins (1.283.781hab.), Sergipe (1.940.721 hab.), Piauí (2.982.725 hab.), Rio Grande do Norte (2.969.671 hab.), Alagoas (2.987.371 hab.), Distrito Federal (2.051.146 hab.), Mato Grosso do Sul (2.236.931 hab.), Mato Grosso (2.759.134 hab.).

[3] Brasileiros no mundo – estimativa. Ministério das Relações Exteriores, Julho de 2008. Disponível em: http://www.migrante.org.br/brasileiros_no_mundo_estimativas_julho_mre.pdf. Acesso: 05 de Julho de 2010.

recessão econômica. A inflação era elevada e os planos visando à estabilização da economia foram de modo geral fracassados. A falta de oportunidades para os brasileiros neste período gerava uma insatisfação e a preocupação com o futuro do país. Assim, a perspectiva de sair do Brasil tornava-se uma das alternativas para fugir da crise. Ao analisar as notícias veiculadas pela imprensa brasileira no período, Teresa Sales aponta que entre 1985 e 1987 cerca de 1,25 milhões de brasileiros haviam deixado o país, uma evasão que representava 1% da população. (SALES, 1999, p 15).

No início dos anos de 1990, a situação econômica brasileira piorou ainda mais, devido principalmente ao Plano Collor, tornando a opção de emigrar cada vez mais desejável. É neste período que o fluxo migratório brasileiro torna-se contínuo e várias comunidades brasileiras se espalham pelo mundo. Os migrantes partem de cidades como Governador Valadares (MG), Criciúma (SC), Londrina (PR), Maringá (PR), e de seus municípios vizinhos, criando assim, polos de migração nestas regiões. Muitos destes migrantes rumam para pontos específicos no destino, criando comunidades, principalmente nas regiões de Boston, Londres e algumas cidades do Japão. (ASSIS, 2004; SALES, 1999; MARTES, 1999).

Um grande número destes migrantes escolhe como destino migratório os Estados Unidos. Buscando fazer uma estimativa desta população o Ministério das Relações Exteriores, divulgou os seguintes dados[4]:

	Maior estimativa	Menor estimativa	Estimativa dos postos
Estados Unidos	1.490.000	843.505	1.240.000

As colunas *Maior Estimativa* e *Menor Estimativa* apresentam, respectivamente, os números máximos e mínimos de brasileiros nos Estados Unidos. Estes dados foram baseados em informações disponíveis localmente, tais como levantamentos oficiais, estimativas feitas por organizações não-governamentais e pesquisas conduzidas pela mídia. Já a coluna *Estimativa dos Postos* apresenta projeções feitas pela embaixada e consulados, geralmente com base em dados relativos à prestação de serviços consulares, tais como a emissão de passaportes e o registro de atos notariais.

Mas, por que tantos brasileiros escolhem como destino migratório os Estados Unidos? Podemos evidenciar que este país mesmo situado na outra extremidade do continente americano se fazia presente de várias maneiras no cotidiano dos brasileiros. Estes já estavam

[4] Brasileiros no mundo – estimativa. Ministério das Relações Exteriores, Julho de 2008. Disponível em: http://www.migrante.org.br/brasileiros_no_mundo_estimativas_julho_mre.pdf. Acesso: 05 de Julho de 2010.

bastante familiarizados com o *American way of live,* ou seja, com o estilo de vida americano. Tão propagandeado através do cinema e da música, este estilo disseminava uma imagem de modernidade, de progresso e liberdade, caracterizando os Estados Unidos como a terra das oportunidades. Local em que a liberdade individual estava amparada por uma forte democracia propagandeando desta forma a igualdade de direitos entre todas as pessoas que formavam a nação. A presença estadunidense ia muito além da influência no mercado da indústria cultural. Os Estados Unidos atuavam em praticamente todos os setores da sociedade brasileira. Estavam presentes na política, na economia, atuando na "organização de empresas e até [na] educação formal. Onipotente, onipresente e onisciente, Tio Sam nos perturbava com sua clássica presença ausente." (MEIHY, 2004, p 17).

Esta presentificação estadunidense criava um imaginário sobre aquele país e uma representação de sociedade americana. Nesta representação as oportunidades estavam abertas a todos que buscavam através do trabalho realizar seus sonhos. Assim, muitos brasileiros partiam com a convicção de que em pouco tempo conseguiriam atingir seus objetivos. Os sonhos dos brasileiros que partiam em busca dos dólares estavam muitas vezes associados a compra da casa própria, a compra de carros ou ainda na possibilidade de montar seu próprio negócio ao regressar ao Brasil. Contudo, muitos dos sonhos levados nas bagagens acabam se perdendo na chegada ao país de destino.

As dificuldades encontradas pelos migrantes são muitas. Inicialmente, a primeira barreira a ser transposta é o idioma. A grande maioria dos brasileiros vai para os Estados Unidos sem dominar a língua inglesa, fato que dificulta as relações com o país receptor. A condição de indocumentado também é uma das barreiras a ser superada. Com estas características os migrantes brasileiros vão se inserindo no mercado de trabalho executando atividades pouco prestigiadas nos Estados Unidos e de baixa qualificação profissional. Esse grupo se insere, na grande maioria das vezes, no setor de prestação de serviços, tais como no ramo de alimentação – trabalhando em cozinhas de restaurantes, limpeza destes locais ou ainda servindo mesas – na faxina doméstica, no setor de entregas, como pizza ou jornais, e ainda na construção civil. Com objetivo de acumular capital, estes brasileiros realizam uma carga horária extenuante (muitas vezes trabalhando em dois ou mais lugares ao mesmo tempo), e sem direitos trabalhistas.

A presença destes migrantes no país receptor não é bem vista por todos os setores da sociedade estadunidense. Para alguns grupos os imigrantes ameaçam o mercado de trabalho do país, na medida em que ocupam postos de trabalho que deveriam pertencer aos estadunidenses. Estes ainda argumentam que os imigrantes "sugam" sua economia e não

devolvem nada ao país, pois grande parte deste grupo investe no local de origem. Assim, nos últimos anos muitas ações estão sendo tomadas por parte do governo estadunidense e dos estados que compõe o país para dificultar tanto a entrada dos imigrantes quanto a permanência destes no Estado.

Para citar um exemplo da ação de grupos xenófobos foi noticiado em 2005 a criação de uma milícia armada que tinha como finalidade "caçar" imigrantes na fronteira com o México, intensificando o patrulhamento desta região, evitando assim, a entrada de imigrantes ilegais.[5] Além dessas ações, o debate em torno da imigração "intensificou-se no Congresso dos Estados Unidos acerca da nova legislação para tratar do problema da imigração naquele país, com diferentes projetos em tramitação no Senado e na Câmara." No período (2005) o projeto da Câmara intitulado Sensenbrenner, tinha como objetivo converter em delito grave prestar ajuda a imigrantes indocumentados mesmo em caso de emergências, fato que atingiria inclusive as organizações humanitárias. O criminoso estaria sujeito a pena de reclusão.[6]

Manifestando-se contra a proposta, enormes manifestações públicas foram organizadas em todo o país. No 1º de Maio de 2006 houve uma paralisação geral acompanhada de um chamamento ao boicote dos produtos e empresas estadunidenses em toda a América Latina. Como conseqüência o movimento conseguiu parar cerca de um milhão de trabalhadores, sendo este um dos maiores protestos de rua dos últimos anos nos Estados Unidos.[7]

Preconceito, discriminação, exploração, xenofobia, são palavras que acompanham a realidade de muitos imigrantes em várias partes do mundo. Um dos casos recentes desta problemática e que recebeu grande divulgação por parte da imprensa brasileira e mundial foi o caso de Jean Charles de Menezes.

Jean chegou à Inglaterra em 2002 portando um visto de estudante, três anos depois foi executado em uma estação de metrô pela polícia britânica com 8 tiros. Os policiais haviam confundido o brasileiro com Hussain Osman procurado por suspeita de envolvimento em ataques terroristas. A imprensa brasileira noticiou o caso evidenciando a injustiça cometida e questionando a ação dos policiais. As muitas controvérsias presentes no caso incitaram um debate público em torno das razões que teriam levado os policias a alvejarem o brasileiro. Segundo relatos da polícia britânica, Jean teria fugido ao ser abordado e vestia uma jaqueta

---

[5] Relatório Final da Comissão Mista Parlamentar de Inquérito – 2006. Disponível em: http://www.senado.gov.br/sf/comissoes/CPI/Emigracao/RelFinalCPMIEmigracao.pdf Acesso: 05 de Julho de 2010, p 34.
[6] Ibidem, p 35.
[7] Ibidem.

larga em que suspeitavam os policias estarem contidas bombas ou outros armamentos. Além disso, o brasileiro possuía características fenotípicas semelhantes as do suspeito. Contrariados pelas câmeras de segurança a polícia britânica abriu investigações sobre o caso que, de modo geral, ainda hoje não foi resolvido.

Ao analisar a repercussão do assassinato do brasileiro nas mídias brasileira e inglesa, Glaúcia de Oliveira Assis buscou evidenciar a repercussão do caso também na internet, através de blogs. Estes textos não representavam a opinião pública inglesa, não podem ser tidos como textos oficiais, contudo, eles são expressões de alguns grupos da sociedade inglesa, portanto, importante fonte para entender como o caso havia repercutido entre a população. A autora destaca um dos textos:

> O blog (demenezeswasanillegal.blogspot.com ou "Menezes era um ilegal") que tem como título "Não deve se buscar nenhuma compensação pelo caso de Jean Charles– Pois ele era um criminoso". O blog foi criado logo após o acidente e é inteiramente dedicado a idéia de que Jean não morreu por cometer um crime, mas morreu na época em que cometia um crime. O crime de estar "ilegal" em Londres, atentando, dessa forma segundo o autor, contra a economia e a qualidade de vida londrina. Dessa forma se buscarem punir oficiais e principalmente indenizar a família, o contribuinte inglês estaria sendo lesado ainda mais por alguém que "tanto atentou contra o nosso bem estar". (ASSIS, 2008, p. 7)

Em outros blogs, alguns textos e seus respectivos comentários no site evidenciavam também a "culpa" que Jean Charles tinha. Segundo estes relatos, ele como imigrante ilegal era um parasita da sociedade londrina que juntamente com outros tantos migrantes era acusado de deixar Londres menos rica do que poderia ser. (ASSIS, 2008, p. 8). Estas falas de alguns ingleses demonstram o quanto a imigração gera calorosas discussões e o quanto a problemática é atual e ao mesmo tempo histórica.

O caso Jean Charles é um entre outros tantos crimes, delitos, acusações e humilhações que muitos imigrantes estão expostos cotidianamente. Como o assassinato do brasileiro teve ampla divulgação para a problemática da imigração, o governo federal tomou algumas medidas para tentar medir o fluxo e a dispersão dos brasileiros pelo mundo. Visando compreender a extensão do fenômeno e também "apurar os crimes e outros delitos penais e civis praticados com a emigração ilegal de brasileiros para os Estados Unidos e outros países, e assegurar os direitos de cidadania aos brasileiros que vivem no exterior", foi criada uma Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI). Segundo o Relatório Final da Investigação a:

> CPMI deparou-se com toda a complexidade do fenômeno migratório. O movimento silencioso de brasileiros para o exterior foi, ao longo dos anos, transformando-se em clamor pelo direito ao atendimento e à proteção do Estado nacional. Hoje, os emigrantes precisam se fazer ouvir e deixar de ser invisíveis para a sociedade brasileira. Assim, no Relatório Final desta Comissão Parlamentar Mista de Inquérito, procuramos analisar os diferentes aspectos e problemas desses cidadãos e apontar a criação de uma política nacional que resgate a responsabilidade que tem o Estado para com seus nacionais, estejam onde estiverem.[8]

A investigação buscou ouvir representantes do Ministério das Relações Exteriores, da Policia Federal, Casa da Moeda do Brasil – responsável pela emissão de passaportes brasileiros do Ministério Público, assim como foram convidados a participar da Investigação autoridades do Departamento de Segurança Interna dos Estados Unidos. A Comissão acionou ainda comunidades brasileiras nos Estados Unidos, coiotes, aliciadores e também familiares de imigrantes que entraram naquele país de maneira indocumentada. Segundo a proposta da Comissão o objetivo final dos trabalhos visava à elucidação de todos os crimes conexos a emigração ilegal, assim como a solução do problema da entrada indiscriminada de brasileiros via México de forma indocumentada, "além de assegurar os direitos de cidadania dos brasileiros que vivem no exterior."[9] Evidentemente nem todos os casos foram solucionados. Muitas organizações que facilitavam a entrada nos Estados Unidos e também em outros países foram desarticuladas e seus membros presos. Contudo, estas ações não conseguiram pôr fim a emigração ilegal, outras alternativas foram desenvolvidas e também outros lugares escolhidos como destino. Mesmo não tendo atingido plenamente seus objetivos, a investigação deu visibilidade para um grande número de brasileiros e para a situação na qual estes viviam e ainda vivem.

As investigações também pontuaram o que muitos trabalhos acadêmicos vêm constatando: o retorno é o objetivo da maioria dos projetos migratórios. "O sonho de retorno é constitutivo do projeto de migração, seja ela nacional ou internacional dos diferentes fluxos migratórios contemporâneos." (SIQUEIRA, 2006, p 12). Se os imigrantes do século XIX e início do XX estavam praticamente fadados a fixarem sua residência no destino migratório, nos últimos anos esta realidade se transformou. Com a facilidade dos meios de comunicação e de transporte as distâncias se encurtaram e a possibilidade de trânsito entre os lugares se tornou mais fácil. Assim, o projeto migratório é pensado como algo temporário em que seu fim seria o retorno à terra natal.

[8] Relatório Final da Comissão Mista Parlamentar de Inquérito, p 19.
[9] Relatório Final da Comissão Mista Parlamentar de Inquérito - Justificação

Após esta breve análise da presença dos brasileiros nos fluxos migratórios contemporâneos, podemos evidenciar o quanto este fenômeno está presente em nossa sociedade, sendo portanto, de fundamental importância estudos para melhor compreendermos estes processos. Estas migrações contemporâneas ainda não receberam a visibilidade necessária, principalmente por parte dos poderes públicos, tanto do ponto de origem quanto no ponto de chegada. Dessa forma, entendemos ser de grande relevância estudos que posteriormente possam auxiliar na composição de medidas para humanizar mais estes processos. Nos meios acadêmicos brasileiros percebemos que este debate já está se consolidando e muitos trabalhos já foram realizados. (ASSIS, 2004; SIQUEIRA, 2006; MARTES, 1999; SOARES, 1995, MEIHY, 2004, SALES; 1999). Uma das áreas que mais se destaca na análise destes fenômenos é a antropologia, seguida por sociólogos e áreas voltadas aos estudos populacionais.

Sendo este um fenômeno complexo, para melhor elucidar as questões em torno das migrações contemporâneas devemos trabalhar no cruzamento de diversas disciplinas das ciências sociais tais como: história, geografia, demografia, economia, direito, sociologia, psicologia, antropologia entre outras. (SAYAD, 1998, p 15). Contudo, a temática ainda é pouco estudada pelos historiadores. Por ser uma temática bastante recente e também pela necessidade de diálogo com outras disciplinas, as migrações contemporâneas chamaram a atenção de historiadores/as situados na prática da História do Tempo Presente. Para estes historiadores/as a análise do Tempo Presente possibilita uma variedade de fontes de pesquisa:

> Da abundância das publicações de toda ordem à profusão das fontes audiovisuais, passando pelo depoimento oral, o historiador do presente é um privilegiado com relação a seus confrades, pois ele praticamente jamais corre o risco de se encontrar privado dos documentos necessários para seu trabalho. Mas a moeda tem seu reverso. A profusão exige escolha e classificação e o rigor do ofício histórico é aqui ainda mais indispensável que alhures. (CHAVEAU; TÉTART, 1999, p 129)

O/a historiador/a do Tempo Presente tem o privilégio de poder ouvir pessoas que vivenciaram os processos estudados. Sendo assim, a fonte oral se coloca como uma metodologia importante para a análise dos fenômenos deste período. Nesse sentido, a história oral é entendida como um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar versões e interpretações sobre a história em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. (DELGADO, 2006, p. 15-16) “Não é, portanto, um compartimento da história vivida, mas sim, o registro de depoimentos sobre essa história vivida”. (DELGADO, 2006, p. 15-16). O registro dos depoimentos dos

imigrantes para esta pesquisa é fundamental, pois somente, ouvindo suas falas, compreendendo suas experiências, podemos entender como o fenômeno migratório transformou vivências tanto no âmbito particular quanto no coletivo. Segundo Sarlo (2007, p. 24-25) a importância da narração das experiências se dá porque "a linguagem liberta o aspecto mudo da experiência, redime-a de seu imediatismo ou de seu esquecimento e a transforma no comunicável, isto é, no *comum*."

Inserido neste contexto o presente trabalho busca contribuir na elucidação de algumas características do fenômeno migratório na cidade de Criciúma/SC. O intenso fluxo de migrantes que partem da cidade alterou significativamente a paisagem urbana, assim como as relações citadinas. Estas modificações ocorrem tanto no período da migração quanto no retorno, pois ao retornar o migrante sente estranhamentos com aquilo que era comum, ao mesmo tempo em que desempenha ações que transformam o contexto urbano. Nesse sentido, entender as implicações pessoais, mas também coletivas do fenômeno migratório na cidade de origem é de fundamental importância na compreensão dos fluxos migratórios internacionais.

A cidade de Criciúma foi escolhida como local de pesquisa, por conta do grande número de criciumenses que partiram para o exterior, principalmente para os Estados Unidos, nos últimos anos. O período evidenciado na pesquisa abrange os anos de 1994 a 2009. Este recorte temporal foi assim delimitado, pois a migração de criciumenses durante a década de 1980 era esporádica, não constante. Foi somente nos primeiros anos da década de 1990 que esta migração se consolidou enquanto fluxo, sendo as redes sociais um importante elemento desta consolidação.

Estas redes são desenvolvidas entre os migrantes compartilhando experiências e contatos, sendo, portanto, de grande auxílio para os futuros emigrantes. Em contrapartida o ano de 2009 foi escolhido, pois foi em fins dos anos 2000 que a cidade percebeu um grande número de retornados. Estes retornos estão inseridos nos reflexos dos acontecimentos do 11 de Setembro. Após o 11 de Setembro muitos emigrantes decidiram voltar para o Brasil, pois houve um aumento da fiscalização de migrantes indocumentados. Os acontecimentos também geraram medo nas cidades estadunidenses, fato que também pesou na decisão por retornar ao país de origem. Além disso, em 2007 os Estados Unidos passou por uma forte crise econômica que desestabilizou o mercado imobiliário. Após estes acontecimentos muitos imigrantes ficaram receosos com sua situação no país (principalmente os indocumentados), mas também preocupados com a condição de vida nos Estados Unidos abalada tanto na questão da segurança quanto na econômica.

Para melhor apresentar a temática, o trabalho esta dividido em três capítulos. Os temas destes capítulos evidenciam a necessidade de se compreender o fenômeno migratório de maneira ampla. Nesse sentido, diversas trajetórias foram narradas enfatizando as relações pessoais, sociais, urbanas e familiares.

No primeiro capítulo procuramos evidenciar alguns fatores que teriam contribuído para a saída de criciumenses da cidade. Nesse sentido, enfocamos elementos voltados às questões econômicas, assim como o imaginário em torno da imigração que se constituiu na cidade. Outro elemento destacado nesse processo foram as redes tecidas entre o local de origem e de destino migratório. A consolidação das redes sociais facilitaram a transmissão de informações entre a cidade de origem e os Estados Unidos, fato que elevou o número de migrantes.

A partir da consolidação deste fluxo migratório, buscamos analisar a inserção dos criciumenses no mercado de trabalho estadunidense, enfatizando algumas dificuldades e também alguns ramos de trabalho mais procurados por este grupo. Neste capítulo ainda buscamos evidenciar o processo de retorno. O retorno é para muitos migrantes mais difícil do que a própria migração, pois voltar a cidade de origem gera muitos estranhamentos. Muitos migrantes congelam uma imagem da cidade, de seu cotidiano e até mesmo de suas relações familiares e de amizade. Assim, quando retornam muitos não encontram mais aquela cidade imaginada, aquela cidade congelada no tempo e no espaço, inclusive as pessoas também mudaram. Além disso, a própria experiência migratória transformou o migrante, seu modo de ver o mundo não é mais o mesmo. Os diferentes ritmos entre o local de origem e destino migratório acabam por incomodar o retornado dificultando a sua sensação de pertencimento ao local de origem. Assim, finalizamos este primeiro capítulo enfocando estes sentimentos gerados a partir do retorno através das falas destes criciumenses.

No segundo capítulo procuramos evidenciar como os investimentos dos retornados transformaram a cidade de Criciúma. Como a grande maioria dos emigrantes investe na cidade de origem, o dinheiro aplicado por este grupo transformou a paisagem urbana criciumense, assim como os serviços prestados na cidade. Podemos evidenciar um investimento maciço deste grupo no setor da construção civil e imobiliário. Muitos criciumenses buscaram comprar uma residência para a família ou para sua própria moradia no retorno. No entanto, o aquecimento do setor da construção civil nos indica que este grupo também investe na compra de outros bens imóveis visando através do aluguel ter uma renda fixa no retorno.

O aquecimento do setor de construções na cidade modificou a paisagem principalmente, da região central em que é facilmente perceptível o processo de verticalização. Por ser um negócio considerado seguro, os emigrantes buscam investir no setor contando muitas vezes com o auxílio dos familiares na realização das compras ou ainda com as facilidades proporcionadas pelas construtoras e imobiliárias.

Ainda neste capítulo apontamos brevemente três tipos de estabelecimentos comerciais presentes na cidade que possuem algum vínculo com migrantes e/ou retornados. Nesse sentido, apontamos os brechós, as revendedoras de carros usados e os cursos de idiomas como locais em que os retornados investem, ou são facilmente convidados a trabalharem. Assim, finalizamos este capítulo evidenciando que os ganhos financeiros obtidos através da migração transformam tanto a vida dos migrantes e de seus familiares, quanto a paisagem urbana e as relações citadinas.

No último capítulo buscamos dar ênfase as relações familiares destes migrantes, entendendo que os processos migratórios não são decisões individuais, mas sim, pensadas coletivamente, sendo seus efeitos sentidos por familiares e amigos. Dessa forma, procuramos apontar os diferentes arranjos familiares desenvolvidos pelas famílias envolvidas nos processos migratórios. Destacando principalmente, aqueles migrantes que deixaram seus/suas filhos/as na cidade. Assim, destacamos arranjos em que pai e/ou mãe migram deixando seus/suas filhos/as com os avós. Também foram evidenciadas as transformações na vida das mulheres que ficam com os/as filhos/as no Brasil enquanto o companheiro partia para os Estados Unidos. Nesse sentido, através da análise de diferentes trajetórias, buscamos destacar o funcionamento destes arranjos, suas dificuldades, assim como as relações afetivas destas famílias.

Por último, visando enfatizar algumas conseqüências da ausência de pai e/ou mãe na vida dos/ as filhos/as de migrantes, buscamos no espaço escolar um local de visualização de algumas das atitudes destas crianças. Para esta análise foi escolhida uma escola particular da cidade em que um número relevante de educandos estavam diretamente envolvidos com os processos migratórios. A partir da fala da coordenação da instituição nos foi possível elencar algumas características destas crianças e adolescentes que possuem diferentes arranjos familiares por conta dos processos migratórios.

Para a realização desta pesquisa muitas fontes foram utilizadas. Contudo, como já citado, a fonte oral é de extrema importância para análise de um fenômeno tão recente na cidade de Criciúma. Para a realização deste trabalho foram utilizadas 22 entrevistas orais, todas gravadas e transcritas, além de um questionário escrito com questões pré-determinadas.

Destas entrevistas três foram realizadas em pesquisas anteriores[10], sendo que uma delas não está diretamente ligada ao fenômeno migratório presente na cidade.

Foram realizadas 12 entrevistas com pessoas ligadas diretamente às migrações internacionais, sendo que destas 3 eram familiares que nunca migraram. Deste grupo diretamente envolvido com as migrações (migrantes e parentes) foram realizadas 7 entrevistas com mulheres e 5 com homens, sendo que os entrevistados possuem em média idade entre 25 e 40 anos.

Além destas entrevistas foram realizadas outras 9 ligadas a instituições presentes na cidade; 1 escola particular de Criciúma; 7 realizadas com instituições voltadas a construção civil e imobiliário (sendo uma através de um questionário escrito); e 1 com uma representante de um brechó na cidade. Todas as entrevistas foram autorizadas, no entanto, alguns entrevistados pediram para que seus nomes não fossem divulgados. Outros, no entanto, fizeram questão da manutenção de seus nomes, pois gostariam de divulgar suas histórias. Nesse sentido, optamos por manter os nomes reais destes entrevistados e criar nomes fictícios para aqueles que pediram sigilo. Além das entrevistas realizadas também foram utilizadas como fontes jornais de circulação na cidade, sites da internet, dados estatísticos da Prefeitura Municipal de Criciúma, entre outros.

Assim sendo, a produção deste trabalho visa elucidar uma das facetas das migrações contemporâneas analisando as particularidades que estes processos assumem nas cidades de origem dos emigrantes, no caso na cidade de Criciúma.

[10] Duas entrevistas foram realizadas por Emerson Cesar Campos em pesquisas anteriores sobre os processos migratórios na cidade de Criciúma (2006 e 2007). Outra entrevista foi realizada por Michele Gonçalves Cardoso e Dorval do Nascimento durante a pesquisa sobre as comemorações do Centenário da cidade de Criciúma (2007).

1. A CRICIÚMA QUE LEVEI... A CIDADE QUE ENCONTREI: O RETORNO E SEUS ESTRANHAMENTOS

No dia 29 de Agosto de 2009 foi hasteada pela primeira vez a bandeira nacional no Parque Centenário. A bandeira possui 8,36m X 5,85m e está acoplada a um mastro de 40m, cujo objetivo é a sua visualização de todos os quadrantes da cidade.[11] Na base do mastro pode-se ler a seguinte inscrição: "No ponto mais alto do parque centenário, sob a vigilância permanente do povo criciumense, tremulará o pavilhão nacional símbolo perene da nação brasileira". O monumento foi erguido nesta data por faltarem 130 dias para a comemoração dos 130 anos de colonização da cidade. Oficialmente a data de 06 de Janeiro de 1880 é atribuída à chegada de um grupo de italianos que teriam fundado a cidade. Vale ressaltar que a bandeira nacional foi hasteada ao lado do Momento as Etnias[12] que homenageia os imigrantes que teriam constituído Criciúma. A presença da bandeira ao lado de um monumento que lembra tantas nacionalidades pode ser interpretada como uma lembrança constante de que foi em território brasileiro que os fundadores vieram em busca da realização de seus sonhos.

No entanto, a imagem de cidade acolhedora conhecida como local de destino para muitas pessoas que buscavam oportunidades parece não condizer com uma característica que recentemente vem marcando a cidade: a migração. Para muitos, Criciúma não é mais vista como ponto de chegada, mas sim, de partida. O ponto de chegada desta vez é, na grande maioria das vezes, os Estados Unidos onde se busca a realização do sonho de "fazer a América". Sendo assim, a emigração dá novos contornos à cidade e faz com que a bandeira que insiste em saudar aqueles que um dia chegaram se torne apenas um elemento de recordação em terras longínquas.

Mas que cidade é essa que outrora se mostrava tão acolhedora? Por que nas últimas décadas viu muitos de seus cidadãos partirem em busca de novas oportunidades? O propósito

[11] PREFEITURA municipal de Criciúma. Bandeira nacional é hasteada pela primeira vez no parque Centenário. Disponível em: http://www.criciuma.sc.gov.br/lernoticias.php?codigo=1872. Acesso em: 15 de abr. de 2010.
[12] O Monumento as Etnias foi inaugurado no período das Comemorações do Centenário da cidade em 1980. Simboliza as cinco etnias que teriam formado a cidade: italianos, alemães, poloneses, portugueses e negros.

deste capítulo é buscar entender as transformações sociais, econômicas e identitárias que transformaram Criciúma e a colocaram no ranking das dez cidades brasileiras com maior número de emigrantes nos Estados Unidos.[13] (MARTES, 1999, p. 56) Nesse sentido, a proposta tem como objetivo abarcar também o processo de retorno e os estranhamentos vivenciados pelos migrantes.

Na busca de tentarmos entender quais fatores tornaram Criciúma um ponto de partida para o exterior faz-se necessária uma contextualização da cidade nos últimos anos. A cidade de Criciúma teve seu desenvolvimento econômico, urbano e populacional a partir da atividade carbonífera realizada na região. A exploração industrial deste minério se efetivou a partir da década de 1910. Contudo, no decorrer dos anos, a extração do carvão se mostrou uma atividade bastante instável, apresentando muitos momentos de crise. Dessa forma, para melhor entender as transformações do setor carbonífero, Carola (2002, p. 15-23) identificou cinco fases que caracterizaram o processo de surgimento, crescimento e crise da atividade carbonífera.[14]

A primeira fase compreende o período entre 1880-1930. Foi neste momento que surgiu a Estrada de Ferro Donna Thereza Cristina e as primeiras companhias de mineração: Cia. Brasileira Carbonífera Araranguá S.A (1971); Cia. Carbonífera Urussanga S.A (1918); Cia. Carbonífera Próspera S.A (1921); Cia. Carbonífera Ítalo-Brasileira Ltda (1921) e Cia. Nacional de Mineração Barro Branco S.A (1922) (CAROLA, 2002, p. 16). É importante ressaltar ainda que a Primeira Grande Guerra foi um elemento impulsionador desta atividade neste período.

A segunda fase (1931-1953) é marcada pelas leis protecionistas aprovadas por Getúlio Vargas em prol do carvão nacional.

> Em 1931 o governo Vargas decretou a obrigatoriedade do consumo de 10,0% de carvão nacional. Em 1937 a cota foi elevada para 20,0%. Além desses dois decretos foram editados outros que beneficiaram diretamente o carvão catarinense, como o Decreto 4.613 de 1942 que dentro do 'esforço de guerra,' encampou toda a produção elevando-a de 204.181 toneladas em 1939 para 815. 678 toneladas em 1945. (GOULARTI, 2001, p. 55)

Já na década de 1940 a atividade carbonífera passou novamente a se fazer presente no cenário nacional por conta da Segunda Grande Guerra. Em 1946, Criciúma recebe o título de

[13] Segundo a autora as dez cidades seriam: Governador Valadares; Belo Horizonte; Rio de Janeiro; São Paulo; Ipatinga; Vitória; Goiânia; Anápolis; Brasília e Criciúma.
[14] Utilizarei a periodização proposta por Carola, que adotou como critérios para a formação dos períodos as políticas institucionais implantadas pelo Estado e sua relação com a conjuntura mundial.

"Capital Brasileira do Carvão", título que vai constituir o imaginário e a identidade de cidade carbonífera, atribuindo ao carvão o progresso criciumense. Neste mesmo ano é inaugurado o *Monumento aos Homens do Carvão*, objetivando homenagear aqueles homens que "baixavam a mina" em busca da riqueza da região. Importante ressaltar que o Monumento foi erguido por conta do Congresso Eucarístico do Sul do Estado de Santa Catarina realizado entre 25 a 29 de Dezembro na cidade. Segundo Dorval do Nascimento (2006, p. 43) "através do Monumento conjugaram-se os esforços da igreja católica, na realização do Congresso Eucarístico, e dos empresários do carvão, em comemoração à implantação da indústria do carvão em Criciúma [...]" Desta forma, buscava-se através do catolicismo reforçar um combate ao comunismo e as idéias esquerdistas de modo geral, que se faziam presentes na cidade naquele período.

A terceira fase tem início em 1953 e se encerra em 1973. Em 1953 "foram criados o Plano Nacional do Carvão e a CEPCAN (Comissão Executiva do Plano do Carvão Nacional), que tinham por objetivo conjugar as atividades de produção, beneficiamento, transporte e distribuição do carvão." (GOULARTI, 2001, p. 108) Ainda nesse ano, o governo editou o Decreto 33.233 que visava abrir crédito para 15 mineradoras no valor de 13,7 milhões de cruzeiros. Em 1956 foi estabelecida uma cota mensal de transporte de carvão de 120,000 toneladas a serem consumidas pela CSN, sendo que em Abril de 1960 esta cota passou para 324,000 toneladas. Contudo, em 1970 a CEPCAN foi extinta anunciando assim, uma crise no setor, que já manifestava sua instabilidade perante a concorrência com o petróleo. Porém, a conjuntura nacional se transformou e deu novo vigor ao setor iniciando portanto, sua quarta fase.

Em 1973 inicia-se a quarta fase com a crise mundial do petróleo. Com essa crise o governo Federal revê sua política energética e projeta quintuplicar a produção no período entre 1980 a 1985, visando a substituição de 170 mil barris de petróleo/dia por equivalente em carvão. (VOLPATO, 2001, p. 32) O aumento da produção também elevou a mecanização das minas. No entanto, passado o período da crise do petróleo o governo reviu sua política energética e aboliu os subsídios ao setor carbonífero. Assim, encerra-se a quarta fase em 1985,

> Ano em que se atinge a maior produção de toda a história da indústria carbonífera catarinense. Nesse ano, havia cerca de 15 mil trabalhadores nas minas, e a produção de carvão bruto atingiu mais de 19 milhões de toneladas, maior índice da história. A partir de 1985 começa o processo de redução dos subsídios e abrem-se as portas para o carvão importado. (CAROLA, 2002, p. 23)

É neste contexto que se inicia a quinta fase, uma fase marcada pela decadência da atividade carbonífera. Em 1992, o Governo Collor realiza o corte dos subsídios ao setor acentuando a crise. Desta forma, o setor que foi durante muitos anos o carro–chefe da economia criciumense passou a lutar pela sua sobrevivência. A crise da atividade deixou um saldo de intensa destruição ambiental e centenas de trabalhadores desempregados.

Nesta breve periodização ficou em evidência que a atividade carbonífera apresentou muitos altos e baixos principalmente por conta da necessidade de subsídios por parte do governo. Nesse sentido, já se buscava falar de uma diversificação da economia criciumense desde a década de 1960. Nesse período a Associação Comercial e Industrial iniciou uma campanha propondo aos empresários locais que abrissem negócios com o objetivo de atrair empresas externas ao município e também criticavam a dependência ao setor carbonífero que por conta de sua instabilidade não permitia a cidade um futuro estável. (NASCIMENTO, 2006, p. 52) Foi neste período também que o setor cerâmico passou a receber estímulos econômicos para ser incrementado. A política do Sistema Financeiro Nacional de Habitação impulsionou e dinamizou a produção de pisos e azulejos. Esta atividade realizada paralelamente a extração do carvão se tornou bastante representativa na economia da região, sendo que em 1985 o setor de revestimentos cerâmicos representava 25% do VTI (Valor de Transformação Industrial) (SANTOS, 2007, p. 45). Contudo, em 1990, as indústrias ceramistas passaram por uma profunda crise que restringe as vendas ao mercado interno. Visando se adequar ao mercado externo essas indústrias passaram a incorporar novas tecnologias.

> Essa reestruturação, pautada na incorporação de tecnologias provindas da Itália, teve efeitos na produção ceramista: levou o Brasil a ocupar o 4º lugar na produção mundial de cerâmicas, e Criciúma passa a ser considerada como pólo nacional das indústrias de revestimento cerâmico. (SANTOS, 2007, p. 45)

Contudo, o investimento tecnológico também acarretou mudanças nos empregos gerados pelo setor, se em 1960 o setor gerou algo em torno de 15.000 empregos, em 1992 gera somente 4.895 empregos diretos. (SANTOS, 2007, p. 45) O aumento na utilização das máquinas foi proporcional ao aumento do desemprego.

Dessa forma, podemos evidenciar que o início dos anos de 1990 foi bastante conturbado para a economia criciumense. Dois setores que eram responsáveis por empregar um grande número de trabalhadores passaram por transformações e deixaram na cidade um grande número de desempregados. O declínio destas atividades gerou um sentimento de

insegurança entre os criciumenses, pois, passou a representar um futuro profissional incerto para as novas gerações. É neste contexto, que podemos inferir que os criciumenses investiram em novas alternativas para fugirem da crise, sendo uma delas a migração. No entanto, vale ressaltar que não se busca realizar uma relação de causa e efeito entre a crise econômica deste período e a migração aos Estados Unidos. Não é a profunda crise da mineração e a utilização de novas tecnologias no setor ceramista que sozinhas vão induzir a migração. A compreensão deste período procura situar o momento em que a migração internacional vai se caracterizar em um fluxo contínuo, contudo, devemos buscar compreender outros elementos que estavam presentes na cidade que incentivaram a migração internacional. E mais, buscar compreender porque o fluxo migratório se dirigiu aos Estados Unidos e não a outros países. Visando elucidar estas questões faz-se necessária a análise da constituição de um imaginário citadino voltado à migração, imaginário este que promove um estreitamento dos laços Brasil/ Criciúma – Estados Unidos. Nesse sentido, vamos apontar algumas características que podem ter auxiliado nesta aproximação.

1.1 OS ESTADOS UNIDOS PRA CRICIUMENSE VER

Na década de 1960 é bastante comum encontrar no jornal Tribuna Criciumense[15] matérias que destacavam notícias referentes aos Estados Unidos. A temática de algumas dessas matérias envolve o projeto de extensionismo rural desenvolvido no período em Santa Catarina. A partir da implantação do Escritório Técnico de Agricultura (ETA) em 1957 no estado, este projeto ganha visibilidade. Seu principal objetivo é executar os serviços de extensão rural no estado, promovendo assim, um intercâmbio de tecnologias agrícolas advindas de diversos países.

> Uma das políticas de atuação do ETA foi criar em 1957, a Associação de Crédito e Assistência Rural de Santa Catarina (ACARESC) que visava sobretudo a modernização da agricultura no Estado, através de importantes iniciativas como uma política estadual de crédito agrícola que permitisse aos agricultores adquirir insumos e fertilizantes de empresas norte-americanas. É importante mencionar que o extensionismo rural no Brasil trabalhou fundamentalmente com a modernização da agricultura, centrada no projeto de desenvolvimento agrícola com alta produtividade estreitamente dependente das técnicas modernas. (SANTOS, 2007, p. 74)

[15] O jornal foi criado em 02 de Maio de 1955 por José Pimentel sendo um dos principais jornais da região no período citado.

Este programa além de possibilitar crédito aos agricultores adultos também buscava realizar uma política educativa para com os jovens do meio rural. Para este público é criado pela ACARESC o Clube 4-S, cuja sigla significava *Saber, Sentir, Servir e Saúde*. O projeto buscava formar um novo jovem rural conhecedor de técnicas e tecnologias consideradas modernas, adquirindo assim, novos hábitos para trabalhar com técnicas agrícolas. Foi neste contexto que alguns jovens realizaram intercâmbios entre Brasil e Estados Unidos. O jornal Tribuna Criciumense noticiou a presença de jovens estadunidenses em Criciúma, assim como destacou a visita da jovem criciumense Ilma Terezinha Arns ao laboratório de pesquisas próximo de Chicago, Illinois, pertencente a Internacional Minerals and Chemical Corporation, um dos maiores produtores de substâncias químicas para fertilizantes, empregadas no Brasil.[16] Podemos inferir que a realização destes intercâmbios possibilitou o estreitamento dos vínculos entre os países, já que sua ampla divulgação na mídia local proporcionou um maior contato da população com o trabalho desenvolvido pelos intercambistas. Além da constituição desses laços ainda podemos perceber que estas trocas visavam difundir e propagandear um ideal de modernidade estadunidense na cidade de Criciúma, baseada na divulgação de novas tecnologias e experimentos realizados naquele país.

Ainda no jornal Tribuna Criciumense podemos perceber a divulgação da cultura estadunidense através da Coluna *Isto é Fato*.[17]Na grande maioria das edições a coluna era composta por três notícias que normalmente não mantinham relação entre suas temáticas. Variavam entre temas que ganharam repercussão mundial como as investigações sobre a morte do presidente Kennedy[18] até as gigantes e antigas Sequóias existentes na região da Califórnia.[19] Contudo, o que chama a atenção é a forma com que os temas são abordados. A escrita dos artigos torna os acontecimentos ocorridos na outra extremidade das Américas, naturais e próximos, como se fossem parte da vivência dos criciumenses. Em nenhum momento busca-se contextualizar as notícias, menos ainda fornecer explicações geográficas sobre o país citado. A escrita do artigo parece partir do pressuposto que estes são dados conhecidos pelos leitores do jornal. Para citar um exemplo desta forma de escrita, um dos artigos fala sobre a Trilha do Appalache destacando os cuidados mantidos nesta área de lazer. Ao encerrar a notícia pode se ler a seguinte orientação: "embora situada nas montanhas, está a apenas meio dia de viagem de automóvel para mais da metade da população dos Estados

[16] UMA criciumense nos EE.UU. *Tribuna Criciumense* 11 - 18 Set. 1965.
[17] Também intitulada algumas vezes como "Um fato em foco". Esta coluna teve circulação entre os anos de 1965 e 1966.
[18] ISTO é um fato. *Tribuna Criciumense*. 7 - 14 de Ago. de 1965.
[19] ISTO é um fato. *Tribuna Criciumense* 24 - 31 de Jul. de 1965.

Unidos."[20] O que chama a atenção nesta fala é a falta de estranhamento com relação as distâncias, ao território de um outro país já que em nenhum momento se faz menção da distância entre a cidade de Criciúma e a Trilha Appalache, por exemplo. Este fato nos faz refletir, que esta sugestão de lazer é voltada a um público que viaja aos Estados Unidos, que de certa forma freqüenta o país.

Ainda analisando a coluna *Isto é fato*, podemos perceber claramente em várias edições, que os artigos procuram evidenciar as inovações tecnológicas estadunidenses. Nestas falas não se busca simplesmente apresentar estas inovações tecnológicas, mas também mostrar como elas podiam beneficiar outros públicos, outros países. Um exemplo destas inovações apresentada pelo jornal é a implantação de um novo gabinete meteorológico nos Estados Unidos que ajudaria a preencher lacunas sobre o modo de se prever o tempo. O artigo traz como notícia a "série de satélites meteorológicos norte americanos Tiros, equipados com câmaras, (que) já revelou importantes tendências das condições do tempo que passariam de outro modo despercebidas."[21] Ao enfatizar que sem os satélites estadunidenses alguns aspectos passariam despercebidos buscasse exaltar a importância desse país e a contribuição de sua tecnologia para o mundo.

É importante ressaltar que a propaganda sobre a tecnologia utilizada pelos Estados Unidos e também os benefícios trazidos por elas estão inseridos no contexto da Guerra Fria, em que os países que representavam o conflito (Estados Unidos e URSS) buscavam fazer propaganda de sua tecnologia principalmente, a militar. Nesse sentido, são muitas as notícias voltadas a tecnologia militar estadunidense no jornal criciumense. Para citar um exemplo, numa das notícias é apresentado o problema dos aviões supersônicos que estavam, por conta de sua velocidade, causando muitos danos, tais como rachaduras nas paredes. Contudo, apesar do problema relatado, o jornal encerra a notícia destacando que este problema estava atrapalhando o desenvolvimento de aviões mais velozes, pois os engenheiros aeronáuticos já teriam condições de fazê-los.[22] Nesta fala o jornal deixa expresso que apesar de alguns entraves os Estados Unidos estavam em constante progresso quando se falava em tecnologia militar. Em outra edição o vôo do novo avião F-111 é extremamente elogiado baseado na seguinte descrição:

> o que torna o F-111 notável é o fato de poder ajustar suas asas em vôo. Para as decolagens e aterrissagens mais lentas o piloto faz com que as asas se projetem para

[20] ISTO é um fato. *Tribuna Criciumense* 28 Ago.- 4 Set. 1965.
[21] UM fato em foco. *Tribuna Criciumense.* 3 - 10 de Jul. 1965.
[22] UM fato em foco. *Tribuna Criciumense*. 17 - 24 de Jul. 1965.

> fora quase em linha reta. Para as velocidades supersônicas a grandes altitudes, as asas são recolhidas a fim de produzirem menor remuo, ou atrito.[23]

Os elogios a este avião também são estendidos em outra edição aos porta aviões. Nesta notícia é relatada uma viagem de circunavegação realizada pelos porta aviões movidos a energia nuclear: Enterprise, cruzador Long Deach e fragata Bainbridge. Os três, segundo a notícia, viajariam 30 000 milhas (48 000 quilômetros) "sem reabastecimento de combustível e munição de boca. A maior dessas unidades e também um dos mais velozes navios de guerra do mundo, o Enterprise, tem, em sua pista de pousos, lugar para oito campos de futebol e ainda sobra lugar"[24]

A presença destas notícias no jornal criciumense nos leva a refletir sobre a aceitação e também os interesses na divulgação destas informações. Como as notícias e de modo geral, a coluna, não são assinadas se torna muito difícil rastrear a trajetória destas informações. Assim, podemos supor que o jornal buscava trazer estas notícias para um público que se interessava em acompanhar os avanços realizados pelos estadunidenses. Podemos inferir ainda, que este público poderia ter contato direto com este país ao realizar viagens para o mesmo. Nesse sentido, a divulgação destas notícias estaria destinada a um público que buscava se atualizar tanto geograficamente com o território estadunidense quanto em busca de curiosidades e principalmente, nos avanços tecnológicos proporcionados por aquele país.

Contudo, pensar estas notícias somente a partir deste suposto público de leitores é uma forma reducionista de analisarmos estas informações. Nesse sentido, podemos inferir que a divulgação destas notícias pode partir do interesse do próprio jornal em naturalizar certas temáticas, objetivando inserir a cultura estadunidense no cotidiano dos criciumenses. Este esforço em naturalizar estas notícias pode ser visto no *slogan* do jornal que fica situado na página em que as informações sobre os Estados Unidos são vinculadas: *Leiam e Assinem Tribuna Criciumense prestigiando o que é nosso*. Ao motivar as assinaturas do jornal, o mesmo destaca a importância dada às notícias "nossas" de nosso interesse ou de interesse do jornal. Nesse sentido, o Tribuna Criciumense estaria auxiliando na divulgação da cultura estadunidense e reforçando um imaginário que já vinha se constituindo na cidade, principalmente através do cinema. As "imagens em movimento" chegam à Criciúma ainda na década de 1940. Neste período é inaugurado o Cine Rovaris. Posteriormente, em 1955 é inaugurado o Cine Milanez e já na década de 1960 surgem mais três cinemas na cidade: o Cine Itália, o Cine Guarani e o Cine Ópera. (NETO, 2006, p. 2) A programação dos filmes

[23] ISTO é um fato. *Tribuna Criciumense*. 4 - 11 de Set. 1965.
[24] ISTO é um fato. *Tribuna Criciumense* 14 - 21 de Ago. 1965.

exibidos nestes cinemas era divulgada nos jornais locais, principalmente no Tribuna Criciumense. Dessa forma, diversos elementos da cultura estadunidense estavam presentes no cotidiano dos leitores criciumenses reforçando um imaginário daquele país entre os moradores do sul catarinense.

Isto é um fato

Doze mil pessoas moram na Eastern Island, que fica situada a uns 3.840 quilômetros a oeste do Chile, no Oceano Pacífico. Constituem a comunidade intercruzada e isolada que existe. Os cientistas estão estudando a saúde, a hereditariedade e os hábitos dêsses insulares antes que um aeroporto transoceânico a ser construído nessa ilha os exponha ao contato frequente com o «mundo exterior».

Durante o segundo vôo de provas, o novo avião F-111 da Fôrça Aérea dos Estados Unidos (USAF) se comportou perfeitamente. O que torna o F-111 notável é o fato de poder ajustar suas asas em vôo. Para as decolagens e aterrissagens mais lentas, o pilôto faz com que as asas se projetem para fora quase em linha reta (1). Para as velocidades supersônicas a grandes altiudes, as asas são recolhidas (2) a fim de produzirem menor remuo, ou atrito.

[25]

[25] ISTO é um fato. *Tribuna Criciumense*. 4 - 11 de Set. 1965.

interminaveis no alto

Um fato em foco

Os aviões que vôam com velocidade superior à do som (aproximadamente 1.184 kw por hora ao nível do mar) produzem um estrondo sônico. O estrondo é uma onda de choque em forma de cone que segue na esteira do avião. Quando a onda de choque atinge uma pessoa no solo, esta ouve um som semelhante ao um de ruidoso tiro de pistola ou ao estalido de um trovão. Essa onda tem ocasionado o estilhaçamento de vidraças e a rutura de paredes. Os engenheiros aeronáuticos sabem como construir aviões mais rápidos, mas estão em um dilema, pois têm de impedir os danos ocasionados pelo estrondo sônico.

Em menos de 25 anos os livros em brochura modificaram os hábitos de leitura nos Estados Unidos. Encontraveis em quase toda banca de jornal, drogaria ou livraria, as brochuras são compradas à razão de mais de um milhão por dia. Os quase 25.000 títulos ora no prelo vão desde filosofia até novelas policiais. Um dos mais populares livros em brochura é «Meu Filho, Meu Tesouro», do Dr. Benjamin Spock. Já foram vendidos mais de 16 5 milhões de exemplares dêssa obra.

A tala de plástico foi criada pelo Dr. J.W. Gardner, ex-chefe de clínica da Clínica Cleveland, de Ohio. Inflada pelo sopro humano em segundos, a tala área tem por função básica manter os ossos no lugar em casos de fratura, como medida de emergência, até que os mesmos possam ser levados ao lugar e engessados por um médico. A pressão constante controla a hemorragia excessiva e constitui um acolchoado para proteger o membro fraturado.

LEIAM E ASSINEM
Tribuna Criciumense
prestigiando o que é nosso

[26]

1.2 O MIGRANTE – O MITO DO PIONEIRO

Como vimos anteriormente, relatos sobre os Estados Unidos no jornal Tribuna Criciumense eram recorrentes na década de 1960. Contudo, no final desta década outra história estava se constituindo ligando novamente Criciúma aos Estados Unidos. Esta história tem como protagonista Jaci Carminati. Carminati é considerado por muitos, e por ele mesmo, como sendo o "pioneiro" o primeiro criciumense a ir trabalhar nos Estados Unidos. Ele atribui a sua trajetória como sendo a motivação para muitos outros criciumenses. Jaci estudou em um seminário em Minas Gerais e lá conheceu um rapaz que posteriormente migrou para os Estados Unidos. Com este contato estabelecido em 1966 Jaci decidiu trilhar os caminhos migratórios. Depois de estabelecido naquele país levou seu irmão Dino, em 1969. Os dois

[26] UM fato em foco. *Tribuna Criciumense*. 17 - 24 de Jul. 1965.

irmãos decidiram em 1970 fazer uma viagem de carro dos Estados Unidos à Criciúma, uma viagem encarada como aventura que foi noticiada pela rádio local criciumense. Assis e Campos (2009, p. 85) narram que

> A viagem de Mustang da América para Criciúma foi narrada como aventura, com um misto de orgulho e saudade. Dino conta que foram de carro até o Panamá. De lá, como não havia mais estrada, o carro embarcou em um barco e eles foram de avião para Lima, no Peru. No Peru passaram uma semana, aguardando o carro e conhecendo a cidade e seus locais Históricos.

A chegada dos aventureiros à Criciúma teve grande repercussão já que muitos haviam acompanhado a trajetória dos irmãos através da cobertura realizada pela rádio criciumense. Em seguida ambos retornaram aos Estados Unidos, posteriormente as suas esposas, Mirces e Neide juntaram-se a eles naquele país. Já em 1980 a família Carminati decidiu retornar à Criciúma. Neste primeiro retorno, os irmãos Carminati abrem uma rede de danceterias, sendo três boates na cidade de Criciúma e uma no Balneário Rincão.[27]

Por conta dos seus empreendimentos, a trajetória destes irmãos se espalhou pela cidade. A experiência migratória deles é considerada de sucesso e por isso serve de referência para tantos criciumenses. Além da repercussão por conta de seus investimentos, Jaci também se destacou na mídia local através de sua coluna num dos jornais da cidade, mantida durante a década de 1990. Ele também possuía uma pequena empresa em Boston que objetivava orientar os emigrantes na realização de algumas atividades, tais como: "tirar a carteira de motorista, pagarem taxas ao governo norte-americano e fazerem remessas ao Brasil." (ASSIS; CAMPOS, 2009, p. 88) Jaci também promoveu muitos eventos tanto na cidade de Criciúma quanto nos Estados Unidos. Alguns destes eventos buscavam arrecadar fundos para o filme de seu filho Roberto Carminati. Roberto lançou em 2003 o filme "A Fronteira"[28] que trata da experiência de emigrantes brasileiros desde a travessia da fronteira México/Estados Unidos até os problemas com a documentação, mercado de trabalho e relações familiares. Este filme deu visibilidade ao diretor que foi convidado a dar acessoria ao núcleo da novela *América* da rede Globo, novela que também trazia como enredo principal o "sonho de fazer a América". Posteriormente, Roberto lançou outros filmes em que manteve parcerias com estúdios estadunidenses. Muitas das locações destes filmes ocorreram na cidade de Criciúma.

De modo geral, podemos perceber que a exposição da família Carminati na mídia fez a sua trajetória conhecida na cidade. A figura de Jaci Carminati, principalmente, é vista como o

[27] Praia próxima a cidade de Criciúma em que muitos criciumenses passam as férias.
[28] CARMINATI, Roberto. A Fronteira, 2003. 107 min.

"migrante que deu certo", aquele que "conquistou a América" e obteve seu sucesso. Essa trajetória bem sucedida acalenta os sonhos de muitos criciumenses e ajuda a constituir um imaginário voltado à migração entendendo os Estados Unidos como a terra das oportunidades. Além de auxiliar na constituição de um imaginário voltado à migração a experiência dos Carminati ainda possibilitou as primeiras conexões entre Criciúma e a região de Boston.

A trajetória citada acima nos auxilia na compreensão da constituição de um imaginário migratório na cidade de Criciúma. Contudo, outro evento também contribuiu para a consolidação de um imaginário voltado à valorização da figura do pioneiro, do migrante. Este evento foi as *Comemorações do Centenário de Criciúma*.

Como vimos no início deste primeiro capítulo a atividade carbonífera foi responsável pelo desenvolvimento econômico, urbano e populacional da cidade de Criciúma. Por ser a principal atividade econômica durante muitos anos, a extração carbonífera cunhou também uma identidade para a urbe. Os moradores da *Capital Nacional do Carvão* se reconheciam e eram reconhecidos pela atividade exercida na cidade. No entanto, a instabilidade do setor carbonífero incitava o debate sobre a ampliação da economia criciumense.

Juntamente com o debate em torno do problema econômico surgiu a campanha de José Pimentel, em 1955, para que fosse construído um monumento em homenagem aos imigrantes que teriam fundado a cidade. Na visão dele, teriam sido os primeiros habitantes os responsáveis por instaurarem as bases para o progresso criciumense[29]. Ao destacar a valorização dos imigrantes, a proposta em contra-partida, diminuía a importância da atividade carbonífera como determinante econômico. Este texto de José Pimentel foi uma das primeiras iniciativas étnicas públicas em Criciúma. A idéia encontrou diversos adeptos tendo sido consolidada em 1980, ano das comemorações do Centenário da cidade.

O poder público municipal percebeu no Centenário um momento ímpar para recontar a história criciumense. Seria o momento de desvincular a cidade de sua identidade carbonífera. Nesse sentido, a nova identidade apresentada à cidade no período de seu Centenário estaria pautada na etnicidade, centrada nos grupos formadores de Criciúma. Vale ressaltar, que a história oficial criciumense apresentava até este período os grupos italiano, polonês e alemão como os três grupos étnicos fundadores da cidade. No entanto, o poder público municipal incluiu na proposta do Centenário mais dois grupos étnicos: portugueses e negros. A inclusão destes grupos visava inserir no discurso identitário uma grande parcela da população que não

[29] PIMENTEL, José. Monumento ao Imigrante. *Tribuna Criciumense*, Criciúma, 01 de agos. 1955.

se identificava com os três grupos tidos oficialmente como fundadores da cidade. Esta prática demonstra uma preocupação inclusiva e eleitoral por parte do poder público do período.

Importante frisar que este discurso identitário baseado na etnicidade não partia da iniciativa popular, mas sim, do poder público municipal. Nesse período, segundo Maria Marlene Milanez Just, então secretária municipal de educação e uma das organizadoras do Centenário, a população não conhecia a palavra "etnia" não sabia seu significado, sendo, portanto necessário um trabalho nas escolas para divulgar a etnicidade criciumense.[30] Evidentemente, que as pessoas vivenciavam suas relações identitárias e étnicas em seu cotidiano, no entanto, não utilizavam este termo para salientar as diferenças entre os grupos. Os criciumenses utilizavam em seu cotidiano marcadores identitários com os quais estavam habituados a identificarem os diferentes grupos presentes na cidade. Contudo, a etnicidade apresentada pelo poder público municipal estava centrada em danças e comidas típicas, em vestimentas típicas e numa linguagem que eram estranhas a maior parte dos criciumenses. Mesmo que o povo não compartilhasse do mesmo conceito de etnia que o poder público, as relações étnicas eram vivenciadas na cidade, fato que auxiliou na constituição desta nova identidade, pois segundo Hobsbawm, as tradições inventadas somente são aceitas quando alguns elementos já estão presentes no cotidiano do povo. A partir deste reconhecimento se inicia a normatização da prática que ocorre através da repetição gerando continuidade em relação ao passado. (HOBSBAWM, 1997, p. 9)

Assim, em 6 de Janeiro de 1980 teve início o ano comemorativo do Centenário. Um ano marcado por diversas festas que visavam a divulgação da nova identidade criciumense. Contudo, a nova proposta identitária não poderia ser reduzida a apenas uma comemoração. Desta forma, buscou-se a continuidade da nova identidade através de alguns marcos constituídos na cidade: o *Museu da Colonização Augusto Casagrande, o Monumento às Etnias* e posteriormente a *Quermesse de Tradição e Cultura.*

O *Museu da Colonização Augusto Casagrande* foi criado com o objetivo de preservar a memória das cinco etnias tidas como formadoras da cidade. O museu seria o local em que a identidade constituída no Centenário estaria sendo divulgada e reforçada para os criciumenses. O estabelecimento surgiu a partir da doação da família Casagrande, representada pela pessoa de Joacy Casagrande que impôs uma condição para a doação do imóvel: "a família dá esse casarão aqui com terreno anexo só que tem que botar o nome do

[30] Maria Marlene Milanez Just. Entrevista concedida no dia 23 de Março. 2007 a Dorval do Nascimento e Michele Gonçalves Cardoso. A entrevistada foi Secretária de Educação no Município de Criciúma no período das Comemorações do Centenário, tendo participado ativamente como organizadora do evento.

meu avô, o Augusto Casagrande" [31]. O pedido foi aceito e o museu recebeu o nome do antigo proprietário. Contudo, a nomenclatura causou mal estar entre alguns representantes dos grupos étnicos que se sentiram desprestigiados, pois o Museu que representava a colonização criciumense acabou por valorizar uma única etnia, a italiana. Por conta deste mal estar, o próprio prefeito Altair Guidi teve que acrescentar em seu discurso de inauguração do Museu uma ressalva dizendo que mesmo recebendo o nome de um representante da etnia italiana, o Museu era de todos.

O *Monumento às Etnias* foi construído com o objetivo de homenagear os grupos tidos como formadores da cidade. Após a realização de um concurso para a execução da obra a proposta de Manuel Coelho, professor da Universidade Federal do Paraná e arquiteto responsável por inúmeras intervenções urbanas em Criciúma nesse período, foi contemplada. O monumento apresenta cinco colunas de tamanhos diferentes, dispostas de maneira hierárquica, ou seja, do maior para o menor. Esse monumento recebe diversas interpretações, sendo que boa parte da população entende que o monumento expressa nas cinco colunas, os cinco grupos étnicos. Como estão dispostos hierarquicamente ele é lido do maior para o menor, começando pela etnia italiana, alemã, polonesa, portuguesa e negra. Esta leitura representaria as relações de poder estabelecidas na cidade. No entanto, a versão oficial, apresentada no período do Centenário, é a de ser uma mão que sai da terra e ganha espaço, sendo que esta mão representaria o trabalho dos colonizadores no chão criciumense.

Por último podemos apontar a *Quermesse de Tradição e Cultura* como um dos marcos mais importantes deixados pelo Centenário. Ao retornar a administração municipal em 1989, Altair Guidi propõe que os grupos étnicos presentes naquela comemoração organizassem uma festa. Ao discorrer sobre a criação da Quermesse, Maria Marlene Milanez Just relata que ela seria um laço de continuidade do centenário, que manteria a mesma proposta identitária, "porque um povo sem identidade, um povo que não tem cultura, um povo que não conhece a sua origem, não tem identidade nenhuma"[32]. Nesse sentido, a criação da festa tinha como objetivo reforçar anualmente a identidade urbana constituída no centenário.

Ao expor como se deu a transformação da identidade urbana criciumense no período de seu Centenário, podemos perceber que a cidade que tinha sua identidade baseada no carvão, entendendo que esta atividade havia sido o elemento determinante para a construção citadina, altera o seu discurso para a valorização dos imigrantes que teriam formado a cidade. Dessa forma, o discurso transmitido é aquele que coloca a figura do pioneiro como

[31] Ibidem.
[32] Entrevista Maria Marlene Milanez Just.

determinante do progresso criciumense. Para este discurso, independente das riquezas que pudessem existir no solo criciumense foi somente a partir da ação dos imigrantes que a cidade conseguiu ocupar o lugar de polo da região sul catarinense. Ou seja, o elemento determinante para o crescimento da cidade haviam sido seus "bravos" colonizadores.

Assim, vale ressaltar que se reforça um imaginário em torno da imigração, pois as falas relacionadas aos colonizadores exaltavam o sucesso migratório de suas experiências. As narrativas migratórias são repletas de dificuldades, superação, fé e determinação. As dificuldades são sempre evidenciadas, desta forma a trajetória dos imigrantes se torna ainda mais heróica. A imagem do imigrante é constituída na superação, sendo assim, independente das adversidades enfrentadas no local de destino migratório a determinação para vencê-las seria a principal característica destes migrantes. Através destas narrativas podemos perceber a constituição de um estereótipo de migrante e de migração em Criciúma. Este estereótipo divulga para a cidade a imagem do imigrante "que deu certo". Esta imagem se perpetuou na cidade através dos marcos instituídos pelo Centenário. O Museu, o Monumento e a Festa são a identidade criciumense baseada na etnicidade materializadas no cotidiano dos criciumenses. Locais em que a memória da imigração é lembrada e revisitada.

Esta valorização dos migrantes fez com que muitos criciumenses se interessassem em pesquisar sobre suas origens. Muitas famílias perderam ou se desfizeram de documentos de seus antepassados, principalmente no período em que Getúlio Vargas institui a política da nacionalização. Desse modo, a procura por informações dos antepassados aumentou na mesma proporção em que se divulgava uma nova imagem destes colonizadores. Este foi um momento em que os contornos étnicos estavam sendo delineados e novas constituições identitárias divulgadas. Um exemplo destas novas constituições gira em torno da italianidade. Segundo Savoldi (1998, p. 43) "valores que serviam para depreciar são ressignificados, o que no passado significava ser grosso, colono, agora denota sinônimo de *status"*.

Esta procura por informações dos antepassados aumentou a busca pela dupla cidadania. Aos descendentes de italianos o que assegura o reconhecimento desta cidadania é o *Jus Sanguinis,* ou seja, "vínculo sanguíneo do ascendente italiano em linha direta até seus descendentes, sejam do bisavô para o avô, deste para o pai, do pai para o filho, em seqüência até o pretendente, sem limites de geração." (SAVOLDI. 1998, p. 81) Para muitos, conseguir a dupla cidadania significava um elo de ligação com seus antepassados. Era uma forma de valorizar as diferentes trajetórias de tantas famílias de imigrantes que teriam colonizado a região do sul catarinense. Essa procura pela dupla cidadania foi realizada principalmente, pelos descendentes das famílias italianas. Contudo, possuir dupla cidadania europeia podia

significar, para muitas pessoas, mais do que um vínculo com o passado em outras terras, podia significar também a oportunidade de buscar por novas terras. Com o aumento do fluxo migratório para os Estados Unidos a liberação de vistos para este país se tornou muito difícil nos últimos anos. Assim, portar um documento que apresenta cidadania europeia é uma estratégia utilizada por muitos para ter acesso ao "sonho americano." A cidadania europeia pode ser encarada como mais uma escala na viagem rumo aos Estados Unidos.

Nesta breve análise sobre a constituição de um imaginário criciumense em torno da migração, podemos evidenciar que vários elementos estavam presentes na cidade reforçando este imaginário. A etnicidade valorizada pelo Centenário e a exposição da trajetória de lutas dos primeiros colonizadores, ajudaram a difundir a busca por novas terras e o sonho de uma imigração bem sucedida. Evidentemente, que estes processos migratórios são muito diferentes, no entanto, o discurso migratório é assumido pela cidade e a migração é ressignificada. Ao acionar a etnicidade dos antepassados os criciumenses também se utilizam da dupla cidadania como trampolim para a experiência migratória. Contudo, os criciumenses em grande parte, não migram para os locais de seus antepassados, ou seja, elementos da migração de colonização são evocados, porém são transformados por um novo contexto. Neste novo contexto o sonho migratório é direcionado aos Estados Unidos, país que divulga sua cultura e instiga muitos a buscarem o sonho de "fazer a América". As propagandas relacionadas aos Estados Unidos faziam parte do cotidiano da cidade assim como, as histórias de sucesso e aventura divulgadas pelos Carminati. Ao elucidar alguns elementos que auxiliaram na criação de um imaginário voltado à migração na cidade de Criciúma, também devemos destacar que ao migrar para os Estados Unidos, Jaci Carminati fez a primeira conexão com a região de Boston. Em seguida, Jaci levou aos Estados Unidos parentes e amigos, sendo que estes também incentivaram outras migrações. Estas redes tecidas pelos migrantes evidenciam outra característica fundamental para o elevado número de criciumenses nos Estados Unidos: as redes sociais.

1.3 AS REDES SOCIAIS: CRICIUMENSES NOS ESTADOS UNIDOS

Os fenômenos migratórios não são características presentes somente na contemporaneidade. Estes fenômenos estão presentes nos mais diferentes períodos históricos e foram motivados pelas mais diversas situações. Contudo, nos últimos anos estes fenômenos chamaram a atenção de muitos estudiosos, principalmente dos sociólogos e antropólogos, que buscavam teorias para melhor compreender estes deslocamentos populacionais.

Buscando fazer uma análise das diferentes teorias envolvendo os processos migratórios, Siqueira (2006) traça um histórico das diferentes abordagens que foram sendo constituídas com relação às migrações contemporâneas. Sua análise inicia com os clássicos: Marx, Durkheim e Weber. Em seguida, analisa as contribuições da Escola de Chicago e dos teóricos Neoclássicos. Siqueira aponta diversas teorias e também evidencia as críticas direcionadas as abordagens teóricas. Muitas críticas estavam relacionadas ao fato de que muitos teóricos buscavam compreender as motivações migratórias utilizando apenas alguns aspectos das migrações. Nesse sentido, para a autora "nenhuma dessas perspectivas explicativas, isoladamente, se constitui num arcabouço teórico que dá conta de explicar o fenômeno da migração internacional privilegiando todos os seus aspectos micro e macro". (SIQUEIRA, 2006, p. 161) De modo geral, cada abordagem teórica contribuiu para a análise do fenômeno migratório e possibilitou que novos estudos fossem realizados.

Recentemente muitos autores estão recorrendo ao estudo das *redes sociais*.[33] Esses "autores consideram a necessidade de estudar a migração, não como uma decisão individual baseada em critérios econômicos. A decisão de migrar passa por um conjunto de conexões estabelecidas por relações sociais." (SIQUEIRA, 2006, p. 39) As redes sociais podem ser compreendidas enquanto mecanismos facilitadores no processo migratório. As redes constituídas são como pontes em que informações entre o local de origem e de destino migratório são transmitidas. Estas informações ajudam a diminuir os riscos do projeto migratório, pois se configuram num primeiro contato com o país de destino. Através destas redes que são estabelecidas entre parentes, amigos ou conterrâneos, circulam informações referentes a empregos ou moradia no local de destino, informações cruciais para um recém chegado. Vale ressaltar, que grande parte dos brasileiros que migram para os Estados Unidos não domina a língua inglesa, fato que acarreta diversos problemas na sociedade receptora. Estes problemas decorrentes das diferenças entre os países de origem e destino são amenizados quando as redes sociais são acionadas. Através destas redes os migrantes promovem o *help*, que seria um auxílio a um recém chegado. Imigrantes estabelecidos no país de destino hospedam os novos migrantes em suas casas, muitas vezes gratuitamente por um pequeno período, até que aquele possa arranjar emprego e moradia. Este auxílio também pode ser acionado em diferentes momentos, como na travessia da fronteira (principalmente quando

[33] Com relação às redes sociais vale ressaltar que alguns teóricos fazem distinções entre estas redes. Alguns entendem ser pertinente dividi-la em três categorias: social, pessoal e migratória. Para uma compreensão mais aprofundada sobre o tema ver a discussão na tese da Socióloga Sueli Siqueira e na tese da Antropóloga Glaúcia de Oliveira Assis. Este trabalho não visa um aprofundamento das teorias em torno das redes sociais, nesse sentido, vamos apontar as contribuições destas redes, de modo geral, na cidade.

essa é realizada pelo México), na procura por emprego e nos modos de se obter os documentos, não somente de legalização, mas também documentos falsos.

Nesse sentido, podemos evidenciar que as redes sociais agem tanto no local de origem quanto no local de destino do fluxo, pois o auxílio prestado através das redes

> vão desde presentes para os parentes que moram no Brasil, até o cuidado dos filhos que permaneceram no país pelos avós, ou empréstimos para aqueles que ficaram e a administração do dinheiro que os migrantes remetem pelos parentes, ou uma força dos pais viajando para o país de destino quando as filhas estão para ganhar seus filhos/as nos Estados Unidos. Esse dar e receber não ocorre sem conflitos, mas o que importa ressaltar, é a relevância dessas conexões para o empreendimento migratório. (ASSIS, 2004, p. 58-59)

As conexões estabelecidas através das redes sociais entre o lugar de origem e o destino migratório evidenciam que as redes auxiliam no direcionamento do fluxo migratório. Isso se dá porque as informações entre os locais são transmitidas com facilidade, assim, visando diminuir os riscos da migração para o exterior os futuros migrantes se direcionam para locais em que possam contar com o apoio de amigos, parentes ou conterrâneos.

> Assim, os imigrantes potenciais concentram-se naquelas poucas localidades onde têm fortes ligações com o lugar de origem deixando de considerar muitos outros destinos teoricamente disponíveis. Neste sentido, as redes limitariam as opções dos migrantes. (SASAKI; ASSIS, 2000, p. 11)

Na cidade de Criciúma podemos evidenciar a constituição de uma complexa rede de relações que conecta algumas cidades da região de Boston à vida cotidiana dos criciumenses. Nesse sentido, fica claro que a consolidação das redes sociais na cidade foram de fundamental importância para constituição e manutenção do fluxo para os Estados Unidos. Como já demonstrado anteriormente as crises econômicas, o imaginário em torno da migração e a presença de alguns elementos que propagandeavam os Estados Unidos em Criciúma são alguns pontos que levaram muitos criciumenses a buscarem os Estados Unidos como alternativa de uma melhor condição de vida. No entanto, as redes asseguram a continuidade do fluxo através do tempo. As trocas de informações entre os lugares, as remessas enviadas pelos migrantes, a "propaganda" que muitos parentes fazem em torno das "facilidades" de se ganhar dinheiro no exterior ajudam a manter vivos os elos de ligação entre os lugares e auxiliam muitos criciumenses a migrar para os Estados Unidos.

Dessa forma, as redes sociais constituídas em Criciúma são de fundamental importância para analisarmos o fluxo migratório em direção aos Estados Unidos. Outros

elementos, como as agências de viagem, também estão presentes na cidade facilitando o fluxo, no entanto, a maioria dos criciumenses se utiliza de pessoas conhecidas para obter informações e auxílio tanto para a viagem quanto para a chegada no país de destino. "Portanto, as redes sociais também revelam que a migração é um projeto econômico, familiar e afetivo, o qual envolve aqueles que partiram e aqueles ficaram no processo." (ASSIS, 2004, p. 69)

Como vimos as redes sociais estão presentes no local de origem e no local de destino das migrações. Ao manter esse laço entre os lugares, nestas redes são facilmente transmitidas informações sobre o projeto migratório. Uma dessas informações transmitidas são os meios de se conseguir chegar aos Estados Unidos. Nos últimos anos se tornou muito difícil a liberação de vistos para criciumenses. Dessa forma, muitos buscaram outras maneiras de chegar à "terra do Tio Sam". Uma das estratégias utilizadas é a travessia via México. Como já citado anteriormente, a travessia desta fronteira já foi retratada em filme, como o de Roberto Carminatti, e sem dúvida, os relatos sobre esta travessia poderiam fornecer muitos enredos cinematográficos. Na maioria das vezes a "aventura" começa quando acionam um coiote. O coiote é uma pessoa paga para realizar a travessia, é ele que orienta toda a trajetória rumo aos Estados Unidos. A busca por ultrapassar as fronteiras pode levar dias. Neste pacote está contido muitos dias de caminhada pelo deserto, a travessia do rio a nado, assim como a exploração contínua por parte dos coiotes, que vendem água e comida por preços exorbitantes. João da Silva nos relata como se deu a sua travessia:

> Fui pelo México, peguei coiotes mexicanos e tudo. Os coiotes começam a levar a gente para um lado pro outro, e nos perdemos no meio do mato. Eu fiquei nove dias, porque me perdi do grupo. Não se entende o que passa lá. Todo mundo preparado e ansioso. Quando chega lá, não sei se é invenção deles, toca sirene, toca tudo, polícia no meio do mato, no rio, não sei se eles que fazem aquilo ali com água com o barco tocando sirene, dizendo:– Polícia! Polícia! Polícia! Polícia!Volta todo mundo... Ai fica mais um, dois dias aguardando.[34]

Através deste relato podemos ressaltar que as dificuldades são muitas, mas esse fato não diminui o número de pessoas que decidem por enfrentar estes riscos. Silvano Salvador conta que atravessou a fronteira com sua irmã e com seu cunhado. A irmã naquele período estava em torno do quinto ou sexto mês de gestação, por isso muitas vezes "ela não tinha mais fôlego, nós corríamos e puxava ela pelo braço, eu puxava pelo um braço meu cunhado pelo

[34] Entrevista realizada por Emerson Cesar Campos concedida em 01 de Novembro de 2006.

outro"[35]. Nesses casos, mesmo perante muitas dificuldades, a travessia obteve sucesso. Contudo, esta realidade não é comum a todos. O Jornal da Manhã de 3 de Agosto de 2005 traz como matéria de capa a deportação de brasileiros, tendo no grupo alguns criciumenses. A matéria aponta os riscos da travessia e enfatiza que estes deportados estão felizes por terem voltado bem à sua terra. Como destaque a notícia apresenta "A travessia ilegal é um risco, não só financeiro, mas de morte."[36]A reportagem expressa um dado real, muitos são os brasileiros que não sobrevivem a travessia. Sobre a realidade vivenciada na fronteira, Gladis Sarvalaio faz o seguinte relato:

> Eu tive a oportunidade de viajar também ao México eu fui conhecer a travessia dos brasileiros através do rio, rio grande ali, e o que eu vi foi assim um horror porque acabavam morrendo, as famílias aqui achando que tinha desaparecido que tavam presos que... então a visão que tu tens lá do México, olha é de uma guerra né porque eu nunca vi tantas cruzes na minha vida e todos indicados por número ou simplesmente uma cruz porque não sabe... na época que a gente viajou eu cheguei num lugar que uma outra ONG fotografava as pessoas que eles achavam mortas no rio, as vezes eles levavam dias, eles eram identificados através de urubus e corvos que ficavam naquela região ali, e ai teve um caso que quando a gente chegou lá tava num armário assim e o cara disse assim, o policial mexicano: oh ali tem um acho que é brasileiro. Eu tirei assim, abri a gaveta eles me deixaram ver o passaporte de um garoto de 18 anos da cidade de Tiros em Minas Gerais que eu não esqueço o nome (...) e a família não sabia que ele estava morto né que tava desaparecido eles acharam que ele tinha entrado nos Estados Unidos e a gente acabou avisando então a família na volta pra cá que esse garoto... e o que mais me chamou a atenção é que dentro da carteira o que tinha era uma foto da mãe e do pai e um Band-aid né então ele estava preparado pra uma longa viagem decerto porque tinha que fazer a travessia a pé.[37]

Nesta fala a entrevistada retrata uma realidade que muitas vezes não é divulgada, ou que é suprimida pelas histórias de sucesso econômico de muitos migrantes. A busca por atravessar a fronteira entre dois países pode ter um preço muito alto, a própria vida. Nesse sentido, segundo Emerson César de Campos (2003, p. 108) "a fronteira representa uma área de litígio, espaço praticado do desequilíbrio", um ritual de passagem que marca o início, ou o fim de muitos sonhos. Para aqueles que atravessam a fronteira com sucesso, seja via deserto do México, ou com visto de estudante, ou de turista, a chegada apresenta muitos outros desafios.

---

[35] Entrevista Silvano Salvador concedida em 25 de Março de 2010 à Michele Gonçalves Cardoso. O entrevistado migrou duas vezes tendo nos dois períodos trabalhado de entregador em uma pizzaria. Ao voltar para Criciúma montou uma vídeo locadora.

[36] Jornal da Manhã. 3 de agosto de 2005.

[37] Entrevista Gladis Sarvalaio concedida em 09 de Abril de 2010 à Michele Gonçalves Cardoso. A entrevistada é diretora executiva da Associação Feminina de Assistência Social de Criciúma (Afasc). Gladis realizou esta viagem á fronteira México/ Estados Unidos, quando trabalhava para a Casa do Migrante Catarinense. Esta instituição será abordada no capítulo 2.

Um dos primeiros desafios sem dúvida é a busca por um emprego. Muitos migrantes acabam por contrair dívidas para poder pagar as despesas da viagem, portanto precisam iniciar em um trabalho o mais rápido possível. Outros têm como obrigação enviar dinheiro para os familiares que ficaram no Brasil, assim, não se dão ao luxo de procurar muito aceitando a primeira proposta de trabalho. Segundo Meihy (2004, p. 124)

> a aceitação de qualquer trabalho, por variado ou exótico que seja, compõe o universo de possibilidades daqueles que se determinam à permanência. Os brasucas, como tantos outros participantes de fluxos imigratórios, quase sempre, partem do princípio de que, pelo menos em uma fase introdutória, têm de aceitar a mudança de função, fazendo o que aparecer, vigorando o princípio "aquilo que der mais".

De modo geral, os brasileiros em situação de migração não exercem nos Estados Unidos as atividades que exerciam no país de origem. Normalmente, os imigrantes fazem trabalhos que estão ligados aos serviços de limpeza, alimentação ou construção civil. As atividades são variadas, indo de lavador de pratos em um restaurante a faxina doméstica. Muitos destes imigrantes nunca haviam pensado em exercer estas atividades no Brasil, pois argumentam que estas profissões são esvaziadas de *status* em seu país de origem. Nesse sentido, podemos perceber que no contexto migratório estas profissões são ressignificadas:

> Deixar de ser professor, contador, pequeno sitiante, estudante ou dona de casa para tornar-se lavador de pratos, jardineiro, babá, preparador de comida, ajudante de garçom ou faxineira acarreta perda de status ocupacional. No entanto, tal troca vem acompanhada por outras compensações. (MARTES, 1999, p. 26)

Evidentemente, uma destas compensações está ligada ao salário recebido. Receber em dólar e semanalmente faz com que muitos migrantes tenham a sensação de que no país de destino é mais fácil juntar dinheiro, sempre tendo em vista os gastos e os ganhos no Brasil, assim como a valorização das moedas. As "verdinhas" tão desejadas chegam ao bolso toda semana e provêm de diferentes empregos, pois a maioria dos migrantes faz um *part time*, ou seja, trabalha em dois, ou até mesmo três empregos em períodos diferentes do dia. Apesar das dificuldades advindas principalmente por conta do idioma os brasileiros vão trocando informações sobre locais e possibilidades de emprego. Nem mesmo a falta de documentos é empecilho para a inserção no mercado de trabalho,

> pois grande parte dos imigrantes adquire um *Social Security Card* falsificado (cartão através do qual contribuem com o sistema de seguridade social), o principal documento de identificação norte-americano e o único exigido no ato da contratação. (SCUDELER, 1999, p. 224)

Essas estratégias com relação ao mercado de trabalho também fazem parte da rotina dos criciumenses. Quando abordados sobre os trabalhos executados nos Estados Unidos, estes migrantes iniciavam suas falas sempre do mesmo modo: *eu comecei como tudo mundo começa*... e como tudo mundo começa? Podemos visualizar as relações de trabalho dos imigrantes como uma escalada profissional. O recém-chegado começa pelos primeiros "degraus": limpeza de hotéis, asilos de idosos, hospitais, ou ainda como lavadores de pratos ou ajudantes de faxina.

> Poucos meses depois eles conseguem outro emprego mais bem remunerado e menos 'duro'. O passo seguinte pode ser o de trabalhar como ajudante de cozinheiro, entregador de jornal ou pizza, balconista de lanchonete (...) ou ainda como ajudantes de garçom. (MARTES, 1999, p. 104)

Estes empregos normalmente servem de trampolim para outros mais reconhecidos e melhor remunerados, como o setor da construção civil e a faxina doméstica quando são proprietários de um *business* (companhia de limpeza). Esta mobilidade pode ser entendida como "invertida se pensarmos em prestígio, mas não se pensarmos em remuneração, o que demonstra que os brasileiros adotam critérios diferentes nas duas sociedades." (MARTES, 1999, p. 104)

A busca pela mobilidade dentro de uma empresa é pontuada pela maioria dos criciumenses. Na fala abaixo podemos ver claramente um exemplo destas relações:

> Eu comecei como tudo mundo começa né lavando prato. Depois como eu tinha... tinha não, tenho meus cunhados lá, meu cunhado ele trabalha numa rede de que é a padaria nossa aqui, Dunkin' Donuts que é o que faz café é igual ao Mac Donald's só que o contrário. O Mac faz lanches salgados essas coisas, essa rede também faz, mas é mais café, então aprendi a trabalhar na cozinha e fazer os doces que faziam, pão e tal, ai depois ainda não era aquilo porque eu queria mais, e aquilo lá tipo eu tinha um cheque por semana do que eu fazia e eu queria ter dinheiro todo dia pra poder o cheque que eu ganhava pra poder guardar então quer dizer tinha que trabalhar num lugar que você ganhasse gorjeta e pra mim...eu tinha que aprende a falar inglês. Então você aprende o básico que é pra comunicar e tal e ai o dia a dia você vai aprendendo. Então a minha irmã trabalhava na parte final né que era na frente que era atender e falava bem daí comecei a treinar na frente e sai da cozinha e fui trabalhar na frente.[38]

Neste relato podemos perceber que num primeiro momento o criciumense aceitou trabalhar na cozinha do Dunkin' Donuts, mas logo percebeu que tinha possibilidade de

[38] Entrevista Fábio Pereira concedida em 01 de Abril de 2010 a Michele Gonçalves Cardoso. O entrevistado é dono de uma revenda de carros usados no centro da cidade.

aumentar seus ganhos caso fosse trabalhar na parte da frente do estabelecimento, ou seja, se fosse atender aos clientes. Mas, para isso precisava dominar um inglês básico. Assim, podemos evidenciar que o domínio da língua inglesa é condição básica para a mobilidade de funções. Neste outro relato, a relação da aprendizagem da língua com a melhora de funções e de rendimento financeiro também é relatada:

> Eu peguei um subemprego que era lavar carro e tal e fui aprender o inglês em uma igreja (...) ai eu aprendi primeiro o espanhol pra depois aprende o inglês. Ai sim ai as portas se abriram mais. Falando inglês tu já vai passar dos fundos do restaurante pra atender busboy limpar mesa busgirl se for menina né e pode até trabalhar de garçom atendente de mesa ai já nós já vamos falar num dinheiro bem melhor e a língua se tu não falar a língua tu vai ser sempre subemprego (...)[39]

Nesta fala fica clara a relação que Marcos da Silva faz com o domínio da língua e a mobilidade de funções. Para ele aceitar um subemprego faz parte do processo inicial da migração, mas essa condição deve mudar a partir do interesse de um aprofundamento da língua inglesa. O aperfeiçoamento da língua oportuniza aos imigrantes subirem na hierarquia das empresas além de auxiliar nas relações com o país de destino. O domínio do inglês possibilita que o migrante possa fazer cursos e assim, melhor corresponder as expectativas da empresa em que trabalha. Este foi o caso de Edna Farias que ao ingressar numa rede de cafeterias, buscou fazer cursos na universidade, cursos de formação para empresas possibilitando assim, que ela se estabilizasse no cargo de gerente comercial e de treinamento.[40]

O domínio da língua e a mobilidade dentro de uma empresa podem ser os impulsionadores no trampolim do mercado de trabalho. Este foi o caso de Gladis Sarvalaio que iniciou trabalhando como entregadora de jornal em um período e no outro limpava banheiros na Polaróide. Em seguida, passou a trabalhar também no Dunkin' Donuts primeiro era responsável pela limpeza da cozinha, depois passou à caixa e por último para *manager* (gerente). Nesse período percebeu a necessidade de aperfeiçoar mais seu inglês.

> Aí eu aprendi o inglês. Era o inglês básico. Eu falava milhões de vezes a mesma palavra na frente do espelho, tá. Eu decorava textos dos livros pra poder conversar com o cliente, por que eu não sabia. E uma outra situação engraçada é que eu não sabia os números né? E quando eles perguntavam *How much?* eu sabia que tava

[39] Entrevista Marcos da Silva concedida em 15 de Abril de 2010 à Michele Gonçalves Cardoso. O entrevistado possui uma pizzaria em Criciúma, uma parceria que realizou com o irmão, que no período em que Marcos estava nos Estados Unidos ficou cuidando dos negócios.

[40] Entrevista Edna Farias da Silva concedida em 30 de Março de 2010 à Michele Gonçalves Cardoso. A entrevistada trabalha na UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense onde leciona nos cursos de idioma Inglês e Francês.

> perguntando o preço né? Então eu apontava pra máquina. Como quem dizia: "Oh, ta ali". Então as pessoas viam e acabavam me pagando. Mais isso pouco tempo. A convivência eu fui aprendendo.[41]

No ponto alto de sua escalada dentro da cafeteria, Sarvalaio entrou em contato com um dos clientes que lhe ofereceu uma outra oportunidade de emprego. Assim, Gladis começou a trabalhar numa empresa que realizava eventos por todo território estadunidense. Estes degraus alcançados pela emigrante demonstram que as oportunidades vão surgindo dentro da própria empresa ou ainda que a experiência num ramo de trabalho pode abrir portas para desempenhar outras funções dependendo das redes que tece. Contudo, depois de um período trabalhando nesta empresa Gladis decidiu voltar ao Brasil. No entanto, não conseguiu se adaptar com facilidade e depois de seis meses em Criciúma decidiu retornar aos Estados Unidos. Sua vaga no seu antigo emprego já havia sido preenchida e por isso a criciumense decidiu montar uma companhia de limpeza. Como dito anteriormente, a faxina doméstica normalmente, está presente em duas fases opostas da trajetória dos migrantes. Ela pode ser realizada na fase inicial, como ocorre com muitas migrantes,[42] ou quando os migrantes conseguem certa estabilidade financeira podendo montar sua companhia de limpeza. Vale ressaltar, que este empreendimento tem como proprietárias, na grande maioria das vezes, as mulheres migrantes.

> As mulheres que migram para os Estados Unidos têm na faxina um trabalho que pode lhes garantir a realização do projeto de "fazer a América" e os homens, quando trabalham na faxina doméstica, o fazem na maioria das vezes, subordinados a uma mulher. Elas são a "*boss*" determinam o trabalho, o que limpar, como fazer o serviço e o preço e os homens obedecem sem questionar. (ASSIS, 2004, p. 310)

Para melhor elucidar a inserção dos emigrantes no ramo da faxina doméstica podemos evidenciar na fala da criciumense Márcia Machado da Silva sua trajetória neste ramo:

> Eu trabalhava de house cleaner que é limpar casa eu limpava a casa de um brasileiro um casal depois eu fui limpar a casa de uma brasileira. Trabalhava durante a semana de segunda a sexta, segunda a sábado limpando casa ai nos domingos eu trabalhava no Dunkin Donuts. [...] Em Atlanta também quando eu fui eu comecei a trabalhar num restaurante, depois do restaurante eu trabalhei limpando casa pra uma brasileira também porque lá é assim limpar a casa é [...] não é igual aqui é tipo aqui diarista sabe. Só que assim tu chega tu passa o aspirador, tu tira o pó, tu lava o banheiro não igual a gente lava aqui que joga água, lá limpar o banheiro é limpo só com [...] papel assim com produto né e depois limpa a cozinha. Se tem louça tu não lava o fogão tu limpa o fogão, a louça tu bota dentro de uma máquina de lava ou de

[41] Entrevista Gladis Sarvalaio.
[42] Quatro entrevistadas pontuaram que em sua fase inicial trabalharam com faxina até conseguirem um emprego que considerassem melhor.

> repente tu limpa a pia e deixa a louça suja ali, né então é bem diferente. [...] Às vezes é tudo coisa extra (trabalho extra) de repente elas te pedem né pra ti trocar a roupa de cama pra ti bota a roupa pra lava pra bota a roupa pra secar porque lá é máquina de lava máquina de secar não se vê um varal igual aqui não se estende roupa porque não se tem tempo né. [...] E ai depois eu comecei a trabalhar também de house cleaner limpando casa com uma brasileira ai depois eu comprei um schedules de casas. Schedules é uma assim um tanto de casa que tu compra e ai é tua tu paga 5 mil dólares, 10 mil dólares [...] eu comprei de outra pessoa. Ai eu vou lá nas casas faço a entrevista com a pessoa e digo: oh ela ta indo pro Brasil eu vou ficar no lugar dela e daí eu assumo a responsabilidade ou de repente alguma americana me liga que quer uma entrevista pra mim ver a casa dela eu marco uma entrevista vou lá e digo: oh eu limpo isso, isso, e isso é tanto, ela diz: ah ok! As vezes tem trabalhos extra que as vezes eles querem limpar o vidro ou eles querem que dobrem uma roupa isso ai assim ai a gente sempre cobrava mais. Ai começou eu, comecei sozinha depois começou eu com uma amiga depois eu botei uma menina pra me ajudar ai nos duas trabalhava assim junta porque tu tem que limpar assim mais ou menos duas três casas no dia as vezes até quatro as vezes tem apartamentos pequenos, e as vezes a gente limpava até quatro casas. Mas assim, não é como a limpeza daqui porque aqui se a gente for limpar a casa da gente que seja um apartamento vai o dia todo e se tu lá tu limpar o dia todo tu não ganha dinheiro.[43]

Através desta fala podemos evidenciar várias etapas deste ramo de trabalho. O início das atividades, as parcerias realizadas, a relação com os patrões, a ênfase nas diferenças entre os tipos de faxina no Brasil e nos Estados Unidos e ainda a "venda das casas", ou seja, a venda dos compromissos firmados com as donas das residências para realizarem faxinas para outras/os migrantes.

Importante ressaltar que os migrantes que trabalham neste ramo buscam enfatizar como vantagens deste emprego a sua autonomia e a relação com o patrão. O fato de possuírem um negócio e terem as portas das residências estadunidenses abertas para a execução de seus trabalhos faz com que muitos brasileiros enfatizem a relação de confiança entre patrão e empregado. Além disso, os trabalhadores deste ramo buscam sempre fazer comparativos entre as diferenças da faxina brasileira e da faxina estadunidense. Nesse sentido, ressaltam que nos Estados Unidos as funções executadas são pré determinadas, enquanto no Brasil, a faxineira deve se dispor a executar as funções que a dona da casa exigir. Estas distinções se fazem necessárias, na medida em que se busca a legitimação de um *status* da faxina doméstica, valorizando assim, a faxina executada nos Estados Unidos, e distanciando a imagem de faxineira que se tem no Brasil.

A preocupação com relação ao *status* profissional é comum aos imigrantes. Estes buscam diferenciar uma mesma atividade quando ela é executada no Brasil e nos Estados Unidos. Assim, argumentam para seus familiares e conhecidos no Brasil que uma atividade pouco prestigiada na terra natal é bastante valorizada e muito bem remunerada no país de

[43] Entrevista Márcia Machado da Silva concedida em 18 de Junho de 2010 à Michele Gonçalves Cardoso. A entrevistada migrou em 2004 e retornou à cidade em 2009.

destino. No entanto, existem casos também de imigrantes que omitem para os familiares sua condição de vida e seu emprego.

Muitos preferem a omissão por se constrangerem pela atividade executada, ou para que os familiares não fiquem constrangidos no círculo de amizades. O imaginário da migração gira em torno do sucesso migratório e por isso muitos sacrifícios são omitidos dos relatos valorizando somente a conquista financeira. O triunfo é "parte inerente da retórica do 'imigrante', vencer teria de ser algo conquistado irrestritamente." (MEIHY, 2004, p. 281) Nesse sentido, os relatos sobre migração e sucesso econômico estão intrinsecamente ligados, quem ouve os relatos associa o trabalho nos Estados Unidos com a facilidade de ganhar muito em pouco tempo. Em muitas falas dos retornados se percebe certa angústia com relação à ilusão que se cria em torno do trabalho nos Estados Unidos. Estes retornados enfatizam que se a maioria dos imigrantes tivesse uma real ideia de como é o trabalho no país de destino, estes nunca sairiam de sua terra natal. Esta ilusão sobre o "fazer a América" logo entra em choque com a realidade cotidiana.

> A ilusão de pertencer a América logo se desfaz perante a rotina árdua que precisam assumir para fazer jus às próprias expectativas e daqueles que, apesar de terem ficado na cidade, também compactuam nesse projeto. (SCUDELER, 1999, p. 216)

Esta realidade encarada no dia-a-dia faz com que muitos brasileiros reprogramem seu projeto de retorno. A maioria dos brasileiros quando saem do país em busca de um projeto migratório estabelecem alguns objetivos a serem alcançados ou uma expectativa temporal da duração do projeto. Contudo, as dificuldades em solo estadunidense, assim como as necessidades daqueles que ficaram no Brasil, alteram as previsões de retorno. O retorno é pensando em família e assim, normalmente, estes planejamentos estão associados a eventos vitais tais como a velhice, a aposentadoria ou a criação dos filhos. (SALES, 1999, p. 132). Podemos inferir que as dúvidas que giram em torno da duração da experiência migratória mantêm este fenômeno com características provisórias. Neste sentido Sayad ressalta que

> Umas das características fundamentais do fenômeno da imigração é que, fora algumas situações excepcionais, ele contribui para dissimular a si mesmo sua própria verdade. Por não conseguir sempre pôr em conformidade o direito e o fato, a imigração condena-se a engendrar uma situação que parece destiná-la a uma dupla contradição: não se sabe mais se se trata de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente ou, ao contrário, se se trata de um estado mais duradouro mas que se gosta de viver com um intenso sentimento de provisoriedade. (SAYAD, 1998, p 45)

Além das implicações pessoais o retorno também esta associado à realidade do país de destino e do país de origem. Assim, após os acontecimentos do 11 de Setembro de 2001 nos Estados Unidos muitos migrantes repensaram seu projeto migratório, já que este episódio disseminou um sentimento de insegurança sobre o país. O 11 de Setembro também desencadeou um maior controle nas fronteiras e na emissão de vistos, assim como uma "caça às bruxas" contra os imigrantes indocumentados. Esta relação com o país de destino piorou ainda mais com a crise econômica que desde 2007 desestabilizou o mercado imobiliário estadunidense (ASSIS; CAMPOS, 2009, p. 93). Segundo Monica Santos:

> Os Estados Unidos já não era aquela potência né (se refere ao período em que migrou, meados de 2004) depois também veio a crise então já não ficou tão bom de adquirir né, dinheiro e guardar o dinheiro, porque a vida lá é também muito cara a gente tem gastos lá que o aluguel é muito caro, todas as despesas né são muito pesadas. Então hoje em dia até quando eu vim também (...) todos os brasileiros já tão sentido bastante a dificuldade de dinheiro de até não sobrar de faltar lá. Então por isso acho, acredito que muita gente ta vindo embora também por esse motivo, não ta mais conseguindo suportar lá né, então é mais fácil vir embora.[44]

Após estes acontecimentos muitos imigrantes ficaram receosos com sua situação no país (principalmente os indocumentados), mas também preocupados com a condição de vida nos Estados Unidos abalada tanto na questão da segurança quanto na econômica. Juntamente com a situação vivenciada no país de destino, também existe uma motivação com relação ao Brasil. Muitos migrantes relatam que a situação do país vem melhorando nos últimos anos. Esta melhora atribuída ao país faz com que muitos retornem à terra natal.

Desta forma, ao analisarem as questões particulares e também a conjuntura na qual estão envolvidos, o migrante quando decide pelo retorno está finalizando uma etapa, concluindo um processo, que muitas vezes acabou durando mais que o esperado, ou menos que o desejado. Mesmo voltando para um lugar conhecido, retornar é mudar novamente. A decisão por essa nova mudança "implica uma agitação constante e isso remete ao tema da identidade de quem volta que, por sua vez, tem a memória em constante ebulição, fomentando juízos de valor sobre a experiência como um todo." (MEIHY, 2004, p. 343) Assim, o estranhamento com a cidade da qual um dia partiu faz parte do retorno.

[44] Entrevista Monica Santos concedida em 26 de Março de 2010 a Michele Gonçalves Cardoso. Monica migrou em 2004 retornando à cidade no final de 2008. Decidiu aproveitar a experiência com a língua inglesa e estava no período da entrevista cursando Letras/ Inglês com o objetivo de lecionar nas escolas de idioma da região.

1.4 O RETORNO E SEUS ESTRANHAMENTOS

De modo geral, enquanto estão nos Estados Unidos os migrantes buscam manter contato com seus familiares e amigos para amenizar a distância. Nos últimos anos a internet tem sido um dos principais meios de matar a saudade da terra natal, são e-mails, fotografias, e conversas pela webcam que aproximam os quilômetros de distância. Neste período, o migrante recorda de suas vivências na cidade, de seus amigos e familiares. Contudo, ao tomar a decisão de voltar para a cidade percebem que muita coisa mudou e a todo momento tecem comparativos entre os dois lugares. Nesse sentido, não foram somente os anos que passaram e alteraram as características da cidade, foi a própria experiência migratória que transformou o migrante.

As experiências vivenciadas nos Estados Unidos contrastam com o modo de vida criciumense. Por mais que a cidade tenha mudado, e muitos afirmam que a cidade cresceu muito nos últimos anos, ainda assim, os retornados percebem uma diferença entre os ritmos dos diferentes lugares e passam a estranhar o que imaginavam ser tão familiar. A distância e a experiência migratória permitem ao migrante mudar a forma de olhar a cidade, o modo como as pessoas vivem e permite contestar elementos antes naturalizados. Além destes estranhamentos com relação à Criciúma do retorno, ainda existe o estranhamento com relação às pessoas. Estas também mudaram. Mesmo não tendo se deslocado como o migrante, as pessoas seguiram suas vidas e transformaram suas relações. Todos estes fatores demonstram que os migrantes criam uma imagem da cidade e das relações urbanas e familiares e as congelam, congelam o espaço no tempo. Nesse sentido, os migrantes parecem suspender no tempo o período em que ficaram longe. Pensam que ao voltar vão dar continuidade às suas vidas exatamente como eram no dia em que partiram. Sarvalaio pontua esta questão em sua entrevista: "Tu vai pros Estados Unidos e tu pensa que quando tu volta as coisas estão exatamente como tu deixou. E o quê que acontece? Também muda. As pessoas que estão aqui, as coisas, a vida continua."[45]

As diferenças entre a imagem que se consolidou e a realidade encontrada no retorno fazem com que o processo de readaptação seja muito difícil. A sensação de não pertencimento acompanha o retornado que não reconhece mais o espaço o qual pensava pertencer. Nesse sentido, muitos retornados acabam por enfrentar um novo processo migratório, na busca de encontrar um lugar em que se sintam em casa.

[45] Entrevista Gladis Sarvalaio.

Para exemplificar estas relações podemos acompanhar a trajetória de Edna Farias. Esta criciumense no início dos anos de 1990 estava com dificuldades para pagar a faculdade de Engenharia de Agrimensura. Assim entrou em contato com pessoas que haviam retornado de uma experiência migratória. Com este contato estabelecido, ela aos 19 anos foi para a Suíça trabalhar na colheita de uvas. Ao embarcar no avião no Rio de Janeiro percebeu que havia um grupo de mais de trinta criciumenses indo também para a Suíça, pessoas que ela não conhecia antes do embarque. Ao chegar ao país de destino Edna alterou os planos iniciais e foi em busca de outras oportunidades. Trabalhou como babá e posteriormente foi para a Universidade estudar francês. Ao concluir seus estudos não conseguiu meios de se legalizar na Suíça e decidiu voltar ao Brasil. "Voltei pro Brasil, mais a adaptação não aconteceu. Foi assim, foram conflitos e interrogações e falta de apego, de contato, porque sai com 19 anos né (...) e ai voltei não encontrei mais ninguém."[46] Com este problema de adaptação decidiu migrar novamente. Como havia mantido contato com uma das pessoas que haviam ido pra Suíça e que na época já havia migrado para os Estados Unidos, decidiu partir para aquele país também. Nos Estados Unidos Edna casou com um criciumense e teve duas filhas. Trabalhou a maior parte do tempo numa rede de cafeterias. Contudo, por conta de algumas doenças na família decidiu voltar para Criciúma para estar mais próxima dos pais e também dos sogros. Desta vez, buscou se preparar para retornar, pois sabia que a adaptação seria difícil já que em outro momento havia passado por esta experiência e não havia conseguido ficar na cidade.

> Como eu já tinha feito a experiência de na época que eu tava na Suíça de voltar e ficar, eu já entendi que não era fácil chegar e ficar eu já entendia que tanto a situação econômica como social, como de relação interpessoal como de família não, não era fácil. Já sabia que eu tinha perdido o contato e o vínculo com todos, (...) esses campos em que a gente tem relação onde, quando a gente tem um vínculo com a terra com o lugar da gente. Então eu já cheguei preparada pra ta meio que dentro de uma bola sozinha e... meio que sabendo que eu ia ter que procurar me integrar em todos os aspectos né. Ai onde eu achei que eu ia, que ia ser mais fácil, seria de início já ter esse vínculo com a faculdade, com a universidade, e ai eu ia pode ta tendo um objetivo de vida, um objetivo profissional, um grupo social onde eu ia ta podendo me integrar por um ponto em comum que seria o curso pessoas onde eu ia poder ta conversando porque tanto no...nos desejos, objetivos, vocabulário, nada disso mais fechava, nada disso mais tinha em comum né. As idéias né tudo era diferente vindo de um lugar (...) de uma outra cultura um outro nível social de povo... ah outros hábitos enfim é como tu, como ter saído do Brasil a primeira vez e ido morar fora agora eu tava saindo do meu lugar fora vindo de novo pra um lugar estranho praticamente, onde eu tive que me readaptar por completo o que tinha aqui que me fazia que me dava segurança era essa... era o vínculo dos pais né então, os pais estavam aqui, mas e aliás por acaso, (...) tanto os meus pais quanto os dele (marido) tinham se mudado do local onde eles moravam da cidade então meio que ficou assim o pai, os pais eram o vínculo mas não estavam no local físico habitual.[47]

[46] Entrevista Edna Farias da Silva.

Edna tentou fazer o possível para vir preparada para esse novo processo de readaptação. Assim, depois de anos nos Estados Unidos (migrou em 1994) ela buscou na Universidade estabelecer um vínculo para que pudesse se sentir mais segura neste processo. Assim, como sempre teve o objetivo de cursar Psicologia ela ingressou na Universidade poucos dias depois de ter retornado à Criciúma. Contudo, se reencontrar na cidade não foi fácil, pois como ela mesma enfatiza a casa dos pais e dos sogros que era uma referência, principalmente a dos pais, não era mais a mesma. Assim, o ponto de referência também estava modificado aumentando a sensação de estranhamento. Era como ir pra um

> país completamente novo um mundo completamente desconhecido novamente. Mesmo conhecendo as pessoas mesmo sendo da mesma raiz (...) a gente não falava mais a mesma língua como suposto né, não tinha mais o mesmo signo de comunicação.[48]

Essa sensação de estar deslocada foi percebida por ela ao tentar encontrar uma casa na cidade. Após procurar muito não conseguiu achar um lugar que pudesse reconhecer e passou a tarefa da compra do imóvel para o companheiro. Para ela era difícil achar um espaço para se reconhecer e chamar de lar. "São três anos e meio que eu estou tentando reconstruir esse vínculo com o lugar."[49]

Para muitos emigrantes o retorno é muito angustiante, pois a cidade a qual estavam retornando era o seu lar, o seu lugar, no entanto ao chegar não eram estes os sentimentos que a cidade despertava. Segundo Monica Santos sua experiência ao retornar foi um

> choque né. É quando fui pra lá foi o impacto da língua, dos costumes, da cultura né de tudo, tu tem que se adaptar. Quando eu voltei foi uma readaptação né, de começar a rever o que eu já tinha deixado, só que quando tu vive em outro lugar muito tempo depois volta, tu fica bem confuso eu fiquei muito assim... agora que eu to conseguindo me localizar novamente e tal, mas os primeiros meses são muito ruins, são muito difíceis, se tu não tem uma cabeça boa, se tu não... é muito difícil tu assimilar a diferença e não porque lá é melhor ou pior não é isso é...a tua mente o teu corpo é tudo né pra ti aceitar que tu ta em outro lugar tu ta em outro ritmo é muito difícil [...][50]

Estas diferenças entre os ritmos vividos nos diferentes lugares acompanham o retornado em todas as suas experiências. Mesmo que muitos retornados evitem tecer comparativos com freqüência entre os lugares, é praticamente inevitável a comparação entre

[48] Ibidem.
[49] Ibidem.
[50] Entrevista Monica Santos.

os modos de vida nos Estados Unidos, ou melhor na região em que viviam neste país (majoritariamente em Boston) e a vivência em Criciúma. Quando questionados sobre as principais diferenças entre os lugares os retornados destacam a organização e a educação na sociedade estadunidense como a principal diferença. Nesse sentido, relatam que nos Estados Unidos teria uma maior organização do trânsito e da segurança, e que as pessoas são mais educadas para obedecer as normas, principalmente as de trânsito. Os comparativos do tráfego entre os dois lugares são uma fala comum dos retornados.

> Então a gente choca porque no trânsito, por exemplo, é muito organizado tu dirigi com muita calma as pessoas esperam tem paciência o pedestre tem a prioridade. Então... aqui não, aqui eu no começo tava com medo de pegar o carro porque era muito difícil.[51]

De modo geral, apesar de criticarem alguns elementos que antes da experiência migratória não eram considerados problemas, a maioria dos retornados apontam melhoramentos na cidade, principalmente com relação aos serviços ligados aos setores de alimentação, tais como tele-entrega. As comparações constantes entre o modo de vida dos dois países levam muitos retornados a sentirem como se estivessem divididos entre dois lugares. Por conta do mal-estar gerado por essa sensação muitos se perguntaram se a experiência valeu à pena, se conseguiram atingir seus objetivos e também começaram a pensar como teriam sido suas vidas caso não tivessem migrado. Estas perguntas evidenciam como a experiência migratória é marcante para aqueles que optam vivenciá-la. Para Silvano Salvador

> A partir do momento que tu conhece um outro ritmo um outro estilo de vida, uma outra cultura tu fica sempre dividido Com todos que eu converso, amigos que eu tenho contato aqui também pensam a maioria do mesmo jeito... fica assim... tu queira os dois: tu queria a junção das duas coisas numa só, ai seria perfeito.[52].

A ideia de que a junção de características entre os dois lugares seria uma solução perfeita, destaca com clareza a angústia dos retornados que não se reconhecem mais em um só lugar.

> Eu já não sou mais a Edna brasileira. Hoje eu já sou a Edna: a brasileira, americana, suíça é como se eu tivesse dividida num bolo em três partes né pra qualquer um dos três lugares que eu voltasse eu me sentiria da mesma maneira, metade em casa metade fora né. Acho que essa é a sensação que eu carrego.[53]

[51] Ibidem.
[52] Entrevista Silvano Salvador.
[53] Entrevista Edna Farias da Silva.

Esta angústia vivenciada no retorno à terra natal apresenta-se para alguns mais difícil do que a decisão de emigrar. (SIQUEIRA, 2006, p. 83) Por isso, muitos retornados não sabendo lidar com o processo de readaptação partem novamente do país e muitos se caracterizam como transmigrantes: pessoas que buscam viver em diferentes lugares, em que as fronteiras não representam mais lugares estranhos ou conhecidos, mas sim, lugares em que o migrante fica em trânsito, por tempo indefinido.

O processo de readaptação também está relacionado a dois elementos: as relações familiares e os investimentos realizados durante a experiência migratória. Muitos migrantes mesmo com dificuldades de readaptação forçam sua permanência na cidade por conta dos familiares. Pais que adoeceram ou filhos que estavam distantes são situações que obrigam o retornado a não se lançar em uma nova experiência migratória. Além disso, os investimentos realizados na cidade durante o processo migratório também faz com que os retornados busquem uma vida mais tranqüila, já que a maioria fez investimentos pensando em conseguir uma estabilidade financeira. Muitos investiram no mercado imobiliário visando alugar os imóveis para a obtenção de uma renda fixa. Outros investiram em negócios visando poder administrar seus empreendimentos. Estes fatores ligam novamente o retornado à sua cidade, assim, são de fundamental importância para entendermos um dos aspectos motivadores das migrações contemporâneas: o fator econômico. Este fator altera as relações da cidade de origem e será aprofundado no capítulo 2.

2. OS DÓLARES VERDE-AMARELOS: OS INVESTIMENTOS NA CIDADE E A INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO

Num belo e ensolarado dia, o estado da Califórnia acorda sem grande parte de sua população. Muitas são as ligações para a polícia, bombeiros, hospitais, realizadas por familiares e amigos das vítimas do desaparecimento. Com o passar das horas as autoridades percebem que todos os desaparecidos tem algo em comum: são "mexicanos". Está instaurado o caos. As empregadas domésticas não aparecem para trabalhar, os restaurantes entram em crise, pois não há ninguém para atender os clientes, nem para cozinhar ou limpar o estabelecimento. Ninguém atendendo no Drive Thru, ninguém recolhe o lixo. A Califórnia é envolvida por um misterioso nevoeiro que impede o contato via internet ou telefone para outras regiões do país. O que fazer nessa situação? Ninguém entra e ninguém sai. Então quem vai assumir o lugar dos mexicanos? Estes questionamentos começam a ser realizados por aqueles que ficaram e não compreendiam o que se passava. Se tivessem todos mortos haveria corpos... Teria sido um ataque terrorista ou será que todos haviam voltado para o México? Foi através destas interrogações que muitos estadunidenses descobriram que a América Latina é composta por diversos países e que o termo *mexicanos* não se enquadrava a todos os latinos. Então para onde foram os latinos?

Os guardas que vigiavam a fronteira não entendiam o que estava acontecendo, afinal, havia horas que ninguém tentava atravessar para os Estados Unidos. A comida estava acabando nos supermercados, em contra-partida toneladas de frutas apodreciam nas árvores, pois não havia ninguém para a colheita. A situação se tornava cada vez mais grave até que, como num passe de mágica, assim como haviam desaparecido, os "mexicanos" retornam. Eles não lembravam de nada, simplesmente retornaram e voltaram às suas atividades como se não tivessem passado vários dias entre o sumiço e o retorno. Os estadunidenses pelo contrário, passam a perceber de fato a presença do grupo de latinos. Pela primeira vez tinham se dado conta do número de imigrantes que viviam naquele estado, e mais, haviam percebido que sem o trabalho dos latinos a Califórnia simplesmente parava de funcionar. Um grupo que parecia invisível, de repente foi valorizado e ovacionado pelos californianos, todos agradeciam o

retorno dos "xicanos" e pediam para que eles nunca mais repetissem aquele desaparecimento coletivo.

Esta narração é a trama central do filme "Um dia sem mexicanos" de 2004.[54] O enredo do filme busca fazer uma crítica bem humorada de uma situação que parece ser fantástica ao mesmo tempo que real. Apesar do sumiço dos latinos não ser explicado pelo filme tornando a situação um pouco fantasiosa, os efeitos de uma suposta ausência da mão-de-obra imigrante estão bem de acordo com a realidade vivida naquele país. O filme busca através de alguns personagens centrais enfatizar o preconceito sofrido pelo grupo de imigrantes que habita o estado, assim como evidencia as atividades que o grupo exerce. Inseridos em um mercado de trabalho pouco valorizado pelos estadunidenses este grupo passa praticamente invisível pelo cotidiano dos californianos. Estes, somente se dão conta das atividades exercidas diariamente pelos latinos quando elas não são mais realizadas. Nesse sentido, o filme busca problematizar a situação de um grande número da população que habita a Califórnia, contudo a crítica pode ser estendida à toda nação estadunidense.

Como retratado pelo filme, apesar de estarem presentes em setores pouco valorizados do mercado de trabalho, foi somente com a ausência das funções que os imigrantes foram percebidos pela sociedade hospedeira. Nesse sentido, podemos evidenciar que os termos *imigrante* e *trabalho* estão intrinsecamente ligados. A grande maioria dos imigrantes deixou sua terra natal em busca de novas oportunidades e de um trabalho que proporcionasse um retorno financeiro maior do que tinha no seu país de origem. Assim, a motivação econômica é um dos fatores de incentivo à migração. Este fator não é o único, mas com certeza tem um peso determinante na vida de quem segue os caminhos migratórios. Dessa forma, uma das primeiras iniciativas ao chegar ao país de destino é encontrar trabalho. É a inserção do imigrante no mercado de trabalho que faz com que a sociedade receptora "tolere" a sua presença. Ofertando uma mão-de-obra barata e sujeita a trabalhar muitas horas por dia exercendo variadas funções, a presença destes imigrantes também passa a ser vantajosa para a sociedade receptora.

> A estadia autorizada ao imigrante está inteiramente sujeita ao trabalho, única razão de ser que lhe é reconhecida: ser como imigrante, primeiro, mas também como homem – sua qualidade de homem estando subordinada a sua condição de imigrante. Foi o trabalho que fez 'nascer' o imigrante, que o fez existir; é ele, quando termina, que faz 'morrer' o imigrante, que decreta sua negação ou que o empurra para o não-ser. E esse trabalho, que condiciona toda a existência do imigrante, não é qualquer trabalho, não se encontra em qualquer lugar; ele é o

[54] UM dia sem mexicanos (A Day Without a Mexican). Direção: Sergio Arau, 2004.

> trabalho que o ‘mercado de trabalho para imigrantes’ lhe atribui e no lugar em que lhe é atribuído: trabalhos para imigrantes que requerem, pois imigrantes; imigrantes para trabalhos que se tornam, dessa forma, trabalhos para imigrantes. (SAYAD, 1998, p. 55)

Sendo assim, o processo migratório adquire maior sentido com a inserção do imigrante no mercado de trabalho. Para o imigrante trabalhar é condição fundamental para sua sobrevivência. Indo além, trabalhar é para a grande maioria dos imigrantes, o objetivo de sua migração, a razão pela qual deixou seu país. Além disto, é a inserção no mercado de trabalho que legitima, para o país hospedeiro, a presença daquele grupo. O país oferta um mercado de trabalho direcionado para os imigrantes, trabalhos pouco valorizados pelos estadunidenses e de baixa qualificação, porém de extrema importância para o funcionamento da sociedade. Nesse sentido, o candidato à vaga não precisa nem mesmo portar documentos que o legalizem no país, pois este mercado de trabalho não impõe a legalização como condição. Assim sendo, os imigrantes exercem suas atividades e quando atingem seus objetivos retornam à sua terra de origem caracterizando-se como uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito (SAYAD, 1998, p. 54).

A provisoriedade da condição migratória evidencia uma característica destes migrantes: o objetivo final do processo migratório é o retorno. Apesar de os migrantes brasileiros de modo geral não definirem um projeto migratório, eles traçam objetivos, tecem sonhos e buscam retornar ao local de origem quando estes forem alcançados, mesmo que para isso tenham que redefinir várias vezes a expectativa temporal do processo migratório. Como o objetivo final é retornar grande parte do dinheiro adquirido na experiência migratória é enviado para o país de origem, fato que transforma não somente a vida dos familiares que ficaram no Brasil, mas também transforma as próprias relações com o local de origem.

Segundo alguns dados estatísticos os brasileiros residindo no exterior geram em torno de US$ 60 bilhões e remetem para o Brasil mais de US$ 7 bilhões todos os anos, montante de recursos que chega ao país de forma pulverizada, com uma média próxima aos US$ 450 por remessa. (MEIHY; BELLINO, 2008, apresentação).

> O dinheiro remetido ao Brasil pelos emigrantes distribui-se por diversos municípios. Certa concentração desse recurso monetário é observada em relação às seguintes cidades: Governador Valadares (14%), Ipatinga (5%), São Paulo e Goiânia (4%), Vitória e Belo Horizonte (3%). Criciúma (SC), Curitiba (PR) e Sorocaba (SP) comparecem com menos 2% da amostra. Em virtude do alto grau de dispersão das remessas pelo território brasileiro e do tamanho das cidades a que elas se destinam, parece razoável admitir efeito virtuoso pouco significativo na dinâmica econômica das grandes cidades – São Paulo, Belo Horizonte e Vitória, por exemplo –, e efeito benéfico considerável no tocante às pequenas. (MARTES; SOARES, 2006, p. 44)

Como citado anteriormente, a cidade de Criciúma – segundo esta pesquisa – comparece com menos de 2% da amostra do dinheiro remetido ao Brasil, valor que nos últimos anos veio transformando a cidade. Buscando detalhar o destino dos ganhos financeiros gerados pelos emigrantes no exterior, Zamberlam e Corso (2007) realizaram uma pesquisa na região de Criciúma. Esta pesquisa foi realizada com os familiares dos emigrantes em 10 municípios próximos à cidade,[55] sendo 48,7% dos entrevistados criciumenses, o que correspondia a 481 entrevistados. Uma das perguntas direcionadas aos familiares estava relacionada ao destino dos ganhos obtidos nos Estados Unidos. Após analisarem os dados os autores puderam constatar que mais "de 63,4% da renda oriunda do trabalho do emigrante destina-se ao país de origem (Brasil), seja por remessas à manutenção da família (1/3), ou investimentos na região (município do emigrante) (1/3)" (CORSO; ZAMBERLAM, 2007, p. 86-87). Outra pesquisa realizada por Gláucia de Oliveira Assis na cidade de Criciúma, também constatou que grande parte das remessas enviadas pelos emigrantes tinham como objetivo manter a família. Assim, 32,2% responderam que o dinheiro era destinado à manutenção da família, já 13,2% eram destinados aos investimentos e 2,6% para manter a família e para investimento. (ASSIS, 2004, p. 149)

> Segundo os depoimentos dos migrantes e de seus parentes que permaneceram em Criciúma, o envio das remessas representam não apenas um retorno material, a realização do projeto migratório, mas também a manutenção dos laços simbólicos daqueles que estão no exterior que demonstram, através das mesmas, que se preocupam com aqueles que permaneceram no Brasil. Nessa lógica atuam os chefes e os cônjuges e, quando não o fazem, é sinal de que estão 'abandonando a família', como dizem os migrantes. (ASSIS, 2004, p. 150)

A necessidade de manter a família e a preocupação com o futuro ao retornar à cidade fazem com que grande parte do dinheiro ganho nos Estados Unidos se direcione ao país de origem. Os grandes valores enviados pelos emigrantes despertaram a atenção de vários setores da sociedade que perceberam neste grupo um mercado consumidor em potencial. O numeroso contingente de brasileiros vivendo no exterior e as elevadas remessas de dinheiro que chegaram ao Brasil todos os anos deram visibilidade ao grupo, fato que favoreceu a criação de

[55] Foram entrevistados 46 em Cocal do Sul; 92 em Forquilhinha; 142 em Içara; 32 em Morro da Fumaça; 40 em Nova Veneza; 44 em Sideropólis; 11 e Treviso; 62 em Urussanga e 37 em Lauro Muller.

organizações e instituições que objetivavam auxiliar os emigrantes em suas variadas necessidades.[56]

Aprofundando as discussões relacionadas aos ganhos financeiros dos emigrantes foi lançado o livro *O Estado dos Emigrantes – o 28º estado brasileiro um mercado de US$ 60 bilhões* (MEIHY; BELLINO, 2008). Os autores José Carlos Sebe Meihy e Ricardo Bellino abordam neste livro alguns problemas enfrentados pelos emigrantes, tais como a travessia da fronteira, as dificuldades com o mercado de trabalho e também as relações familiares. Contudo, o objetivo do livro, como o próprio título evidencia é revelar as espantosas estatísticas dos ganhos obtidos pelo grupo destacando os rendimentos dos brasileiros e os valores que eles remetem para o Brasil. Ao divulgar as cifras os autores relatam a necessidade de se criar meios de auxiliar estes emigrantes na administração de seu dinheiro. Assim, propõe um sistema que busca oferecer mais autonomia aos emigrantes em que eles próprios pudessem controlar seus ganhos e seus investimentos.

> [...] dois terços dos emigrantes brasileiros estão em situação ilegal e, portanto, banidos do sistema bancário, sem acesso a cartões de crédito e outras formas de gerenciamento de seu dinheiro. Ou seja, a grande maioria não tem meios para controlar o destino do dinheiro que envia para o Brasil, tendo que se valer do discernimento daqueles que são receptores dos recursos, nem sempre em alinhamento com o seu próprio. (MEIHY; BELLINO, 2008, apresentação)

Esta falta de controle do dinheiro enviado seria para os emigrantes um grande problema, pois muitos familiares responsáveis pelas aplicações acabavam por esquecimento, falta de direcionamento ou mesmo por desonestidade, gastando o dinheiro recebido e não aplicando da forma que o emigrante gostaria. De olho neste mercado, Ricardo Bellino percebeu neste problema um negócio em potencial. Sua idéia seria disponibilizar aos emigrantes um sistema que permitisse maior autonomia deste público. Assim, nasceu a *Casas Brasileiras*,

> Um portal "One Stop Shop" onde o brasileiro em qualquer país do mundo, poderá fazer uma poupança programada, uma previdência privada, adquirir diretamente, desde um plano de saúde, uma geladeira, um automóvel e até uma casa, enfim, um grande leque de produtos e serviços a serem entregues no Brasil. (MEIHY; BELLINO, 2008, apresentação)

Para disponibilizar aos emigrantes todos estes serviços a instituição realizou diversas parcerias com empresas brasileiras. Entre elas estão: a Construtora Tenda, o Ponto Frio, a

[56] Desde 1994 os brasileiros no exterior podem contar com os serviços da Caixa Econômica Federal e do Banco do Brasil para o envio de remessas.

Microlins e ainda a Rede Record de Televisão. Este empreendimento de Bellino teve grande repercussão na mídia, no setor empresarial e mesmo na política. O empresário foi comparado a Pedro Álvares Cabral, pois teria descoberto o 28º estado brasileiro[57], um estado que se fosse considerado da Federação ocuparia a 6º posição no ranking de receitas e o primeiro lugar em renda per capita.

A repercussão destas estatísticas levou a organização intitulada *Estado do Emigrante*[58] a ser homenageada no Congresso Nacional. A apresentação oficial deste "novo estado" contou com a divulgação de seus símbolos: a bandeira, o brasão e o hino.

59

[57] Estado emigrante é o 6º maior do país. 27 de Maio de 2008. Disponível em: http://plenoemprego.wordpress.com/category/colunas/o-que-deu-na-imprensa/page/2/ Acesso: 30 de Julho de 2010. Esta informação foi divulgada em várias mídias inclusive na contra capa do Livro O Estado Dos Emigrantes – O 28º estado brasileiro um mercado de US$ 60 Bilhões.

[58] Criado em 2006 durante a campanha em favor aos Brasileirinhos Apátridas (movimento que visava a restituição da nacionalidade brasileira nata aos filhos da emigração), o Estado dos Emigrantes tem como responsável Rui Martins e busca representar de modo virtual os emigrantes que residem nos cinco continentes. Disponível em: http://www.estadodoemigrante.org/ Acesso 30 de Julho de 2010.

[59] Estado do emigrante. Disponível em: http://www.estadodoemigrante.org/ Acesso 30 de Julho de 2010.

[60]

Hino

Nós cruzamos os mares, como nossos ancestrais.
Enfrentamos os males que a distância nos traz.
Uma dura viagem, feita já por milhões
Incertezas coragem, conflitantes emoções

Emigrantes unidos, somos todos heróis
Nossos laços queridos sempre aguardam por nós
Quando forem cumpridas nossas bravas missões
voltaremos à Pátria de nossos corações

Nosso nome é saudade sobrenome é paixão
e no peito a vontade de voltar pra Nação
Que embalou nosso berço e nos viu florescer
Que possamos um dia em nossa terra viver. [61]

A criação destes símbolos evidencia a busca por uma legitimação deste estado. Um estado virtual sem território e habitantes fixos. Seus habitantes estão dispersos por várias partes do mundo e sua permanência neste estado, ou seja, sua condição migratória na maioria das vezes é provisória. Assim, o fluxo deste estado é contínuo muitos retornam ao Brasil, mas outros tantos dão continuidade aos processos migratórios. O próprio hino deste estado evidencia a condição de provisoriedade dos emigrantes quando em seu refrão destaca que ao concluir suas bravas missões estes emigrantes retornam para sua pátria. Que bravas missões

[60] Descoberto o 28º estado brasileiro. 16 de Junho de 2008 Disponível em http://waldemarneto.blogspot.com/2008/06/descoberto-o-28-estado-brasileiro.html Acesso 30 de Julho de 2010.

[61] Hino do emigrante. 21 de Maio de 2008. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=t7f4a9KQ1w8. Acesso 30 de Julho de 2010. Analisando brevemente a letra do hino, podemos perceber que já num primeiro momento os migrantes da atualidade são comparados aos que vieram colonizar o Brasil evidenciando a presença das migrações na construção do país. Contudo, as migrações que colonizaram o Brasil, em grande parte não retornaram aos países de origem, diferente desta migração contemporânea que segundo o hino é provisória já que o objetivo é retornar à pátria de nascença.

seriam estas? Auxiliar a família? Conseguir estabilidade financeira? Os sonhos são individuais e diferentes, contudo, ao analisar estes indivíduos enquanto grupo investidor, muitos setores da sociedade brasileira passaram a advogar em defesa destas pessoas manifestando interesse por suas causas, seus problemas, seus direitos políticos e pelos investimentos do grupo.

Vale ressaltar que o potencial econômico foi peça fundamental para que a condição de vida dos emigrantes se tornasse um debate público nos últimos anos. De olho nas remessas enviadas pelo grupo muitas instituições surgiram visando auxiliar estas pessoas, principalmente direcionando seus investimentos. Logicamente, instituições como a *Casas Brasileiras* não estariam simplesmente oferecendo serviços, mas evidentemente lucrando com as negociações. Também é importante evidenciar que muitos emigrantes não reconhecem nem se sentem representados por estas instituições. Este é o caso do *Estado dos Emigrantes*, por exemplo, cuja proposta recebe muitas críticas. De modo geral, estas instituições também contribuíram para trazer à tona algumas questões relacionadas aos emigrantes, tais como o debate em torno do direito ao voto, do direito à representação na política brasileira e do direito à nacionalidade.

Na cidade de Criciúma também podemos apontar uma instituição criada com o objetivo de auxiliar os emigrantes que viviam no exterior. A instituição denominada *Associação de Apoio ao Emigrante*, popularmente conhecida como *Casa do Catarinense* foi criada em meados de 2005 e tinha como objetivo atender às "necessidades de urgência como doença, assessoria jurídica, auxílio no translado de corpos de brasileiros e orientação a detentos e cidadãos [...]"[62] O primeiro presidente da Associação foi Renato Inácio conhecido comerciante da cidade e ex-migrante. Um ano após sua fundação, Renato teria ido pedir apoio aos vereadores de Criciúma para que fosse aprovado um projeto de lei que tornaria a entidade pública. A proposta era de autoria do vereador Itamar da Silva (PSDB), caso a proposta fosse aprovada a associação poderia fazer convênios e receber doações de empresas públicas.[63] Este fato evidencia algumas das dificuldades que a Casa já enfrentava. Gladis Sarvalaio que trabalhou muitos anos na instituição faz o seguinte relato sobre os motivos que levaram ao surgimento da *Casa* e os problemas que a mesma atravessou:

> (A idéia da Casa surgiu) Numa visita, do que hoje é atual prefeito mais que na época era deputado, Clésio Salvaro, na região de Boston. Ele viu que, em conversa com os

[62] Casa do Catarinense precisa de recursos. Disponível em: http://camara.virtualiza.net/noticia.php?noticia_cod=467 Acesso em 01 de Novembro de 2010.
[63] Ibidem.

> brasileiros que estavam lá, da necessidade de um contato, tipo uma agência que cuidasse de alguns problemas comuns entre alguns imigrantes, aqui e mesmo os que estavam lá. E daí eu acho que numa outra viagem, duas ou três viagens com o prefeito de lá, se organizou então que foi criada essa ONG pra Casa do Catarinense. Que o primeiro presidente era o Renato dono da pizzaria Inacio's ali, que ficou acho que por uns quatro ou cinco anos, não tenho certeza. E aí tinha até uma sede aqui e tal. Quando eu voltei (dos EUA) já tinha fechado a sede, por que tu precisa de recurso pra te manter. E a gente acaba não tendo recurso assim né? O governo não libera recurso pra ti manter esse tipo de Casa. E aí a gente acabou tendo aberto, assim: o grupo se reunindo da Casa do Catarinense em lugares fora. E atuando principalmente em mortes né, de brasileiros quando morriam, pra trazer pra cá. Por que é a única maneira é que se tu tinha os papéis de uma ONG pra poder trazer essas pessoas que morriam. Por que aproximadamente, até hoje é isso, dependendo o local, a região em que se morre, a gente tá falando dos Estados Unidos, por que eu vivi nos Estados Unidos, mas morre gente na Inglaterra, morreu gente na França, né na Alemanha.... E aí isso facilitava com que trouxesse os corpos pra cá, por que custa aproximadamente 15 mil dólares. E a família aqui, não tem né? Então a gente com a ONG se tornava bem mais fácil entrar com processo de pedido junto ao Governo Federal ou ao Governo Estadual. Na maioria das vezes é o Governo Federal, que Estadual.[64]

Os problemas com relação à manutenção da instituição acabaram diminuindo suas áreas de atuação. Segundo Gladis, num primeiro momento a Casa objetivava também dar auxílio aos retornados para realizarem seus investimentos.[65] No entanto, a instituição ficou centrada, principalmente no translado dos corpos de brasileiros mortos no exterior e em auxílios jurídicos a brasileiros detidos em outros países. Em 2008 o então deputado Clésio Salvaro pedia à diretora do Departamento de Imigração e Assuntos Jurídicos do Ministério das Relações Exteriores que o governo brasileiro acompanhasse o caso de um catarinense preso nos Estados Unidos que estava há dois anos aguardando julgamento. O criciumense era acusado de terrorismo e vivia de forma indocumentada naquele país.[66] Ainda no mesmo ano a Casa atuava no translado do corpo de um criciumense:

> A Casa do Catarinense, instituição de apoio ao emigrante, está mobilizada para comprovar a nacionalidade de um criciumense que morreu nesta semana em acidente de motocicleta em Londres, na Inglaterra. Com ajuda do Ministério das Relações Exteriores, a instituição tenta trazer o corpo de Giovani de Araújo, 40 anos, ao Brasil. A expectativa da representante da Casa do Catarinense, Gladis Sarvalaio, é de que o corpo esteja com a família em até 10 dias.[67]

---

[64] Entrevista Gladis
[65] Idem.
[66] Dos Gabinetes – Deputado pede ao Itamaraty apoio ao brasileiro preso nos EUA como terrorista. Disponível em: http://www.alesc.sc.gov.br/portal/imprensa/leitor_noticia.php?codigo=17444. Acesso em: 01 de Novembro de 2010.
[67] Acidente em Londres mata catarinense. Disponível em:http://www.clicrbs.com.br/diariocatarinense/jsp/default2.jsp?uf=2&local=18&source=a2302019.xml&template=3898.dwt&edition=11146&section=213 Acesso em: 01 de Novembro de 2010.

De modo geral, a atuação da *Casa do Catarinense* teve grande repercussão na cidade. Apesar de ter sido intitulada de maneira tão abrangente, a Casa teve suas ações concentradas basicamente no sul do estado.

2.1 OS INVESTIMENTOS NA CIDADE DE CRICIÚMA E AS MUDANÇAS NA PAISAGEM URBANA

Os lucros obtidos através da experiência migratória são majoritariamente remetidos ao Brasil, normalmente à cidade de origem. Este fato além de evidenciar a vontade do emigrante de retornar à cidade natal também destaca a necessidade de exposição dos bens adquiridos com o processo migratório. Muitos investem nos bairros em que moravam anteriormente com o objetivo de mostrar seu sucesso para vizinhos e familiares. "O emigrante poderia comprar um lote e construir uma casa em um bairro mais valorizado, mas construir naquele bairro, naquela rua, tem todo um significado de mobilidade social." (SIQUEIRA, 2006, p. 126) Para o emigrante se torna de fundamental importância expor as conquistas, os benefícios conseguidos através da migração. Assim, demonstra que a experiência foi bem sucedida mesmo que isso não seja compatível com a realidade. Muitos acabam se endividando na construção de casas ou na compra de carros, ostentando bens que nem sempre conseguem pagar. A valorização dos bens materiais e de uma vida confortável ajuda a fortalecer o imaginário da migração e instiga outros tantos a buscarem sucesso econômico em outros países.

De modo geral, os investimentos realizados pelos emigrantes promoveram diversas mudanças nas cidades transformando a paisagem urbana, assim como setores ligados à prestação de serviços. Como citado anteriormente nas cidades de maior porte, as remessas financeiras dos emigrantes não são tão visíveis, contudo em cidades de médio e pequeno porte estes investimentos são claramente perceptíveis. No caso da cidade de Criciúma muitas mudanças ocorreram nos últimos anos e muitas delas estariam ligadas aos investimentos dos criciumenses que estavam nos Estados Unidos, ou de modo geral, no exterior.

A paisagem urbana criciumense vem se modificando drasticamente nos últimos anos. Como citado no primeiro capítulo a cidade teve seu desenvolvimento urbano, populacional e econômico a partir da atividade carbonífera. Desde a abertura das primeiras minas de carvão em 1917 que o desenvolvimento da urbe ficou relacionado ao setor. Por um longo período,

aproximadamente 50 anos, a cidade se desenvolvia visando atender às necessidades do setor carbonífero.

> A cada nova área a ser explorada que surgia na cidade, uma nova parte do território era ocupado, posteriormente, este espaço novo consolidava uma comunidade que vivia das atividades relacionadas à mineração e acabava incorporada ao tecido urbano de expansão, ou seja, a atividade carbonífera imprimia a forma e o modo do desenvolvimento urbano, de acordo com suas necessidades. (PRUDÊNCIO, 2003, p. 28)

Somente a partir da década de 1970 que alguns projetos de modernização da cidade passaram a ser implementados. Dentre eles podemos destacar a retirada da Estrada de Ferro do centro da cidade e a construção da Avenida Axial. "As áreas próximas ao centro da cidade passam a ser mais valorizadas devido às melhorias da infra-estrutura viária, e conseqüentemente, o crescimento populacional urbano sofreu um processo de perifização." (Idem) Estas "transformações resultaram na cidade atual, caracterizada pela verticalização de sua área central, diversificação de sua economia, assepsia da paisagem urbana exorcizada da presença do carvão mineral." [...] (NASCIMENTO, 2003, p. 239). O processo de verticalização da área central avançou de forma intensa devido ao favorecimento legal através dos Planos Diretores de 1972, 1984 e 1999, além da pressão realizada pelos construtores. (PRUDÊNCIO, 2003, p. 28). Nesse sentido, podemos evidenciar que a região central de Criciúma é ressignificada e valorizada, fato que levará a um aumento nas construções no centro da cidade. No entanto, a partir da década de 1990 o crescimento do processo de verticalização desta área se torna demasiadamente acelerado.

Os processos de verticalização são fenômenos que ocorreram e ainda ocorrem em várias cidades de médio porte. No entanto, o que desperta a atenção para a cidade de Criciúma são suas especificidades. A verticalização urbana, o elevado número de investimentos no setor imobiliário e a presença de construtoras criciumenses no ranking brasileiro das maiores construtoras do Brasil, apontam que nos últimos anos houve um investimento maciço nestes setores. Vale ressaltar que este crescimento ocorreu num período em que muitos criciumenses estavam estabelecidos nos Estados Unidos e enviavam freqüentemente remessas de dinheiro para o município. Nesse sentido, se faz necessária uma análise da influência dos investimentos dos emigrantes nos setores ligados à aquisição de bens imóveis.

Grande parte dos emigrantes buscavam fazer pelo menos um investimento em imóveis. Aqueles que migraram sem possuir a casa própria geralmente direcionaram seus investimentos para esta aquisição objetivando usufruir desta moradia ao retornar ao país.

Muitos ainda investem na aquisição de mais de um imóvel visando o rendimento proporcionado pelos aluguéis. Além disso, a aquisição destes bens gera uma expectativa de valorização futura, tornando o investimento neste setor, um negócio seguro e lucrativo, desde que se saiba aplicar em bons imóveis.

O município de Governador Valadares é um exemplo da relação entre investimentos dos emigrantes e o crescimento do mercado de imóveis. Ao pesquisar o crescimento deste setor, Soares (1995) percebeu que nos anos de grande estagnação econômica as vendas e compras de imóveis permaneciam com índices elevados:

> Causa estranheza o fato de que, num contexto tempo/ espacial (década de 80/ Governador Valadares) marcado pela relativa estagnação econômica, o volume de compra e venda de imóveis urbanos tenha se mantido em patamares elevados; ainda mais quando se tem em conta que o alto preço dessa mercadoria, em face de outros produtos de consumo e do baixo alcance dos financiamentos públicos, limita a demanda solvável aos estratos sociais de renda mais alta. (SOARES, 1995, p. 32)

Ao analisar esta contradição vivenciada na economia valadarense, Soares buscou aprofundar a relação entre os investimentos dos emigrantes e o crescimento do setor de bens imóveis. Segundo o autor, no período entre 1984/ 1993 os "emigrantes responderam por 23,3% das transações com terrenos, por 53% do que se comprou de casas; por 52,6% do que foi comercializado de apartamentos e por 47,6% do que foi negociado de comércios." (SOARES, 1995, p. 59). Transformando estes percentuais em valores, os emigrantes teriam investido nesse período U$ 28 751 000,00 em terrenos; U$ 78 842 000,00 em casas; U$ 39 955 000,00 em apartamentos e U$ 6 179 000,00 em comércios, totalizando U$ 153 727 000,00 investidos no mercado imobiliário. (SOARES, 1995, p. 61).

Diferentemente da cidade de Governador Valadares, Criciúma começou a apresentar um crescimento no setor imobiliário entre a metade da década de 1990 e início de 2000. Vale ressaltar, que os contornos da migração criciumense começaram a se delinear no início dos anos 90, contudo os investimentos maciços no mercado imobiliário começam a ter grandes proporções somente alguns anos depois, quando o fluxo já estava estabelecido. Além disso, segundo Gilberto Cardozo, representante da construtora Corbetta[68], os investimentos no setor imobiliário realizados pelos emigrantes representaram uma segunda fase de investimentos deste grupo.

[68] Entrevista Gilberto Cardozo concedida em 01 de Julho de 2010 à Michele Gonçalves Cardoso. O entrevistado é gerente comercial da Construtora Corbetta.

> No começo o dinheiro não vinha pra construção, isso já foi uma segunda fase. No começo o pessoal ia, ganhava dinheiro trazia e montava um negócio [...] investir em apartamentos foi depois de um monte de gente ter quebrado a cara, eles queriam uma coisa mais segura pra investir que digamos não fosse colocar em risco o trabalho deles, o ganho.[69]

Muitos criciumenses buscaram investir seus ganhos em negócios, porém por falta de experiência e de estudo de mercado muitos acabaram falindo e perdendo os investimentos realizados. Segundo Silvano Salvador[70] esta é uma dificuldade para muitos retornados, pois falta assessoria para os emigrantes na cidade. Mesmo tendo dinheiro para iniciar um negócio os retornados não sabiam onde investir, pois não encontraram informações disponíveis sobre a economia da região.

> Todo mundo aqui faz o que eu fiz e o que um monte faz. Cada um quer tocar, mete a cara em coisa que não conhece e sozinho, quer dizer, ai quebra tudo porque ai não tem caixa, não tem capital de giro, não tem estrutura, [...] não tem consultoria não tem uma pessoa que entenda do negócio que pesquise tudo antes. É, a maioria é assim, ai abre coisas pequenas, vai abrindo, abrindo e depois com o tempo vai quebrando. Ai começa a desanimar também.[71]

O exemplo destes emigrantes que não obtiveram sucessos em seus negócios levou os criciumenses a direcionarem seus investimentos para o setor imobiliário iniciando assim o que Cardozo chamou de segunda fase de investimentos. Para Scarduelli a tendência dos emigrantes criciumenses investirem no setor imobiliário se dá por três motivos:

> 1- O fato de estarem inseridos em uma outra economia num outro país, não retira destes imigrantes a expectativa de retornarem ao Brasil após um período de trabalho nos EUA, como tal se faz necessário garantir o excedente financeiro obtido no período de trabalho, o que os leva a investir em imóveis pela sua expectativa de segurança pelo qual o setor se caracteriza;
> 2- Muitos destes imigrantes após algumas remessas de dinheiro para seus familiares para utilização no Brasil perdem a confiança em seus parentes próximos, utilizando os imóveis como forma de proteger seu patrimônio;
> 3- Como a maioria destes emigrantes tem dificuldades de retornarem ao Brasil, ou por dificuldade de retorno ao EUA (obtenção de visto), ou pelo custo do retorne e afastamento temporário de seu atual emprego, procuram investir seus excedentes de forma a não necessitar um acompanhamento próximo, como é o caso de imóvel. (SCARDUELLI, 2002, p. 18 - 19)[72]

Esta fase de investimentos no setor imobiliário ocorreu nos últimos anos da década de 1990 e principalmente nos anos inicias da década seguinte, mesmo período em que as construtoras criciumenses apresentaram um grande desempenho. Segundo reportagem do

[69] Ibidem.
[70] Entrevista Silvano o Salvador concedida em 25 de Março de 2010 a Michele Gonçalves Cardoso.
[71] Idem.
[72] Numeração nossa.

Jornal da Manhã de Outubro de 2003, um "levantamento da construção civil de Santa Catarina aponta que o Estado teve um crescimento de 2,5% em relação ao ano passado. E Criciúma é considerada a cidade que mais lança imóveis para construção."[73] A cidade começou a se destacar no cenário estadual, pois, apresentou neste período altos índices, fato que estaria segundo o presidente daquela gestão do Sindicato da Construção Civil de Criciúma/ Sinduscon Antônio Deoclésio Pavei, diretamente ligado aos investimentos dos emigrantes: "a grande maioria dos compradores de apartamentos na planta é de pessoas que estão morando fora do País, mais precisamente nos Estados Unidos".[74] Ainda segundo a reportagem o setor cresceu 41% entre os anos de 2001 e 2002.[75]

Para melhor visualizarmos o crescimento do setor imobiliário criciumense podemos analisar os números referentes às *licenças para construção* e também o número de *Habite-se* liberados. As *licenças para construção* são concedidas pela Prefeitura Municipal após análise do projeto da obra. Já o *Habite-se* é liberado pela Prefeitura após o término da obra. Nesse período é feita uma fiscalização comparando o projeto e a obra pronta, somente após a análise a habitação é liberada.

[73] CONSTRUÇÃO cresce na região. Jornal da manhã. 21 de Outubro de 2003.
[74] Ibidem.
[75] Ibidem.

Número de licenças para construção e Habite-se em Criciúma 1995 - 2009[76]

Ano	M2 Licenças	Nº Licenças	M2 Habite-se	Nº Habite-se
1995	159.737,85	420	64.043,96	156
1996	117.785,97	399	81.216,75	198
1997	119.369,79	376	84.528,46	163
1998	173.806,61	480	100.052,23	278
1999	135.621,84	455	125.908,95	249
2000	168.946,25	530	142.440,62	328
2001	221.952,42	534	91.142,89	274
2002	204.738,35	722	154.736,44	310
2003	169.697,45	627	159.511,59	257
2004	214.219,19	711	134.301,79	235
2005	391.357,10	709	117.185,31	348
2006	293.247,86	845	142.321,46	389
2007	265.834,32	801	150.530,60	442
2008	263.553,24	589	154.881,96	279
2009	322.270,43	841	144.425,67	533

Ao analisarmos os números podemos perceber que entre os anos de 1995 a 2009 temos de modo geral, uma crescente nas liberações para construção e Habite-se. Este crescimento é bastante visível nos anos de maior investimento dos emigrantes. De 1999 para 2000 houve crescimento, assim como em 2001. Em 2002 e 2003 houve uma diminuição dos índices, retomando o aumento em 2004 e principalmente 2005. O fato de o crescimento ter sido interrompido por alguns semestres pode estar relacionado a mudanças no governo e principalmente pelas disparidades produzidas pelo dólar. Entendendo estas pequenas variações como normais na economia, podemos inferir que o setor imobiliário criciumense cresceu muito no período destacado. Este crescimento evidenciou a cidade como polo da construção civil e colocou as construtoras criciumenses como as maiores de Santa Catarina e também do Brasil.

Segundo dados da ITCnet,[77] três construtoras criciumenses estariam entre as 100 maiores do país: Criciúma Construções, Construtora Fontana e Construtora Corbetta. No ranking de 2005[78] somente a Criciúma Construções estava presente. A empresa ocupava o 35º

[76] Os dados referentes aos anos de 1995 e 1996 foram coletados a partir do trabalho de Elton Fogaça Zili (2003) pois os mesmos não foram disponibilizados pela Prefeitura Municipal. Os demais foram coletados a partir da Divisão de Planejamento Físico – Territorial da Prefeitura Municipal de Criciúma.

[77] A ITCnet – Informações Técnicas da Construção: há mais de 30 anos acompanha a evolução do setor da construção, realizando pesquisas sobre novos empreendimentos nos segmentos residencial, comercial e industrial. A ITCnet faz uma apuração junto aos engenheiros e responsáveis pelas obras para obter informações detalhadas dos empreendimentos e montar um banco de dados sobre obras do Brasil.

[78] Índices de mercado. Disponível em: http://www.itc.etc.br/indices.asp. Acesso em 01 de Agosto de 2010.

lugar com 95.725,00 m2 construídos. Em 2006[79] as três empresas criciumenses se faziam presentes: Criciúma Construções em 27º lugar com 22 empreendimentos entregues neste ano e 175.338,00 m2 construídos. A Fontana aparecia em 64º com 14 empreendimentos totalizando 71.435,00 m2 construídos. Já a Construtora Corbetta ocupava a 71º posição com 11 empreendimentos entregues e 62.200,00 m2. No IV Ranking da ITCnet de 2007[80] a Criciúma Construções estava ocupando o 36º lugar com 195.704,47 m2 construídos. A Construtora Fontana estava na 52º posição com 133.438,00 m2 e a Corbetta ocupava a 78º posição com 85.788,56 m2 construídos pela empresa. Em 2008[81] a Criciúma Construções continua sendo a empresa criciumense melhor colocada ocupando 54º lugar com 230.983,76 m2. A Fontana aparece logo depois em 56º com 214.861,00 m2, e a Construtora Corbetta ocupa a 77º posição com 141.618,00 m2 construídos. Na 6º edição do ranking[82] a Criciúma ocupa 36º lugar com 398.872,35 m2 construídos. A Fontana desponta na 57º posição com 179.305,78 m2, e a Corbetta em 70º lugar com 134.302,17 m2.

Analisando os números disponíveis pela ITCnet podemos perceber claramente o crescimento das construtoras criciumenses e o quanto estas empresas foram se consolidando no mercado. A Criciúma Construções, empresa que mais se destacou nesse cenário foi considerada nos últimos anos como a maior construtora de Santa Catarina[83] e em 2009 foi homenageada no evento da ITCnet recebendo o prêmio de maior construtora do sul do país.[84]

A tabela também nos permite fazer uma análise do crescimento da construção civil brasileira nos últimos anos. Podemos perceber que a cada ano as empresas constroem mais, o que não garante repetirem ou ficarem melhor posicionadas do que no ano anterior. Para citar apenas um exemplo, temos o caso da Criciúma Construções que em 2006 construiu 175.338,00 m2 e ocupava a 27º posição. Em 2007 construiu mais que o ano anterior (195.704,47 m2), no entanto decaiu para a 36º posição. Este dado é apenas um indício do grande crescimento do setor que a cada ano realiza novos empreendimentos. Vale ressaltar também que as empresas criciumenses estão concorrendo com construtoras de todo o Brasil, fato que desperta a atenção, pois são três construtoras de uma cidade do sul catarinense

[79] Ibidem.
[80] Ibidem.
[81] Ibidem.
[82] ITCnet anuncia o ranking das 100 maiores construtoras do Brasil. Disponível em: http://www.portalvgv.com.br/site/itcnet-anuncia-o-ranking-das-100-maiores-construtoras-do-brasil/ Acesso 01 de Agosto de 2010.
[83] A empresa. Disponível em: http://www.criciumaconstrucoes.com/ Acesso em: 01 de Agosto de 2010.
[84] As 100 maiores construtoras do Brasil. Disponível em: http://www.itc.etc.br/fatos_e_obras_detalhes.asp?IdReg=53. Acesso em 01 de Agosto de 2010.

presentes num ranking formado por grandes construtoras muitas localizadas, por exemplo, no eixo Rio - São Paulo.

Assim, para melhor entendermos o desenvolvimento destas empresas segue um breve histórico das construtoras[85]:

> a)**Construtora Corbetta:** A construtora iniciou suas atividades em 10 de agosto de 1976 tendo como fundador da empresa Paulo César Corbetta. O proprietário foi o responsável pelo projeto de sua primeira obra, o Edifício Leonor localizado na Avenida Centenário concluído em junho de 1978 com 17 apartamentos e 2.292,43 m2. Ainda nesta década foram entregues mais dois edifícios: Ana Lúcia e o residencial Michele, somando 49 apartamentos entregues. (ZILI, 2003, p 26). Ao longo desses anos entregou mais de 100 edifícios construídos, constituindo aproximadamente 2.500 apartamentos residenciais e 50 salas comerciais totalizando 300 mil m2 construídos. A construtora possui empreendimentos nas cidades de Criciúma, Içara, Balneário Rincão, Siderópolis, Cocal do Sul, Tubarão, São José, Florianópolis e está expandindo seus empreendimentos para as cidades de Laguna e Araranguá;[86]
>
> b)**Construtora Fontana:** a empresa foi fundada em 25 de setembro de 1986 na cidade de Urussanga pelo empresário Olvacir José Bez Fontana. Inicialmente a "empresa construía prédios e obras públicas, porém, nesta mesma época, já optava por construções verticalizadas, sendo que a maioria de suas obras era edifícios residenciais e comercias". (ZILI, 2003 p 27) Em 1996 a Construtora muda-se definitivamente para a cidade de Criciúma. A Fontana possui 65 empreendimentos entregues em diversas cidades: Criciúma, Florianópolis, Içara, Laguna, Porto Alegre e Urussanga;[87]
>
> c)**Criciúma Construções**: a empresa que foi fundada pelo empresário Rogério Cizeski iniciou seus trabalhos em 1989 atuando no setor imobiliário. Somente em

---

[85] Neste trabalho optamos por destacar a participação das três maiores construtoras criciumenses: Criciúma, Fontana e Corbetta. A escolha das três teve como critério a participação das mesmas no cenário nacional, sendo as maiores empresas deste perfil da cidade e região. Contudo, podemos destacar outras empresas do setor que atuam ativamente na construção civil em Criciúma: Construtora Edson Damiani, Pavei Construtora e Eterna Construtora. A Edson Damiani foi fundada em 1991 em Curitiba/ PR sendo transferida para Criciúma em 1994: http://www.edsondamiani.com.br/. A Pavei Construtora é uma empresa do Grupo Pavei Participações, que vem atuando há mais de 25 anos no mercado, nos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, tendo mais de 500.000 metros quadrados construídos e entregues: http://www.pavei.com.br/. A Construtora Eterna também foi fundada em Curitiba em 01 de março de 1977, em 1981 a empresa foi transferida para Criciúma: http://www.eternaconstrutora.com.br/.

[86] Disponível em: http://www.corbetta.com.br/historia. Acesso em: 01 de Agosto de 2010.

[87] Disponível em: http://www.construtorafontana.com.br/. Acesso em: 01 de Agosto de 2010.

> 1993 a empresa entrou no ramo da construção civil. (ZILI, 2003, p 28) Desde a fundação da Criciúma Construções o empresário procurou diversificar suas operações, "buscando novos segmentos através da Nacional Motos, revendedora das Motos Kazinski e também na área de financiamento de veículos e factoring com a Finauto – Financiadora de Veículos Ltda" (IDEM). Foi somente depois da consolidação da Criciúma Construções que Cizeski passou a se dedicar somente à empresa. Tendo sua sede na cidade de Criciúma, a empresa foi se expandido para as cidades próximas e atualmente possui empreendimentos nas seguintes cidades: Criciúma, Florianópolis, Joinville, Içara, Cocal do Sul, Siderópolis, Morro da Fumaça, Jaraguá do Sul, Araranguá, Laguna, São Joaquim, Forquilhinha, Braço do Norte, Orleans, Balneário Camboriú em Santa Catarina, e Torres e Canoas, no Rio Grande do Sul.[88]

Buscando relacionar o desenvolvimento destas empresas e o dinheiro investido pelos emigrantes na cidade, foram realizadas algumas entrevistas com representantes das construtoras e também com o sindicato patronal da região, Sinduscon. Nestas entrevistas pode-se perceber um discurso bastante homogêneo em que os entrevistados tomaram o cuidado de não relacionar o crescimento do setor com o investimento vindo do exterior. Quando questionados sobre as remessas dos emigrantes e o setor da construção civil, todos os entrevistados evidenciaram uma participação efetiva dos emigrantes no início do ano 2000, mas destacavam que o setor não manteve, e não mantêm, nenhuma dependência destas remessas para sua sobrevivência. Nesse sentido, todos colocaram que os valores remetidos pelos emigrantes ajudaram num curto período de tempo a alavancar o setor, expandir, mas segundo as falas não seriam os responsáveis pelo desempenho das empresas nos últimos anos. A maioria evitou disponibilizar números, estatísticas destes investimentos, mas quando questionados sobre a participação dos emigrantes nas vendas utilizavam o valor de 10%:

> Se vendeu entende não é tanto quanto o pessoal achavam que era 50% pra fora não era assim pelo menos não aqui conosco né. Quando começou a vender tinha até imobiliárias daqui que se instalaram lá nos Estados Unidos, mas a gente tinha muito problema com o pessoal de fora porque você não tem contato e esse pessoal tipo assim eles somem lá né, tão num lugar daqui a pouco não tão eles trabalham o dia inteiro né e daqui a pouco não tão mandando dinheiro e daqui a pouco tão vendendo pra outro e falta de documentação. [...] a gente proibiu as vendas lá por causa desses problemas ele é obrigado a comprar aqui daí você perde esse vínculo também, por exemplo você não sabe quem ta comprando se é gente que ta mandando de lá pra cá

[88] Disponível em: http://www.criciumaconstrucoes.com/. Acesso em: 01 de Agosto de 2010.

> ou se é gente daqui mas o que a gente via é que era pouco de lá tipo uns 10% coisa assim não era tanto assim como se imaginava.[89]

A representante da Criciúma Construções não se disponibilizou para a realização de uma entrevista tendo optado por responder um questionário pré- determinado sobre esta relação dos emigrantes e a empresa. Neste questionário a representante também destacou uma participação de 10% dos emigrantes nas vendas da construtora[90].

O representante da Fontana não divulgou estatísticas, mas evidenciou o período no qual acredita que as vendas foram maiores:

> Um determinado momento foi eu até creio que em torno de 2000, 1999 o ano né, foi muito mais forte e gradativamente foi diminuindo né. A Fontana inclusive foi uma das pioneiras que teve já representante nos Estados Unidos corretor autônomo, mas representando a gente e foi uma época de negócios de maior volume ai depois muitas construtoras foram e ai pulverizou demais foi feita concorrência inclusive lá dentro dos Estados Unidos e ai não combina muito com o nosso estilo de atuar.[91]

Já o presidente da atual gestão da Sinduscon, Jair Savi foi mais enfático ao relacionar o crescimento do setor de bens imóveis aos investimentos dos emigrantes "uma das causas da construção civil ter se desenvolvido e muito aqui foi devido aos brasileiros que estão no exterior, não só nos Estados Unidos como na Inglaterra, França e na Itália. Hoje ainda é assim, só não com tanta intensidade como era."[92] O empresário proprietário da Savi Fundações e Sondagens Ltda, também destaca que nos últimos anos sua empresa teve um grande crescimento, pois aumentou a procura pelos serviços prestados pela empresa que estão diretamente ligados à construção civil.

> No início a sondagem ela não era muito exigida, mas devido a grandes áreas mineradas, porque 70% daqui de Criciúma, do município de Criciúma é, ou é área de preservação ta, ou é área minerada e resta então os outros 30%. Desses 30% aproximadamente 17% já ta construído em cima e resta agora só a outra parte e vai em torno de 8% por ai que ainda não foi construído e é área que pode ser construída sem problema algum devido a área de mineração. E a sondagem, como essa área, como cada vez vai diminuir mais tu tem que fazer a sondagem pra ver se a área é minerada ou não.

As dificuldades de se construir em Criciúma estão diretamente relacionadas à exploração do carvão, principalmente no período em que as mineradoras não utilizavam um

[89] Entrevista Gilberto Cardozo.
[90] Questionário Criciúma Construções. Respondido por: Jussanara Machado, gerente de marketing da Criciúma Construções. Questionário elaborado por Michele Gonçalves Cardoso.
[91] Entrevista Manoel Alves concedida em 29 de Julho de 2010 à Michele Gonçalves Cardoso. O entrevistado é gerente comercial da Construtora Fontana.
[92] Entrevista Jair Paulo Savi concedida em 28 de Julho de 2010 à Michele Gonçalves Cardoso. O entrevistado é proprietário da empresa Savi Fundações e Sondagens e também presidente da Sinduscon/ Criciúma desde 2009.

plano de lavra, ou seja, seguiam sem mapear o local minerado. Com o fechamento de grande parte destas mineradoras perdeu-se o controle sobre as áreas mineradas, fato que torna instável a construção em vários locais. Estas dificuldades levam as construtoras a fazerem sondagens nos terrenos evitando colocar seus empreendimentos em risco. Nesse sentido, Jair Savi percebeu um crescimento no setor, crescimento que segundo ele estaria diretamente ligado aos emigrantes criciumenses.

Como as construtoras de modo geral, buscaram não vincular seu crescimento ao dinheiro remetido pelos emigrantes e também não forneceram estatísticas dos investimentos deste grupo, buscou-se questionar quais características teriam sido responsáveis pelo crescimento do setor. Assim, foram pontuadas como as principais características; a segurança proporcionada pelo Plano Real, que controlou a inflação e tornou as compras mais acessíveis, além de favorecer as construtoras que antes da implementação do Plano Real percebiam um aumento nos materiais de construção durante a obra, fato que prejudicava o andamento da mesma. Além disso, também foram mencionados os sucessos das políticas de financiamento habitacional, o financiamento através das próprias construtoras e também as compras na planta que favoreciam os adquirentes, pois proporcionavam um prazo de pagamento maior, além de beneficiar as construtoras que recebiam os pagamentos durante a execução do empreendimento injetando na obra o próprio dinheiro dos futuros moradores. De modo geral, segundo o grupo entrevistado, este contexto teria contribuído para o desenvolvimento e crescimento do setor imobiliário criciumense.

Contudo, ao analisarmos estes fatores, percebemos que eles também mantêm ligação com os investimentos dos emigrantes. Primeiramente podemos destacar a relação com o Plano Real (1994). Sem dúvida, após a implementação do Real o Brasil iniciou um processo de estabilização controlando a inflação que amedrontava os brasileiros. No entanto, vale ressaltar que neste período a cidade de Criciúma estava consolidando o fluxo de criciumenses para os Estados Unidos. Como já mencionado neste trabalho, os criciumenses estabelecem um fluxo contínuo somente nos primeiros anos da década de 1990. Dessa forma, neste período a cidade estava numa conjuntura nacional de estabilização econômica e paralelamente vivenciava os primeiros anos de investimentos maciços realizados pelos emigrantes. Estes fatores atuaram em conjunto ajudando no desenvolvimento econômico criciumense, logo também no setor da construção civil.

Outra característica apontada como responsável pelo crescimento do setor estava diretamente relacionada às construtoras: o financiamento dos empreendimentos pelas próprias empresas. No entanto, esta política de financiamento através das construtoras não é uma

característica comum ao setor. Empresas sediadas em outras cidades não costumam se utilizar desta estratégia:

> [...] Criciúma é diferente como eu falei antes porque a gente mesmo financia. As outras cidades que a gente conhece exceção pra pouca, não financiam eles no máximo financiam durante a obra. Depois da obra pronta eles vão pro banco então não financiam. A gente financia 72 meses, 84 meses no caso da Fontana não cobramos juro é só atualização do CUB que é o indexador da construção civil né isso faz diferença as pessoas não querem muito o banco hoje até melhorou um pouco porque a proposta do banco não é aquilo que já foi no passado né é mais confiável.[93]

Esta característica das construtoras criciumenses em fazer seus próprios financiamentos estaria, segundo o presidente da Sinduscon diretamente relacionada aos emigrantes: "as construtoras começaram a fazer seu próprio financiamento ta eles financiavam devido ao dinheiro que vinha de lá (EUA) e fortaleceu muito as construtoras e hoje ta ai no que está o avanço total na construção civil.[94]" Podemos inferir que o interesse das construtoras em financiarem seus próprios empreendimentos, estaria relacionado ao fato de que muitos emigrantes tinham como objetivo investir na construção civil, contudo, conseguir o financiamento através do banco seria algo bastante complicado. O emigrante precisaria de toda a papelada para conseguir o empréstimo, nesse sentido, teria que comprovar residência, e também a renda mensal, questões difíceis de se resolverem no contexto migratório. Tentar o financiamento em nome de outra pessoa seria igualmente complicado. Sendo assim, para não perderem seus potenciais clientes as construtoras buscaram soluções para estes problemas fazendo elas mesmas a negociação diretamente com os interessados. Segundo Manoel Alves, representante da construtora Fontana, "a gente manda o contrato via e-mail entendesse, vai lá, leva, assina lá, manda por sedex e é tranqüilo."[95]Nesse caso, a comunicação é realizada diretamente com o emigrante sem intermediários. Em outras situações as vendas também são feitas através de procurações para os familiares dos emigrantes. Estas "facilidades" proporcionadas pelas construtoras criciumenses apontam uma necessidade destas empresas em se adequarem aos clientes, tornando estas relações de compra e venda uma das especificidades do mercado imobiliário criciumense.

As vendas na planta também foram apontadas como outra das principais características para o crescimento do setor em Criciúma. Esta característica que pode

[93] Entrevista Manoel Alves.
[94] Entrevista Jair Savi.
[95] Entrevista Manoel Alves.

facilmente ser vista em outras cidades, em Criciúma apresenta particularidades por conta do envolvimento do dinheiro dos emigrantes.

> No setor imobiliário, [...] é muito comum hipotecar o futuro, porém com uma diferença em relação à aquisição de um consórcio, isto é, somente irá morar no imóvel quando realmente estiver concluído. Quando a pessoa compra um imóvel ainda na planta, logicamente não poderá usufruir dessa moradia, portanto estará alimentando sua própria obra. Com os pagamentos geralmente mensais que o adquirente faz à construtora, esta poderá usar o dinheiro para a execução do edifício em que está seu imóvel. (ZILI, 2003, p 48)

Os emigrantes, de modo geral, não necessitavam comprar um imóvel para moradia imediata. Assim, muitos adquiriam apartamentos na planta sem se preocuparem com os prazos de entrega. Esta despreocupação favorecia tanto aos emigrantes que não eram prejudicados pela espera quanto as construtoras, que no decorrer dos anos foram aumentando os prazos de construção das obras, fato que também possibilitou a construção de prédios maiores.

> Hoje em média são quatro anos (de construção) até porque o tamanho dos prédios cresceram, antes de 94 os prédios eram ai na faixa de dois a quatro mil m2s as obras o plano diretor era diferente só permitia fazer até 7 andares na cidade hoje pode até 16 andares e os custos aumentaram muito os impostos de lá pra cá aumentou significativamente até mesmo o valor dos lotes aumentaram muito então obras maiores você consegue ter um custo menor então hoje a maior parte das construtoras maiores ai tão com edifícios com 8 a 10 mil metros quadrados né cresceu muito esses edifícios então o prazo de construção antes nós trabalhávamos com um ou dois anos subiu de três a quatro anos.[96]

As vendas para os emigrantes proporcionaram ainda para as construtoras um acúmulo maior de capital para a execução de um empreendimento, pois muitos emigrantes pagavam à vista, ou num prazo de tempo menor do que outros compradores. "Normalmente, eles (emigrantes) gostavam de pagar em torno de 36 meses, no máximo 48, porque senão vai ficar a vida inteira pagando. Então eles pagavam com maior rapidez com a intenção de pagar, quitar".[97]Esta característica dos emigrantes favoreceu muito as construtoras, pois como os apartamentos eram pagos em pouco tempo, o capital acumulado servia não somente para o pagamento daquela obra, mas também se tornava o capital inicial para o lançamento de outras construções aquecendo ainda mais o mercado. Não precisar vender todos os apartamentos de uma construção para iniciar outra dinamizou o mercado imobiliário, porém também causou transtornos. Muitos apartamentos começaram a ser comercializados na planta sem que o

[96] Entrevista Gilberto Cardozo.
[97] Entrevista Manoel Alves.

projeto da obra fosse aprovado pela Prefeitura, ou seja, sem a liberação para a construção. Estes problemas também atingiram os emigrantes que por conta da distância não tinham informações precisas com relação às obras, fato que gerou muitos transtornos.

O capital acumulado pelas construtoras através dos investimentos dos emigrantes também favoreceu a expansão das empresas para outras cidades. Muitas construtoras ampliaram as cidades de atuação saindo da região de Criciúma e realizando empreendimentos principalmente na capital, Florianópolis. A ampliação deste mercado, especialmente para as cidades litorâneas, também esteve relacionado ao investimento dos emigrantes.

> Digamos esse pessoal que já ta lá (EUA) porque pouca gente foi depois faz algum tempo o pessoal não tem ido mais com volume porque as coisas não tão aquela coisa e ai esses que já estão lá eles já compraram os imóveis aqui né então se eles já tem o imóvel aqui pra quando voltar ai o próximo imóvel é pra investimento e acaba que Florianópolis é um atrativo maior né. Então é nessa linha que a gente tem notado que eles tão mais voltado pro segundo, terceiro imóvel que é o imóvel do investimento pra fazer renda mesmo.[98]

Depois de garantir o imóvel pra futura moradia, as próximas aplicações não precisam ser necessariamente na cidade em que se pretende voltar a morar, além disso, a compra destes outros imóveis são voltadas para uma expectativa de valorização futura, por isso, muitos acabam optando por cidades turísticas para investir onde a valorização é maior.

> Fazem uns quatro anos que começou eles viram que o dinheiro que vinha dos Estados Unidos muitas pessoas queriam aplicar em cidades próximas a praias então eles começaram a comprar lotes lá e a construir lá e tem empresa de Criciúma que começou a construir próximo à universidade federal que é o local onde um grande número de estudantes vão e tem que ter apartamento pra morar. Então começou a se vender pra construir edifícios com apartamentos pequenos pronto pra estudante e foi o que deu certo. Então agora tu vê tem empresas nossas aqui que tão empregando muito dinheiro agora em Laguna também turismo, Florianópolis devido ao turismo também, [...] Camboriú toda essa região.[99]

A procura por apartamentos em Florianópolis pelos emigrantes fez com que muitas construtoras e imobiliárias criciumenses se instalassem na capital expandindo seus negócios. Como citado por Jair Savi, os investimentos em torno da Universidade Federal foi um nicho de mercado conquistado pelas construtoras a partir de sua instalação naquela cidade. A Criciúma Construções também expandiu seus investimentos comprando um edifício no centro de Florianópolis e instalando neste local o Cecomtur Executive Hotel.

---

[98] Ibidem.
[99] Entrevista Jair Paulo Savi.

Como dito anteriormente, muitas imobiliárias criciumenses se instalaram na cidade de Florianópolis. Uma destas imobiliárias foi a Procasa, empresa instalada há 28 anos na cidade de Criciúma e há 10 anos nos Estados Unidos. A imobiliária montou um escritório em Florianópolis em 2001 visando atender a demanda dos emigrantes. Segundo o proprietário Odair de Souza depois de realizar uma pesquisa de mercado viu:

> Que o melhor investimento pra eles (emigrantes) seria em Florianópolis ta eles tinham condições, primeiro eles tinham condições de comprar [...] Bom então eles tinham condições de comprar o imóvel em Florianópolis e o aluguel lá do mesmo imóvel que eles compravam aqui o aluguel lá era o dobro do preço [...] era o dobro do valor daqui e lá tinha uma valorização maior que aqui e o principal a liquidez em Florianópolis não só naqueles tempos até hoje se quer vender um imóvel você normalmente vende à vista entendeu vende à vista ou as pessoas financiam pelo banco ou te pagam em moeda à vista então pra ter uma idéia 10 anos, 8 anos pra cá os imóveis em Florianópolis valorizaram em torno de 300% então onde muitos deles que às vezes até tão vindo embora me agradecem muito em função dessas [...] indicações, dessas orientações que dei pra eles que é para eles fazerem seus investimentos.[100]

Eduardo Mondardo possuía a mesma opinião com relação aos investimentos na capital. O proprietário da Duda Imóveis também destacou que os investimentos na cidade de Florianópolis eram mais vantajosos, fato que o levou a montar uma imobiliária na cidade.[101]

A chegada das empresas criciumenses a capital do estado motivadas pelos interesses dos emigrantes demonstra que este grupo representava uma fatia bem grande dos rendimentos destas empresas. Tanto que algumas não romperam apenas as fronteiras criciumenses, no caso da Procasa as fronteiras foram internacionais.

Questionado sobre as motivações que o levaram a montar um escritório de representação nos Estados Unidos, Odair destaca que

> As pessoas começaram a procurar a imobiliária lá dos Estados Unidos ligar pra se informar sobre investimento de imóveis em Criciúma ai o que que eu percebi eles contratavam, conectavam com as famílias aqui no Brasil aqui em Criciúma e região pra investir nos imóveis só que eu comecei a perceber que a família, as famílias não tinham visão nenhuma de como se fazia um investimento no ramo imobiliário e eles começaram a investir mal quer dizer a pessoa que morava no Rio Maina achava que o melhor lugar do mundo pra se investir era no Rio Maina porque ele morava lá conhecia lá e quem morava na Próspera e quem morava no Pinheirinho, quem morava... Então eles começaram a fazer investimentos ruins, valorizações ruins, os imóveis não valorizavam muito e não tinham o retorno de aluguel o aluguel era muito barato [...] e a liquidez também era ruim. Tu pega num bairro o bairro quanto mais pobre menor a liquidez pra se vender e eu fui começando a fazer contato com o pessoal lá nos EUA e tal e comecei a perceber também que eles mandavam dinheiro pros parentes comprar imóveis e os parentes por incrível que pareça pai, sogro,

[100] Entrevista Odair de Souza concedida em 24 de Junho de 2010 à Michele Gonçalves Cardoso.
[101] Entrevista Eduardo Mondardo concedida em 14 de Abril de 2007 à Emerson César de Campos.

> sogra, irmão eles hiper valorizavam os imóveis quer dizer um imóvel que custava na época sei lá 50 mil eles botavam que custava 70 pro parente lá mandar 70 mil pra eles embolsar uma parte e outro problema grave que acontecia também era o seguinte eles compravam o imóvel mandavam o dinheiro pros parentes paga as prestações, no caso quando comprava a prazo e os parentes acabavam não pagando os imóveis e eles acabavam muitas vezes até perdendo os imóveis ta. Então eu comecei a ter contato com o pessoal comecei a achar que as pessoas tavam trabalhando nos EUA e tavam investindo muito mal e ai me surgiu a idéia de ir a fonte né se a fonte era lá ir a fonte.[102]

Antes de montar o escritório, Odair foi para os Estados Unidos buscou conhecer a região de Boston, falou com autoridades e depois de entrar em contato com um criciumense que morava há alguns anos naquele país decidiu por consolidar seu escritório. Em seguida, o proprietário levou aos Estados Unidos o dono de uma das construtoras criciumenses. Nesta viagem, Odair buscou destacar as vantagens dos investimentos para os emigrantes. Assim, firmou sua parceria com a construtora a qual passou a representar nos Estados Unidos.[103]

As vantagens de negociar nos Estados Unidos diretamente com os emigrantes disseminaram os produtos criciumenses, no caso, os imóveis construídos na cidade, fato que levou muitas construtoras e imobiliárias a buscarem este mercado.[104] Contudo, mesmo com as vantagens apontadas por algumas pessoas, estas vendas também podiam gerar transtornos. Segundo os representantes da Imobiliária Multimóveis a distância dificultava muito as negociações.

> Da mesma forma que o pessoal comprava, pagavam, pagavam um pouco e depois não pagavam mais e ai o contato com eles era difícil a rescisão contratual era difícil. A pessoa comprava não pagava mais, perdia-se o contato perdia-se, o imóvel não podia ser vendido porque já é de terceiro, tinha que entra na justiça tinha que ser um processo a revelia e se um processo normal dura 2, 3 anos de rescisão aquele dura cinco, seis anos, então em certo ponto as pessoas olharam que de repente não era muita vantagem.[105]

Para o empresário as vendas para os Estados Unidos representavam um risco. Porém, um risco que muitos não se importavam em correr. Assim, podemos perceber que alguns empresários estavam diretamente envolvidos com as remessas dos emigrantes criciumenses, outros buscaram centrar seus negócios somente aos moradores da cidade. Contudo, mesmo esses não tinham como saber a procedência do dinheiro que estavam negociando. Ao firmar

---

[102] Entrevista Odair de Souza.
[103] Durante muitos anos o escritório da Procasa trabalhou somente com imóveis da Criciúma Construções.
[104] Durante alguns anos a Imobiliária criciumense Bemorar também se estabeleceu nos Estados Unidos com o objetivo de vender diretamente aos emigrantes.
[105] Entrevista Roberto Glislere e Rosana Glislere concedida em 05 de Julho de 2010 à Michele Gonçalves Cardoso.

contratos com alguns criciumenses, indiretamente estavam firmando com os emigrantes, já que muitos familiares representavam este grupo.

De modo geral, segundo Scarduelli somente

> No período de 1999 ao primeiro semestre de 2001, o mercado imobiliário de Criciúma comercializou 35% referente a transações de apartamentos, casas, terrenos e salas comerciais, seus recursos oriundos das divisas dos imigrantes nos EUA. Mais de 1/3 das transações imobiliárias tiveram seus recursos originados através dos migrantes dos EUA. Os valores dos imóveis comercializados na sua maioria giram em torno de U$ 20.000,00 até U$ 40.000,00, sendo pagos diretamente dos EUA para as construtoras. (SCARDUELLI, 2002, p. 19)

Ao analisar os dados obtidos através da entrevista com Eduardo Mondardo, proprietário da Duda Imóveis, Emerson César Campos fez a seguinte análise:

> Segundo Eduardo, em planilha enviada pelo sindicato dos imobiliários de Criciúma, em 1999 foram autorizados a construção de 90 mil metros quadrados de área na cidade, aumentando em 2000 para 130 mil, em 2001 para 200 mil, em 2002 para 400 mil metros quadrados de área construída ou em construção. Isto gera um montante aproximado de 120 milhões de reais em quatro anos, numa média de 2,5 milhões de reais por mês que entram na cidade somente no setor imobiliário. Isto deve dar uma idéia do que vem acontecendo com a formulação espacial da cidade. Comparada à economia carbonífera, que produz cerca de 250 mil toneladas mês na região, e que não tem mais nenhuma mineradora na cidade de Criciúma, se pode afirmar que 30% do que o carvão gera em toda a região sul, são alcançados pelo setor imobiliário apenas da cidade de Criciúma. (CAMPOS, 2003, p. 101)

Apesar de ser muito difícil encontrar números precisos relacionados aos investimentos dos emigrantes, alguns índices citados já nos dão uma dimensão de como estes investimentos transformaram a cidade. Muitos destes dados não são disponibilizados pelos próprios empresários do setor, pois estes procuram evitar a vinculação das empresas à necessidade de envio de dinheiro do exterior. Nesse sentido, podemos evidenciar que nos discursos dos representantes destas instituições buscou-se diminuir a importância das vendas para os emigrantes e mesmo a participação das empresas nestas vendas. Contudo, esta participação fica claramente evidenciada no interesse de criar estratégias para vender para os emigrantes, ou ainda no grande número de empresários que foram vender diretamente nos Estados Unidos. Outra evidência do interesse pelos emigrantes pode ser visto através do material de propaganda das construtoras na cidade. Para citar alguns exemplos de propagandas temos os *slogans* da Construtora Fontana: *A realidade é Azul e Vermelho. O sonho é Verde e*

Amarelo[106]; *Saudades à parte, morar nos Estados Unidos é sinônimo de investir em negócios aqui*[107]*; Imóvel. A melhor maneira de transformar dólares em bons negócios aqui.*[108]

Há alguns anos percebia-se que os setores diretamente envolvidos nas áreas de investimentos dos emigrantes buscavam destacar a participação deste grupo e forneciam dados relevantes sobre estas remessas. O dinheiro vindo do exterior era tido como peça chave da economia criciumense na virada do ano 2000. Contudo, nos últimos anos este discurso se transformou e as remessas que foram consideradas por muitos como o "novo carvão" para a cidade, passaram a ser vistas apenas como mais um dos fatores, sem grande relevância para a economia criciumense.

Evidentemente que não podemos fazer uma relação de causa e efeito entre os investimentos dos emigrantes e o crescimento do mercado imobiliário criciumense. Mas sem dúvida estes investimentos alavancaram o setor, sendo uma das especificidades do grande crescimento das empresas relacionadas à construção civil de Criciúma. Também devemos levar em consideração que o dinheiro injetado pelos emigrantes possibilitou às empresas sua expansão, tanto para outras cidades como também para outras modalidades de investimentos. As empresas diversificaram seu público criando empreendimentos para os mais variados bolsos. Muitas investiram em loteamentos nas regiões mais periféricas da cidade, ou ainda no setor hoteleiro da capital.

Os investimentos do setor de bens imóveis foram direcionados maciçamente à região central da cidade de Criciúma. O acentuado processo de verticalização da região central da cidade evidencia que esta região é a mais procurada pelos compradores dos imóveis sendo eles emigrantes ou não. Isso se dá por conta do capital simbólico evocado nesta área. Como relatado anteriormente, o centro da cidade passou nas décadas de 1960 e 1970 por um processo de modernização que valorizou ainda mais a região. A parte central, por ser considerada núcleo fundante sempre foi habitada por famílias tradicionais da cidade. Dessa forma, viver no centro evoca um processo de ascensão social, um *status* diferenciado. Sendo assim, o processo de verticalização da área central possibilitou o acesso de outras famílias de várias regiões da cidade ao centro dinamizando e popularizando esta região. As próprias construtoras evidenciam que não há procura por empreendimentos nos bairros[109], fato que

[106] Jornal da Manhã. 15-16 de abril de 2000.
[107] Jornal da Manhã 19/04/2000, p.8.
[108] Jornal da Manhã, 11/04/2000, p.11.
[109] Gilberto Cardozo expressa em sua entrevista que não se constrói em bairros por falta de procura da população.

eleva o número de construções no centro e aumenta ainda mais os problemas estruturais desta região.

De modo geral, podemos inferir que os emigrantes influenciaram e foram influenciados pelos empresários da construção civil. Foi disseminado na cidade um discurso em que os emigrantes, não saberiam fazer aplicações e que em pouco tempo perderiam o dinheiro arrecadado na experiência migratória. Desta forma, muitos empresários transmitiram uma imagem "paternalista," cujo objetivo é fazer o emigrante acreditar que precisa ser auxiliado, que precisa de um acompanhamento para realizar seus investimentos. Nesse sentido, são falas comuns dos empresários a desonestidade dos familiares dos emigrantes e também os negócios mal sucedidos realizados pelo grupo. Assim, a imagem das empresas passa a ser vinculada à segurança de bons investimentos. Contudo, mesmo correndo riscos muitos emigrantes não investem no setor imobiliário e decidem por montarem pequenos empreendimentos. Estas empresas, na grande maioria das vezes, evocam a experiência migratória diferenciando seus serviços e modificando as relações citadinas.

2.2 A INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO CRICIUMENSE

Neste capítulo se buscou analisar os investimentos realizados pelos emigrantes criciumenses ainda em condição migratória, assim como no seu retorno à cidade. Pode-se perceber que as remessas enviadas pelo grupo não alteraram somente suas relações pessoais e familiares, mas sim, modificaram as relações citadinas e transformaram a paisagem urbana criciumense. As mudanças realizadas pelo grupo alteraram os contornos da urbe, pois possibilitaram o crescimento do setor imobiliário. No entanto, indo além dos investimentos no setor de bens imóveis buscou-se elencar outros investimentos realizados pelos emigrantes e como estes alteraram o setor de serviços na cidade. Assim, buscando estranhar o cotidiano criciumense chamou a atenção o elevado número de revendedoras de carros usados, de brechós e também de cursos de idioma. É praticamente impossível caminhar pela cidade e não se dar conta da presença destes estabelecimentos. A grande maioria deles está situada na Avenida Centenário, principal avenida da cidade. No entanto, o que desperta atenção destes estabelecimentos, além do elevado número, é a relação que estes possuem com os emigrantes/ retornados à cidade. Muitos utilizam elementos da experiência migratória para evocar um diferencial de seus estabelecimentos. Assim, vamos destacar brevemente estes três serviços oferecidos na cidade e os elementos que os identificam com os emigrantes criciumenses.

2.2.1 Brechós

> Gisele Bundchen, Fernanda Tavares, Ana Hickman, Rita Lee, Wanessa Camargo e Fernanda Torres são só algumas das celebridades brasileiras que assumem adorar um brechó. Elas não tem preconceito algum em entrar numa loja de roupas semi-novas e usadas e garimpar até encontrar peças diferenciadas que tenham a ver com seu estilo. E não pense que elas só frequentam brechós quando estão em outros países, não. No Brasil também há muitas boas opções quando se fala em moda vintage. Em Criciúma os brechós também estão se proliferando.[110]

Este texto foi extraído de uma matéria que visava divulgar as vantagens de se comprar num brechó. A matéria era direcionada ao *Brechó Chique*[111] um estabelecimento localizado no centro de Criciúma que havia aberto suas portas há pouco tempo, mas buscava conquistar os criciumenses. Esta conquista estaria baseada nos bons preços e na qualidade dos produtos oferecidos. Ao mencionar a variedade encontrada na loja o principal fator destacado era o fato das peças serem únicas por serem importadas. Este é o principal elemento de diferenciação dos brechós criciumenses: sua vinculação à *moda internacional*, mas especificamente estadunidense. O *Brechó Chique* recebe seus visitantes com a imagem de uma imponente águia, símbolo dos Estados Unidos, envolta nas cores da bandeira estadunidense. Além disso, a placa na entrada da loja destaca o caráter internacional da moda vendida no local.

As características estadunidenses também são evocadas no Brechó *Lugar da Moda* localizado no centro da cidade. Este estabelecimento possui duas placas uma com a bandeira estadunidense em destaque e outra com as bandeiras do Brasil e dos Estados Unidos juntas. A vinculação de elementos que remetem aos Estados Unidos nos evidenciam que muitos destes brechós são empreendimentos realizados pelos retornados, ou ainda por migrantes que residem nos Estados Unidos.

Diferente do Brasil é hábito comum aos estadunidenses promoverem as *Garages Sales* que são as vendas nas garagens e jardins das residências. Nestes locais o dono da casa abre sua garagem e oferece por valores muitas vezes simbólicos, objetos que não queiram mais, objetos sem serventia. Assim, vendem estes objetos, arrecadam algum dinheiro e ainda limpam a garagem com o objetivo de comprar outros objetos. Prática comum nos Estados Unidos, a compra e venda de objetos usados não é tão comum no Brasil. Mesmo assim, muitos emigrantes elogiam este hábito estadunidense e investem na compra e venda de

---

[110] Muito estilo por poucos reais. Disponível em: http://tudodecri.blogspot.com/2009/05/muito-estilo-por-poucos-reais.html Acesso em 01 de Novembro de 2010.
[111] O nome dos brechós foi modificado.

objetos usados. Muitos compram estes materiais em *Garage Sales* nos Estados Unidos e revendem no Brasil.

No entanto, os brasileiros ainda oferecem certa resistência aos objetos usados. Esta resistência é evidenciada principalmente nos brechós que muitas vezes são considerados locais em que se vendem roupas velhas, em péssimo estado de conservação e fora de moda. Assim, os brechós criciumenses evocam sua experiência migratória para desmistificar este estereótipo e disseminar uma imagem de brechó vinculada a moda estadunidense, em que o fato dos produtos serem importados aumenta sua qualidade e sua exclusividade.

Importante ressaltar que o primeiro brechó que se tem notícia em Criciúma foi organizado por Neide Carminati, esposa de Jaci Carminati cuja trajetória foi exposta no primeiro capítulo. Como já mencionado, a família Carminati divulgou uma imagem de sucesso econômico conseguida através da migração. Os empreendimentos dos Carminati são sempre citados na cidade como bem sucedidos. Assim, o *Brechó da Neide* instalado na cidade no início da década de 1980 não é somente o primeiro do ramo da cidade, é um estabelecimento que remete ao *status* que a família Carminati construiu e ainda constrói em Criciúma.

Ao buscar conhecer um pouco da história do *Brechó Chique* se percebeu que as conexões com os Estados Unidos iam além da fachada da loja. Andréia proprietária do estabelecimento conta que a loja foi montada por sua irmã que havia morado quase 15 anos nos Estados Unidos. Contudo, ao retornar à cidade não se adaptou e vendeu o estabelecimento para a atual proprietária visando voltar para os Estados Unidos. Dessa forma, Andréia recebe as peças de sua outra irmã que ainda reside naquele país. As peças são transportadas geralmente em contêineres ou trazidas pela irmã que costuma vir para o Brasil de duas a três vezes por ano. [112]

> Ela compra em lojas que tem lá de roupas usadas mesmo, vamos dizer que é tipo brechó, tipo brechós que tem lá com preços mais acessíveis pra que a gente possa ta enviando de lá pra cá pra também chegar aqui e ter um preço bom também.

Nesse sentido, podemos inferir que estes estabelecimentos possuem conexões entre os dois lugares. Os produtos enviados são ressignificados na cidade, assim se evita falar que os objetos são usados buscando evidenciar seu caráter internacional e exclusivo. Dessa forma, divulgar elementos que vinculem facilmente as peças ao seu país de origem é de fundamental

[112] Andréia Martins. Entrevista concedida a Michele Gonçalves Cardoso. Criciúma 27 de Jul. de 2010.

importância para a construção de uma outra imagem destes locais e sua propagação pela cidade.

2.2.2 Revendedoras de carros

Nos últimos anos se tornou muito mais fácil para os brasileiros adquirirem um automóvel. As facilidades no parcelamento contribuíram muito para o aumento nas vendas de carros novos e usados. Na cidade de Criciúma a Avenida Centenário principalmente, mas também muitos bairros, puderam perceber um crescimento vertiginoso do setor. São muitas revendedoras oferecendo suas facilidades para os clientes. Deste modo, buscando observar esta grande presença do setor na cidade podemos evidenciar que muitos destes estabelecimentos são administrados por retornados de processos migratórios. Os donos destes empreendimentos nem sempre expõe em suas fachadas elementos que identifiquem sua experiência migratória[113], como ocorreu com os brechós, no entanto, num breve diálogo com alguns proprietários pode se perceber um elevado número de retornados presentes no setor. De modo geral, estes negociantes enfatizam as experiências fracassadas de outros emigrantes que não souberam administrar seus negócios. Assim, muitos acreditam que comprar carros é um negócio mais seguro, pois o carro é considerado um patrimônio, um dinheiro investido que dificilmente se perde.

> Então o meu pensamento lógico que é um risco também trabalhar com automóvel porque é uma coisa bem grande que não é aquilo que tu vende diariamente né toda hora, todo instante chega um na loja e quer comprar um carro: oh eu quero aquele vai, e chega outro. Então digamos o carro é como se fosse um investimento como se fosse um patrimônio teu porque tu não compra carro pra amanhã ou depois tu perder, mas é uma forma de investimento de alguma maneira, então é bem complicado tem que saber como trabalhar e é um risco também só que eu via entre todos os que eles fizeram (outros empreendimentos de emigrantes) era pelo menos pra mim era mais seguro porque lá eu ia eu comprava botava aqui o carro ta aqui queira ou não queira na pior das hipóteses vou vender pelo preço que eu paguei né enquanto se você investe num... num segmento que você tem que compra matéria tem que produzir você tem... mas complicado e... esse era meu medo.[114]

Nesse sentido, investir o dinheiro da experiência migratória em carros é para muitos uma alternativa segura, uma garantia de investimento que mesmo não gerando uma renda fixa proporciona bons negócios e evita os "perigos" de outros investimentos.

---

[113] Foi identificado apenas um estabelecimento que possuía em sua fachada elementos que remetiam aos Estados Unidos. O nome da revenda de carros era "Everett" nome de uma cidade situada na região de Boston.
[114] Entrevista Fabio Pereira concedida em 01 de Abril de 2010 a Michele Gonçalves Cardoso.

2.2.3 Cursos de idiomas

Os cursos de idiomas são um fator em ampla ascensão nos últimos anos. Cada vez mais as pessoas buscam dominar uma segunda língua sendo que na grande maioria das vezes o inglês é a língua escolhida. Portanto, muitas escolas surgiram disponibilizando serviços variados e uma proposta diferenciada das práticas realizadas na sala de aula de muitas escolas. Em Criciúma como em tantas outras cidades o setor se desenvolveu muito nos últimos anos.[115] No entanto, também se pode perceber que a cidade difundiu outra modalidade de ensino: o particular. As aulas particulares muitas vezes são ministradas por pessoas que não possuem uma graduação para lecionar o inglês. O que qualifica estes profissionais são suas experiências como emigrante. O inglês aprendido na experiência migratória é repassado para seus alunos sendo que muitos que procuram estas aulas também são futuros migrantes. Este público recorre às aulas particulares com ex-migrantes porque consideram o ensino mais rápido e objetivo, pois o professor direciona as aulas com um inglês básico para o futuro migrante.

O mercado de trabalho para estes retornados também se mostra promissor. O sotaque adquirido e as vivências do contexto migratório são diferenciais importantes, sendo que até mesmo as escolas de idiomas renomadas convidam estes migrantes para lecionar, mesmo muitos não possuindo nenhum certificado que os autorize a dar aulas. Aqueles que freqüentaram cursos no contexto migratório possuem ainda mais facilidades em se adaptarem ao mercado de trabalho criciumense. No primeiro capítulo vimos o caso de Edna, professora de Francês e Inglês, que além das aulas particulares também leciona na universidade da cidade. Para citar outro exemplo, temos o caso de Fabio que durante sua experiência migratória conseguiu conciliar o trabalho com um curso de inglês, um curso de extensão de uma universidade estadunidense. Quando retornou para o Brasil, Fabio logo se inseriu no mercado de trabalho sendo convidado a lecionar em uma escola de idiomas. Depois de trabalhar em algumas escolas optou por lecionar para pequenos grupos sendo professor particular[116]. O certificado que recebeu com a conclusão do curso nos Estados Unidos mais a sua experiência enquanto migrante abriram as portas de um mercado em ampla ascensão em

[115] Importante ressaltar que na década de 1980 Mirces Carminati montou uma escola de idiomas em Criciúma, após ter retornado dos Estados Unidos. Mirces era casada com Dino irmão de Jaci Carminati que como já mencionado várias vezes influenciou o imaginário criciumense em torno da migração.
[116] Entrevista Fabio Demetrio concedida em 25 de Outubro de 2010 a Michele Gonçalves Cardoso.

Criciúma, um mercado que busca valorizar a experiência de tantos criciumenses que se dedicaram em algum momento de sua experiência migratória a estudar um pouco da língua inglesa.

Ao enfatizar estes três empreendimentos podemos inferir também a reprodução de alguns estereótipos atribuídos a categoria de gênero. As mulheres enfocaram seus estabelecimentos no setor do vestuário, já os homens na venda de carros. Elementos que muitas vezes são cunhados tradicionalmente pela sociedade como masculinos e femininos.

Os exemplos brevemente citados são apenas indícios das transformações que a cidade de Criciúma vem passando, sendo que os emigrantes são poderosos agentes destas mudanças. O emigrante muda com a experiência migratória, o seu retorno muda também a cidade. No entanto, não podemos esquecer que as decisões pela migração não são tomadas individualmente sendo suas conseqüências compartilhadas com seus familiares. Desta forma, o próximo capítulo é dedicado à análise das relações familiares destes emigrantes.

3. A AUSÊNCIA QUE SE FAZ PRESENTE E A PRESENÇA QUE SE FAZ AUSENTE: OS MIGRANTES E AS NOVAS CONFIGURAÇÕES FAMILIARES

Em Setembro de 2010 muitos catarinenses puderam acompanhar os procedimentos realizados pela justiça brasileira e estadunidense com relação a guarda de uma menina de dois anos. O caso noticiado em várias mídias enfocava o sofrimento da mãe e do padrasto que brigavam na justiça pela guarda da criança. Esta história teve início quando a catarinense decidiu migrar para os Estados Unidos. Naquele país ela iniciou um relacionamento com um estadunidense do qual resultou em uma gravidez. Contudo, durante a gestação o casal terminou o namoro e neste período ela conheceu outro homem, brasileiro, iniciando um novo relacionamento. A criança foi registrada nos Estados Unidos, porém com cinco meses de idade foi trazida para o Brasil juntamente com sua mãe e padrasto e foi novamente registrada aqui. Desde então teve início uma briga judicial entre as partes envolvidas para a obtenção da guarda da menina.

Segundo noticiado[117] no dia 24 de setembro, a Justiça Federal de Criciúma teria concedido a guarda ao pai biológico, que estaria num hotel na cidade para realizar um período de adaptação. Esta adaptação consistia na visita da filha durante algumas horas por um período de 15 dias. Estas visitas seriam acompanhadas por uma psicóloga, sendo que ao final do período de adaptação a criança seria levada pelo pai para os Estados Unidos. A decisão da justiça surpreendeu o casal brasileiro que entrou com recurso visando recuperar a guarda da menina.

Após a decisão da justiça o caso foi novamente noticiado, pois o pai biológico cancelou a primeira visita da filha alegando compromissos particulares. Esta situação revoltou a mãe e o padrasto que entenderam nesta atitude um desinteresse por parte do pai biológico.[118] Mesmo não tendo comparecido ao primeiro encontro com a filha a agenda de visitações foi mantida e a menina passou a encontrar o pai. No entanto, no mês seguinte a briga judicial em

---

[117] Família de Araranguá teme perder a guarda da filha para norte-americano / 24 de Setembro de 2010. Disponível em: http://www.clicrbs.com.br/diariocatarinense/jsp/default.jsp?uf=2&local=18&section=Geral&newsID=a3051644.htm. Acesso: 30 de outubro de 2010.

[118] Disputa judicial: pai norte-americano adia encontro com filha em Araranguá/ 08 de outubro de 2010. Disponível em: http://legisbrasil.com.br/disputa-judicial-pai-norte-americano-adia-encontro-com-filha-em-ararangua/ Acesso: 30 de Outubro de 2010.

torno da guarda da criança foi novamente noticiada. Havia ocorrido uma reviravolta no caso com a suspensão da liminar de tutela concedida ao pai biológico. De acordo com a mãe, quando chegou para a visita ela foi informada pelo assistente do juiz federal que ela receberia a filha de volta.[119] A família comemorou a volta da criança mesmo sabendo que o pai biológico poderia recorrer da decisão. No entanto, o padrasto teme pela segurança da criança, pois acredita que o pai pode tentar raptá-la.[120] O caso que corre em segredo de justiça não foi mais noticiado pela mídia. Assim, a família brasileira encerra esta etapa com uma vitória judicial mesmo sabendo que esta história poderá render ainda muitos capítulos.

No caso acima citado podemos evidenciar que os problemas que assolam esta família não estão restritos somente a intimidade familiar. Ao disputar a guarda da menina o caso ganhou repercussão na mídia, e principalmente deixou de envolver pessoas para envolver países. A presença da Policia Federal no hotel acompanhando as visitações evidencia uma preocupação com as atitudes do pai que poderia levar a filha para os Estados Unidos sem autorização. Além disso, o próprio procedimento da mãe indica grande preocupação com a situação jurídica da criança: ela foi registrada em ambos os países. Seu registro no Brasil garante sua cidadania brasileira.

A preocupação desta mãe em registrar a menina logo que chegou ao Brasil está fundamentada nos vários casos em que migrantes perderam a custódia de seus/suas filhos/as. Muitos migrantes registram seus descendentes somente nos Estados Unidos, fato que lhes concede a cidadania estadunidense. No entanto, muitos destes pais estão em situação indocumentada naquele país, sendo assim, caso sejam presos e deportados seus/suas filhos/as não podem acompanhá-los, pois sendo cidadãos estadunidenses não podem ser expulsos de seu próprio país. Nesses casos as crianças são separadas de suas famílias e entregues à adoção. A perda da custódia dos/as filhos/as vem se tornando cada vez mais comum nos Estados Unidos, situação que alerta para a necessidade de uma revisão sobre as leis envolvendo migrações.

Muitos jornais voltados à comunidade brasileira como o Brazilian Press e o Brazilian Voice abordaram a temática destacando alguns casos em que migrantes indocumentados perderam a guarda de seus/suas filhos/as. As famílias que passaram por esta situação sofreram uma grande ruptura familiar. Muitos pais são deportados enquanto seus/suas filhos/as são adotados por casais estadunidenses, nesses casos para a lei americana pertencer a uma

[119] Justiça suspende liminar de tutela antecipada em Araranguá (SC)/ 29 de Setembro de 2010. Disponível em: http://legisbrasil.com.br/justica-suspende-liminar-de-tutela-antecipada-em-ararangua-sc/. Acesso: 30 de Outubro de 2010.
[120] Ibidem.

determinada nação fala mais alto do que fazer parte de uma determinada família. Para evitar a separação das crianças de seus pais, o governo brasileiro divulgou um documento através do Ministério do Trabalho e Emprego difundindo informações importantes sobre alguns procedimentos a serem tomados quando um brasileiro reside em outro país. Um dos tópicos deste documento aborda a necessidade de registrar a criança no consulado brasileiro logo após seu nascimento. Contudo, ao retornar ao país de origem os pais devem procurar um Cartório de Registro Civil e transcrever o documento, garantindo assim a cidadania brasileira à criança.[121]

Ao evidenciarmos estas problemáticas buscamos enfatizar uma das consequências do fenômeno migratório contemporâneo: as alterações nas relações familiares. A análise das relações familiares vivenciadas pelas pessoas inseridas no contexto migratório é de fundamental importância para termos uma dimensão da complexidade das migrações internacionais. Nos exemplos acima citados destacamos algumas situações envolvendo os/as filhos/as da migração, no entanto, as conseqüências do projeto migratório são estendidas a todos os membros da família.

Ao migrar, o indivíduo não altera somente a sua vida, seu modo de ver o mundo, ou seu poder aquisitivo. Ao transpor as fronteiras entre países, os migrantes também alteram suas relações familiares, pois a migração é um projeto econômico, familiar e afetivo, não é vivenciado de maneira individual, mas sim coletiva.

Nesse sentido, os sonhos migratórios são pensados em conjunto. Ao migrar, muitos têm como objetivo melhorar a condição de vida dos familiares que ficaram no Brasil. Pensando desta forma, a ausência de um dos membros seria condição necessária para que os objetivos da família se concretizem. No entanto, a distância que proporciona a aquisição de bens materiais também compromete as relações afetivas, além de desencadear novos arranjos familiares. A ausência de um membro exige que a família que fica no país de origem se reestruture, modificando assim, os papéis desempenhados por cada membro.

A falta da presença física de um dos entes familiares causa alterações significativas nas relações afetivas. Mesmo "usufruindo dos diversos meios tecnológicos de comunicação através da internet (MSN, e-mail, facebook, skype, etc.) ainda assim os familiares dos emigrantes enfrentam dificuldades de estabelecer um relacionamento afetivo saudável." (JUNIOR; SIQUEIRA, 2009, p. 10) Para citar apenas um exemplo do distanciamento destas

[121] Brasileiras e brasileiros no exterior. Disponível em: http://www.mte.gov.br/trab_estrang/Brasileiros_no_Exterior.pdf. Acesso: 01 de Novembro de 2010.

relações familiares, podemos evidenciar o caso dos pais que migram deixando seus/suas filhos/as no Brasil. Segundo Machado

> Os filhos são um dilema, fruto de angústias e sofrimentos. O fato é que muitos pais e mães têm que conviver com a ausência de seus filhos, quando partem para o exterior. E os filhos convivem com a angústia de um ou ambos os pais durante longos períodos de tempo, às vezes a separação é definitiva. Organizar a vida dos filhos na ausência dos pais ou de um deles é um problema muito sério. Quem tomará conta dos filhos? Eles serão bem tratados? Haverá recursos para enviar e sustentar as crianças? Deve-se levar os filhos? Deve-se levar todos os filhos? (MACHADO, 2007, p. 11).

Na grande maioria das vezes os pais acabam optando por deixarem seus descendentes no Brasil, ou aguardando seu retorno ou enquanto os pais buscam estabilidade no país de destino para levá-los. Contudo, o período de ausência do pai e/ou mãe compromete sobremaneira os laços afetivos entre seus/suas filhos/as. De modo geral, os pais entendem que o afastamento de seus/suas filhos/as é necessário na medida em que a migração poderá proporcionar um futuro melhor para as crianças. Assim, muitos/as filhos/as passam a ver seus pais apenas como provedores financeiros, pois a ausência cotidiana acaba reduzindo em muitos casos, a relação destes pais e filhos/as apenas à questão financeira.

Ao pensarmos nestas novas configurações familiares realizadas a partir da migração de um ente, devemos destacar o importante papel das mulheres neste processo. Vale ressaltar que muitos estudos em torno das migrações internacionais destacavam o papel das mulheres apenas como companheiras de seus cônjuges ou de seus pais, sendo assim, eram consideradas agentes passivas destas migrações, sua condição estaria subjugada ao desejo de outras pessoas. Este fato acabou por invisibilizar a presença feminina nos estudos voltados às migrações.

Contudo, estudos mais recentes buscaram enfatizar as trajetórias destas diferentes mulheres que participavam ativamente dos processos migratórios. Estas mulheres partiam em diferentes condições. Podiam estar acompanhadas de familiares ou sozinhas; podiam ser solteiras, casadas, viúvas ou divorciadas, ou ainda, em muitos casos, podiam ser as responsáveis pela manutenção dos laços nos locais de origem. Independente das ações que desempenhavam ou das formas como conduziam suas migrações, estas mulheres foram nos últimos anos engrossando as estatísticas migratórias e despertando a atenção para a complexidade do fenômeno migratório e a necessidade de entendê-lo como local em que diversas categorias são atravessadas. Entre estas categorias podemos destacar gênero, geração, etnia e classe, fatores de extrema importância para a análise destes fenômenos.

No entanto, como nos chama a atenção, Gláucia de Oliveira Assis, esta diversidade presente nos fenômenos migratórios foi por muito tempo dissimulada através da utilização do termo *migrante* (2004, p. 22) um termo masculino e genérico que homogeneizava os fluxos migratórios.

Nesse sentido, ao incorporarmos estas diferentes categorias podemos evidenciar que

> Desde o momento da partida, a escolha de quem vai migrar, os motivos da migração, a permanência ou o retorno ocorre articulado numa rede de relações que envolvem gênero, parentesco e geração. Partindo dessa perspectiva, as teorias de imigração são questionadas a lançar um outro olhar sobre os povos em movimento. (ASSIS, 2004, p. 50)

Ao se incorporar categorias como gênero, os estudos relacionados à migração possibilitaram enfatizar os aspectos relacionais entre homens e mulheres, além de destacar as negociações e redefinições dos papéis atribuídos aos envolvidos no processo migratório.

> (...) Ao se incorporar a categoria "gênero" na análise dos fluxos migratórios, a migração deixou de ser vista apenas como uma escolha racional de indivíduos sozinhos e emerge envolvida em redes de relações sociais, como uma estratégia de grupos familiares, de amigos ou pessoas da mesma comunidade. Nesse contexto, as mulheres e os homens, em diferentes momentos, aparecem como os elos que ligam − aqui e lá − redes sociais que ajudam nos primeiros momentos na sociedade de emigração e na manutenção dos laços com o lugar de origem. (SIQUEIRA; ASSIS, 2008, p. 12)

Como dito anteriormente, a participação das mulheres no contexto migratório não se limita somente àquelas que migram. As mulheres tecem redes de apoio também no local de origem. Nesse sentido, é importante destacar que elas negociam sua nova condição e assumem atividades antes realizadas por outros membros da família. Sendo assim, podemos apontar como exemplo, os casos das mulheres que assumem suas casas após a migração de seus companheiros. Ao executar papéis antes atribuídos ao universo masculino, estas mulheres redefinem suas atribuições e suas representações de gênero. Para citar apenas um estudo realizado nesta perspectiva, podemos apontar o trabalho intitulado *Divisão sexual do trabalho, rearranjos familiares e relações de gênero em comunidade rural de emigração masculina.* (FONSECA; ESCALDA; SIQUEIRA; ASSIS; THIÓ, 2010) Neste trabalho, as autoras têm como objetivo descrever as "representações de gênero quanto às atividades masculinas e femininas, quando as mulheres exercem papéis de cônjuge coprovedor e provedor na ausência do companheiro." (FONSECA; ESCALDA; SIQUEIRA; ASSIS; THIÓ, 2010, p. 1) O estudo que foi realizado na região de Córregos Unidos/ MG acabou por

evidenciar que a espera vivenciada pelas mulheres cujos maridos estavam nos Estados Unidos se converteu em renegociações de identidades de gênero.

Estas mulheres moradoras do meio rural, antes da migração de seus cônjuges "tinham como expectativas em relação aos papéis de gênero a maternagem, o cuidado da casa, cuidar bem do roçado e de pequenos animais, que lhes geram uma renda advinda da sua propriedade familiar." (FONSECA; ESCALDA; SIQUEIRA; ASSIS; THIÓ, 2010, p. 3) Contudo, na ausência de seus companheiros elas tiveram que redefinir suas atribuições e principalmente, passaram de coprovedoras da família para provedoras. Esta diferenciação de status fez também com que as mulheres saíssem do mundo privado para o público. Elas passaram a administrar as rendas das propriedades rurais, assim como a negociar o que era produzido nestes locais. Também assumiram a administração do dinheiro enviado pelos maridos. Este fato fez com que elas também expandissem seus negócios comprando novas terras, ou ainda, coordenassem projetos de reformas ou construções de novas casas.

Estas novas atribuições possibilitaram maior autonomia destas mulheres. Segundo relatos das entrevistadas elas estariam aprendendo pouco a pouco a tomar decisões acerca de suas vidas e também de seus filhos, nesse sentido, a ausência do companheiro e o status financeiro foram fatores que contribuíram para a aquisição desta autonomia. (FONSECA; ESCALDA; SIQUEIRA; ASSIS; THIÓ, 2010, p. 12) Vale ressaltar, que estas transformações desencadeadas pelo processo migratório na vida destas mulheres também produzem grande impacto na vida familiar quando seus cônjuges retornam. O retorno produz novamente mudanças nas configurações familiares. Em alguns casos ocorre a reconstrução de novas relações de gênero, em outros, no entanto, o relacionamento entra em crise e acaba chegando ao fim.

> O regresso dos emigrantes implica novos desafios, agora a aventura é re-estruturar relações que aconteciam necessariamente à distância. Nalguns casos isso não é possível, resultando no fim dos sonhos que geraram a movimentação, noutras originam desajustes graves de ordem psicológica entre os membros de uma família agora unida fisicamente. O movimento implica a família como sonho e modelo futuro na ida e como reordenação de relações na volta. Algumas vezes tudo funciona bem, outras vezes vivem-se grandes dramas. (MACHADO, 2009, p. 159)

Estas transformações na estrutura familiar desencadeadas pelos processos migratórios nos despertam a atenção para a necessidade de estudos voltados ao local de origem dos fluxos. Muitas pesquisas foram centradas no empoderamento desenvolvido pelas mulheres inseridas nos fluxos internacionais. Contudo, não são somente as mulheres que migram que passam por importantes processos de autonomia e de alterações nas relações de gênero.

Aquelas que ficam nos locais de origem acabam fazendo da espera um momento ímpar de modificações em suas atribuições. Ao assumir atividades antes ligadas ao universo masculino, estas mulheres redefinem seus papéis de gênero e transformam a estrutura familiar.

Ao destacarmos a participação das mulheres nos processos migratórios dando maior ênfase àquelas mulheres que ficaram nos locais de origem, buscamos evidenciar um arranjo familiar bastante comum das famílias envolvidas nestes processos. São muitos os casos de mulheres que ficaram administrando sua casa e cuidando de seus filhos enquanto seus companheiros seguiam os caminhos migratórios. No entanto, este é apenas um exemplo de configuração familiar realizado por famílias inseridas nos processos de migração. Para citar outro arranjo bastante comum, podemos destacar os cuidadores dos/as filhos/as dos migrantes. Em muitos casos o casal decide por migrar juntos. Contudo, quando este possui filhos/as, na grande maioria das vezes, optam por deixá-los com cuidadores. Estes podem ser parentes próximos como os avôs, padrinhos/ madrinhas, tios/as ou ainda amigos/as do casal que migrou. Assim estes cuidadores passam a administrar as remessas enviadas pelos pais para o pagamento das despesas das crianças. Contudo, seu papel vai muito além disso, os responsáveis assumem uma vivência cotidiana, um vínculo emocional, sendo que para muitas crianças seus responsáveis passam a ser os únicos pais e mães que eles de fato conheceram.

Estes rearranjos nas relações familiares evidenciam um comprometimento da família em torno do projeto migratório. Nesse sentido, não são somente aqueles que ficaram no Brasil que devem demonstrar seu compromisso com o projeto familiar. O membro que migrou também deve, mesmo que a distância demonstrar seu vínculo familiar. Nesse sentido, podemos destacar que uma das formas de sinalizar esse compromisso com os familiares é o envio de remessas. O envio regular de remessas permite que aos poucos os sonhos que muitas vezes foram os motivadores da migração comecem a se concretizar. Sendo assim, as remessas passam a representar a união simbólica destas pessoas em torno do mesmo objetivo se tornando um dos elos que mantêm os familiares unidos.

> É importante ressaltar que embora as remessas apareçam como substitutos da presença do ente ausente e operem como continuadores da relação, isso não significa que as pessoas sintam que o fluxo de dinheiro é equivalente à presença de quem emigrou. A nível de sentimentos, a sensação é que o dinheiro não substitui a presença, mas indica pelo menos que num futuro incerto as pessoas da família reunir-se-ão novamente. Ou seja, há uma análise formal de como as relações se estruturam, e afirmamos que o fluxo de dinheiro é fundamental na estruturação dessas quando um ou mais familiares estão ausentes. Mas essa análise não implica afirmar que as remessas e a presença desse familiar são qualitativamente semelhantes. Do ponto de vista dos sujeitos, os bens e o dinheiro são um pálido substituto de quem emigrou. Porém, se são incomparáveis, são também, desse ponto

> de vista, índices indispensáveis da continuidade da relação. (MACHADO, 2009, p. 159)

Desta forma, as remessas são compreendidas como símbolos da união entre as famílias. A periodicidade das remessas recebidas pelos familiares demonstram a ligação desta família em torno do mesmo projeto. No entanto, estas famílias não devem ser entendidas apenas como núcleo de expectativas financeiras, mas sim, como local em que diversos rearranjos devem ser realizados visando a manutenção dos vínculos familiares. Ressaltando a importância destas famílias no contexto migratório podemos inferir que elas são influenciadoras dos processos migratórios na mesma medida em que também são drasticamente influenciadas por eles.

> Os familiares atuam diretamente no movimento migratório, seja a família que fica no Brasil, a família que acompanha aquele que migra até os Estados Unidos, ou a família que se forma em outro país. E desta forma elas influenciam a permanência ou não dos emigrantes nos Estados Unidos. (JUNIOR, 2007, p. 199)

Ao evidenciarmos a importância das famílias nos fluxos migratórios podemos perceber a necessidade de uma análise mais aprofundada das famílias criciumenses envolvidas nos fluxos migratórios rumo aos Estados Unidos. Nesse sentido, através da narrativa de diferentes trajetórias vivenciadas pelos familiares dos migrantes visamos apontar diferentes arranjos familiares, assim como destacar as alterações nas relações afetivas entre estes familiares. Sendo assim, as narrativas seguem estruturadas em três diferentes momentos: no primeiro tópico destacamos os arranjos familiares em que a presença dos avós é fundamental na manutenção e organização das estruturas familiares; num segundo momento evidenciamos a trajetória de uma mulher que assumiu sozinha a administração da casa e o cuidado dos filhos após a migração do companheiro. Neste tópico também é relatada a trajetória de uma mãe que migra deixando seu filho aos cuidados da avó, assim como a relação mãe e filho no retorno à cidade. Por último buscamos evidenciar algumas conseqüências na vida dos/as filhos/as de migrantes através de seu relacionamento no contexto escolar.

3.1 AVÓS

Dona Maria Clara Antunes de 56 anos possui a tarefa de cuidar de seu neto Otávio desde que sua filha Catarina Antunes migrou em 2007. Catarina fazia faculdade de

Letras/Espanhol na universidade da cidade. Durante o curso conheceu um professor pelo qual se apaixonou e iniciou um relacionamento. Este professor era cubano e vivia em Criciúma há 10 anos. Sua família vivia há muito tempo nos Estados Unidos, assim, após algum tempo de namoro com a criciumense ele decidiu ir ao encontro de seus familiares. Um ano após sua ida Catarina, que recém havia terminado a faculdade, decidiu ir ao encontro dele visando também fazer alguns cursos de aperfeiçoamento em inglês. Quando chegou aos Estados Unidos ela e o namorado decidiram casar e logo em seguida tiveram um filho. Contudo, quando saiu do Brasil Catarina deixou seu filho, Otávio de 9 anos aos cuidados de sua mãe. O menino era fruto de um antigo relacionamento e nasceu quando Catarina tinha 18 anos. Por ser muito jovem decidiu por não casar com o pai da criança. Por não manter muitos contatos com seu pai, Otávio ficou aos cuidados da avó materna após a migração da mãe. A princípio o plano da família seria que Catarina voltasse após terminar seu curso, ou após conseguir se estabilizar no país levasse o filho junto com ela. No entanto, o projeto sofreu alterações.

Ao se estabilizar nos Estados Unidos, Catarina iniciou os procedimentos para levar seu filho. A família imaginou que seria fácil a migração da criança, pois a criciumense havia se legalizado a partir do casamento com seu namorado que há muito tempo possuía documentação. Porém, a realidade foi muito diferente do que haviam imaginado. O visto do menino foi negado duas vezes num processo longo e doloroso para os familiares.

Depois de organizar sua vida nos Estados Unidos, Catarina voltou ao Brasil para levar seu filho. Nesta primeira tentativa o visto da criança foi negado. Segundo a avó a justificativa dada pelo consulado foi que já haviam expedido a cota limite de vistos naquele ano, por isso deveriam voltar no mesmo período no ano seguinte.[122] Quando Catarina migrou Otávio não havia sofrido tanto, pois sabia que em seguida a mãe o levaria. Contudo, quando seu visto foi negado e a criança viu sua mãe partir sem ele, o menino ficou desconsolado.

Na data estipulada pelo consulado Dona Maria Clara foi novamente pedir o visto para o neto que pela segunda vez foi negado. O plano era que a avó levasse a criança aos Estados Unidos para encontrar sua mãe e retornasse em seguida. Contudo, não foi esta a interpretação das autoridades. Segundo a avó, na entrevista acusaram ela de querer migrar e por isso não autorizaram a viagem dos dois. Maria Clara levou toda a documentação que comprava seu vínculo de trabalho e explicou que seu objetivo não era migrar, já que estava perto de sua aposentadoria, ela queria apenas levar o neto para junto da mãe, no entanto o pedido foi negado.

[122] Entrevista Maria Clara Antunes concedida em 17 de Novembro de 2010 à Michele Gonçalves Cardoso.

> Eu só acho que o consulado no caso assim, sabendo que a mãe já ta bem estabilizada lá já ta com outro filho e vê esse de menor bem que eles podiam dar né. Não precisavam ter negado de o menino ir né...uma coisa que ninguém...tu acha que um menino dessa idade vai pra lá pra trabalhar? Não né! Pra viver com a mãe e estudar. Então eu discuti com um deles lá em São Paulo: nossa vocês deixam passar pessoas que até tão levando droga pra lá, eu disse, um menino de 12 anos eu vou levar ele eu não pretendo ficar lá porque eu tenho meu trabalho levei tudo né e eu to perto de me aposentar, não quero... eu preciso primeiro me aposentar depois eu vou ainda passear vou...e vocês não entende! Eu disse quantas pessoas que vão e ficam as vezes né, e agora um menino de 12 anos!

Depois das duas tentativas frustradas a avó lamenta não ter tentado levar o neto a partir de uma viagem turística à Disney:

> Podia ter dito que ia levar ele pra Disney né. Que eu podia fazer isso só que eu fui atrás de uma agência, agência que fez tudo pra mim e tal e cheguei lá eu disse que ela já era naturalizada e tal e tinha um menino que queria estudar lá e eles acharam... duas vezes me negaram. Veio documentação de tudo lá tenho tudo ali, mas não quiseram e ai o menino ta sofrendo né...

Quando lhe foi negado pela segunda vez o visto, Otávio já havia se despedido dos colegas da escola e estava com tudo pronto para ir para os Estados Unidos. "Ele tinha toda certeza, já tinha planejado tudo né foi mais um não, ai desabou..."[123] Após esta tentativa Otávio começou a mudar muito, sendo a escola o primeiro local em que a avó percebeu suas mudanças. Segundo Maria Clara, o neto tem muitas dificuldades de concentração característica que antes da migração da mãe não era percebida pela avó. As dificuldades na escola foram aumentando e a avó não conseguia mais ajudar o neto.[124]

A avó expõe também que ele começou a apresentar patologias por conta da falta da mãe. No período de fim de ano, Otávio começou a ter dificuldades para respirar principalmente durante a noite. A avó conta que ele não possui nenhum problema respiratório e que este sintoma estaria atrelado à proximidade das festas de fim de ano e a ausência da mãe neste período. Por isso Dona Maria Clara pediu para que Catarina venha para o Brasil somente quando estiver com todos os documentos prontos para levá-lo, pois ver a mãe partir é muito difícil para o menino. Dessa forma, Maria Clara pediu para que a filha não venha para participar das festas, pelo menos até o momento em que puder levá-lo.

---

[123] Ibidem.

[124] As relações entre os/as filhos/as dos migrantes e o saber escolar serão aprofundadas no tópico: Os/as Filhos/as e a escola.

> Eu to sentindo que ele ta super abafado porque ta chegando o Natal, ta muito abafado, as vezes ele me chama porque ta com falta de ar, eu disse assim: não tu vai respirar fundo tu não tem problema nenhum como é que ta te faltando o ar ai venho aqui faço um chazinho ai dou um chazinho pra ele ai ele consegue dormir e eu sinto que é porque ta chegando o Natal.[125]

A avó também comentou que o neto apresentou dores de cabeça e muito sono, fatores que a estavam preocupando. Por isso procurou um médico e realizou uma série de exames. Os resultados dos exames não apresentaram nenhum problema com a saúde de Otávio, assim o médico destacou que os sintomas eram psicológicos e estavam relacionados à ausência da mãe. "Nossa, tem dias que ele chora mesmo... de chorar: queria ver tanto minha mãe to com saudade... chora mesmo, eu abraço ele e choro também... não é fácil..."[126]

Apesar deste choro junto ao neto, Dona Maria Clara evita estes momentos. Para ela é fundamental se mostrar forte e administrar este novo arranjo familiar. Nesse sentido, ela se tornou o "porto seguro" de seus familiares. Enquanto esposa ela busca cuidar da saúde de seu companheiro que adquiriu diabetes após a migração da filha. Segundo os médicos a diabete é emocional e está atrelada à ausência da única filha mulher do casal. Enquanto mãe, Maria Clara busca passar tranqüilidade para a filha que está longe. Sempre que conversa com a filha pelo telefone procura dizer que está tudo bem com os familiares, mesmo quando a realidade não é bem esta. Enquanto avó, procura estar presente em todos os momentos da vida do neto. Se preocupa com sua saúde, com seus estudos, com os momentos de tristeza quando chora pela ausência da mãe. Alimenta esperanças do reencontro de mãe e filho, mas também busca explicar a realidade e as dificuldades que a família está passando para levá-lo aos Estados Unidos. Com a ausência da filha, Maria Clara também teve que assumir sozinha as tarefas da casa. Sem a ajuda da filha, Maria Clara trabalha numa instituição de ensino durante o dia e realiza as atividades domésticas durante a noite, assim ela prepara o almoço do dia seguinte, organiza a casa e as roupas durante a noite além de dar atenção aos familiares.

Ao discorrer sobre a trajetória desta família podemos evidenciar que muitos rearranjos familiares foram necessários após a migração de Catarina. A criciumense que morava com o filho na casa de seus pais, juntamente com um irmão mais novo, alterou a configuração da família com sua ausência. A avó Maria Clara passou a acumular diversos papéis, sendo que o mais importante deles é o cuidado com o neto. Mesmo com a proximidade que o neto tinha com seus avós antes da migração da mãe, a ausência dela foi muito sentida, fato que transformou o menino e fez com que a avó ficasse insegura com relação à educação de

[125] Entrevista Maria Clara Antunes.
[126] Ibidem.

Otávio. Nesse caso, a avó passou a administrar este novo arranjo familiar e a apoiar as decisões da filha que após a migração também iniciou novos vínculos tendo se casado e tido mais um filho.

Neste exemplo podemos evidenciar claramente os rearranjos familiares desempenhados pelas famílias criciumenses, assim como as implicações afetivas destas novas configurações. O caso de Maria Clara é bastante comum, pois são muitas as avós que assumem a responsabilidade de cuidar de seus/suas netos/as. Contudo, outros arranjos familiares podem ser realizados. Para citar outro exemplo de rearranjo em que a avó era peça fundamental temos o caso de Dona Mariana.

Dona Mariana de Souza Andrade de 71 anos viu dois de seus três filhos partirem para os Estados Unidos. Seu filho Antônio migrou pela primeira vez em 1994. Na época namorava uma criciumense que em seguida também migrou para encontrar seu namorado, posteriormente casaram. Depois de alguns anos retornaram ao Brasil, porém o comércio que o casal montou não deu certo. Além disso, o casal sentia dificuldades em se readaptarem ao Brasil, por isso migraram novamente. Já a filha de Mariana migrou em 2002. Quando saiu do Brasil deixou seu namorado que não conseguiu o visto. No país de destino ela conheceu um paulistano e se casou. Por não portar documentos a filha não retornou mais ao Brasil desde sua migração.

Antônio e sua esposa conseguiram a documentação necessária para se legalizarem no país de destino. Assim, organizaram a vida nos Estados Unidos e tiveram uma filha. Contudo, em Junho de 2008 um fato modificou a vida da família. O marido de Dona Mariana falecera. Preocupado com a mãe que havia ficado sozinha, Antônio e sua companheira decidiram enviar a filha para morar com a avó em Criciúma: "Ela veio pro Brasil em 2008 porque eu fiquei viúva e ai ele ficou preocupado comigo pra não me deixar sozinha, então ele achou melhor que ela viesse pra ficar comigo isso em agosto de 2008."[127] A neta, então com 10 anos, veio com o pai logo após o falecimento do avô. Como já havia encerrado suas aulas nos Estados Unidos a menina chegou ao Brasil e reiniciou seus estudos em Agosto numa escola particular no centro de Criciúma.

Mariana relata que falou para o filho que ficaria sozinha e que não precisava mandar para o Brasil a neta, porém o filho muito preocupado com a mãe enviou ela mesmo assim:

> Eles (Antonio e a esposa) devem confiar muito na avó eu acho né e porque não é fácil né filha única e deixarem né? Mais ele é muito, meu filho é muito preocupado

[127] Entrevista Mariana de Souza Andrade concedida em 21 de Novembro de 2010 à Michele Gonçalves Cardoso.

> comigo até demais às vezes, então ele disse que preferia ele ficar sozinho do que me deixar sozinha. Porque assim eu tenho filha aqui que tem dois filhos, mas são dois filhos homens e também moram meio longinho e eu não conseguia ficar sozinha. Eu dizia que eu ficava sozinha, mas eu não consigo ficar sozinha acho muito triste. Assim tem muitas pessoas, muitas viúvas que ah meu Deus! adoram ficar sozinhas e eu não. E eu não eu tenho que ficar no meio de gente conversa (...)[128]

A neta Luisa, que nasceu nos Estados Unidos passou a viver com a avó. Segundo Dona Mariana "no começo ela teve mais dificuldade porque... ela tinha vínculos com outras famílias, outras meninas né amiguinhas, então agora ela já fez novas amizades aqui, então não sei eu penso que pra ela tanto faz, não sei." Mariana relata que o processo de adaptação da neta foi rápido. Logo fez amizades no Colégio e passou a se relacionar com meninas da sua idade, sendo que o idioma também não foi uma dificuldade para Luisa. Assim, para a avó a convivência com a neta é "melhor impossível. Foi tudo bem, não teve problema, ela é uma menina muito caprichosa, muito dedicada, ela estuda, ela é bem estudiosa.[129]

Além de enviar a filha para o Brasil, o casal também decidiu por alterar seus projetos migratórios. Assim, seis meses após a vinda de Luisa para o país, a mãe da menina, Helena, também retornou. Ambas passaram a viver juntas com Dona Mariana. "Minha nora que é mãe dela, veio também e ficou morando comigo, está até agora. Ela vai e volta, porque como eles têm o Green Card eles vão e voltam quando eles querem, só que ela tem que se apresentar em 6 em 6 meses."[130] Helena voltou ao Brasil consolidando sua vida entre os dois lugares. Pelo menos duas vezes ao ano vai para os Estados Unidos ficando alguns meses lá. Em seguida retorna ao Brasil, onde trabalha como corretora. Helena também vende objetos trazidos dos Estados Unidos, principalmente cosméticos, atividade que auxilia na complementação da renda familiar.

A trajetória desta família evidencia a necessidade de novos arranjos familiares. Esta necessidade teve início com o falecimento do marido de Dona Mariana. Preocupado com a solidão da mãe, Antônio enviou sua única filha para cuidar da avó. Em seguida a nora retorna ao Brasil com o mesmo objetivo, ficar junto da sogra. No entanto, Helena vive entre os dois lugares. Ao questionar Dona Mariana sobre como ela vê as relações familiares desta família transnacional ela é enfática: "numa boa! Numa boa! Acho que normal!"[131], e ainda enfoca que os meios de comunicação auxiliam muito na manutenção dos laços afetivos. "Às vezes é

[128] Ibidem.
[129] Ibidem.
[130] Ibidem.
[131] Ibidem.

melhor tu conviver ou viver com a pessoa à distância e se vendo poucas vezes do que às vezes o dia a dia".[132]

Nestes dois exemplos citados podemos enfocar a presença de duas mulheres que mesmo ficando no Brasil foram responsáveis pelas alterações nos planos migratórios de seus filhos. Ao ficar responsável por seu neto, Dona Maria Clara possibilitou a migração da filha para encontrar o namorado e estudar nos Estados Unidos. A avó assumiu a responsabilidade de cuidar do neto mesmo enfrentando muitas dificuldades.

São falas comuns entre os avós que cuidam dos netos as dificuldades cotidianas desta relação. Muitas destas dificuldades são atribuídas ao choque geracional, pois o distanciamento do modo de ver o mundo acaba gerando uma grande dificuldade nos diálogos. Este fato também é evidenciado com os filhos que estão no exterior. Estes muitas vezes não concordam com o modo que os pais estão criando seus filhos no Brasil. Este fato acaba atando as mãos dos cuidadores que muitas vezes são desautorizados pelos filhos que estão longe. Assim, os avós encontram dificuldades, pois não podem criar os/as netos/as da forma que acham mais adequada, no entanto são eles que na maioria das vezes, devem arcar com as consequências caso alguma coisa considerada ruim aconteça com a criança. Neste caso, é comum os avós relatarem o medo de os/as netos/as, principalmente aqueles na fase da adolescência, se envolverem com drogas. Nesse sentido, podemos inferir que a preocupação destes avós é dupla, pois temem falhar com seus/suas filhos/as e também com seus/suas netos/as.

Esta angústia em torno da criação do neto pode ser percebida nas falas de Dona Maria Clara. A avó percebe que o neto possui dificuldades na escola, no entanto, ela não consegue achar meios de ajudá-lo. Além disso, a avó percebe que a saudade da mãe está sendo somatizada pelo menino fato que gerou algumas patologias como dores de cabeça, sonolência e falta de ar. Mesmo buscando estar presente na vida do neto, aos poucos os laços afetivos com a mãe estão se distanciando, um laço que mesmo com todo empenho de Dona Maria Clara trará implicações na vida de Otávio.

Já no caso de Dona Mariana podemos perceber que o processo foi inverso. Não foi a avó que ficou cuidando da neta, mas sim, a neta que nasceu nos Estados Unidos que migrou para ficar com a avó. Neste caso, a idade avançada de Dona Mariana fez com que o filho sentisse a necessidade de enviar a filha para ficar com ela. Em seguida a mãe da menina também migrou alterando os planos migratórios da família. A nova estrutura familiar evidencia relações transnacionais, pois Helena cuida da sogra durante alguns meses e vive

[132] Ibidem.

com o companheiro em outro período. Desta forma, podemos evidenciar que o envelhecimento dos familiares que ficaram no Brasil também é uma situação geradora de rearranjos familiares. No caso de Dona Mariana o falecimento do marido e a solidão desta perda foram fatores que modificaram a estrutura familiar de seu filho. Antonio continuou nos Estados Unidos, pois receia não se adaptar mais ao Brasil. Além disso, segundo sua mãe ele ainda está analisando no que investir na cidade. Enquanto seu retorno não se efetiva a filha permanece com a avó no Brasil, enquanto Helena fica entre dois países.

Nestes dois exemplos podemos perceber diferentes arranjos familiares desenvolvidos pelas famílias envolvidas nos processos migratórios. Podemos evidenciar que aqueles que ficam no país de origem também participam ativamente dos planos migratórios, influenciando também o tempo de permanência de seus familiares na migração. Neste caso, as avós desempenhando diferentes papéis foram responsáveis por reconfigurar a estrutura familiar.

3.2 MÃES E FILHOS/AS

Isadora Matias de Oliveira de 44 anos teve sua estrutura familiar alterada no ano de 2001 quando seu companheiro, Mateus de Oliveira migrou para os Estados Unidos. Naquela época o casal tinha dois filhos: Mirian de 12 anos e Jonathan de 6 anos. Mateus tinha uma marcenaria em Criciúma, mas procurava uma vida melhor. Como um irmão de Isadora já estava nos Estados Unidos decidiu migrar. O cunhado foi seu primeiro contato e através dele Mateus conseguiu seu primeiro emprego no ramo da construção civil. A princípio, o casal planejava que a migração durasse dois anos, no entanto, Mateus ficou nove anos, sendo que neste período retornou apenas uma única vez.

> O planejamento era de uns dois anos né. Quando ele foi ele sempre falava: eu vou ficar só uns dois anos. Ai foi ficando ficou 5 ai ele voltou né ficou mais uns, nem um ano aqui, 8...11 meses e voltou de novo agora já faz uns quatro anos que ele ta lá de novo.[133]

Nestes nove anos de migração Isadora e os filhos passaram por um grande processo de rearranjo familiar. Na primeira vez que migrou a família sentiu muito sua ausência, principalmente o filho mais novo que chorava muito a noite com saudades do pai.[134] Dessa forma, Isadora passou a administrar as remessas enviadas pelo marido e a cuidar da educação

[133] Entrevista Isadora Matias de Oliveira concedida em 22 de Novembro de 2010 à Michele Gonçalves Cardoso.
[134] Ibidem.

dos filhos. Além disso, também tinha que driblar a saudade do esposo e explicar para os filhos a ausência do pai.

Isadora também destaca que teve que assumir tarefas que antes da migração de Mateus competiam a ele:

> Nossa foi bem difícil porque quando o Mateus tava aqui era tudo ele, ele que resolvia ele que fazia o pagamento de energia de todas as coisas era ele. Ai eu fiquei sozinha e tive que me virar estranhei um monte. Agora a gente já acostumou né, mas no começo foi bem difícil. Assim fiquei sozinha assim com os dois foi bem difícil...

Nesta fala Isadora deixa clara sua angústia com relação à administração das tarefas da casa. O pagamento das contas e a responsabilidade de ficar com duas crianças longe do companheiro pesaram nos primeiros momentos da migração do esposo. Contudo, com o passar dos tempos Isadora foi aprendendo suas novas atribuições e transformando seu cotidiano e de seus filhos. Assim, após 5 anos, Mateus decidiu por retornar ao Brasil, pois já havia extrapolado o plano original de migração que era de dois anos, além de já ter atingido a maioria de suas metas. No entanto, Mateus sentiu sérias dificuldades em se adaptar. Segundo Isadora:

> Quando ele veio aqui a primeira vez nossa! Ele não gostava do lugar, não gostava das coisas. Olha ele não saia nem na rua assim estranhava tudo né. Parecia que tinha se arrependido porque tinha vindo. Claro com saudade dos filhos e coisa assim, mas era outra vida lá ai chegou depois foi acostumando. Só que ai ele viu que tava muito ruim tentou montar alguma coisa ai não conseguiu e foi fazendo um levantamento das coisas disse que tava muito caro e disse: ai eu vou voltar e voltou de novo.[135]

Mateus, após ficar cinco anos longe da cidade não reconhecia mais o lugar que havia deixado. Passou a estranhar o que antes era tão comum, fato que o levou a deixar de sair de sua própria casa. Isadora entendia que os ritmos eram outros até porque a família também passou a estranhar o retorno daquele membro. Segundo ela levou em torno de dois a três meses para que ela e os filhos se acostumassem novamente com a presença do pai, pois os ritmos eram muito diferentes.[136]

Mesmo sentindo que o companheiro tinha saudades da família e por isso havia retornado, Isadora percebia em suas atitudes certo arrependimento por voltar ao país. Estes estranhamentos se agravaram ainda mais quando tentou voltar ao mercado de trabalho. Mateus realizou algumas pesquisas visando montar um negócio. A princípio pensou em

[135] Ibidem.
[136] Ibidem.

montar um restaurante ou uma revendedora de motos, contudo não obteve sucesso em suas negociações. Assim, decidiu migrar novamente.

Nesta segunda vez a família já estava mais preparada e os filhos também eram maiores, fato que facilitou mais a estruturação da família. Contudo, alguns desafios continuavam. Isadora deu continuidade a seus afazeres, prosseguindo com os planos migratórios. Desde que o companheiro havia migrado Isadora tinha adquirido muitas coisas para a família. Ela havia comprado um carro, realizado a reforma da casa, além de comprar outros imóveis, sendo um desses uma casa na praia. Esta casa acabou gerando insatisfação do companheiro quando este retornou, pois ele achou que ela havia realizado um mau negócio.

> Comprei uma casinha na praia. Nossa quando ele chegou queria me matar porque ele disse que a casa não valia era uma casa ruim não sei o que. Que que eu fui fazer com o dinheiro dele? Que naquela casa ele não entrava. Passei um trabalho! E não entrou! Não entrou. Ai foi indo depois se acostumou, ai não queria mais: oh mais essa casinha é boa e não sei o que, ai acostumou. Mas daí deu certo nós até vendemos, trocamos por outra.[137]

Nesta fala Isadora narra uma situação que amedronta muitas mulheres, cujos companheiros estão em situação de migração: o medo de errar na administração do dinheiro. Mesmo Isadora tendo reformado toda a casa, praticamente construído outra, mobiliado toda a residência e comprado um carro novo, não escapou da reprovação do companheiro na compra da casa na praia. Sua decepção foi tanta que se recusava a entrar na casa e ainda questionava o que ela estava fazendo com o dinheiro dele, se estaria dessa forma, desperdiçando o dinheiro arrecadado na migração. Fato que deixou Isadora muito decepcionada, pois acreditava que havia feito um bom negócio, além disso, caso a casa realmente não valesse o valor pago, sua decepção estaria em torno da situação gerada pelo marido: seria um erro entre muitos acertos. Assim, após a insistência da esposa em convencer Mateus da qualidade da casa, ele passou a gostar da residência. Contudo, numa primeira oportunidade a casa é trocada por outra.

Nesse sentido, Isadora afirma que o companheiro é bastante rígido, tanto na administração das remessas enviadas quanto na educação dos filhos.

> Ele ta lá é a mesma coisa de ele ta aqui porque ele administra tudo né. Isadora faz isso, Isadora faz aquilo. Assim (...) ele é bem chato pra essas coisas... pela Mirian o cuidado que tem que ter com essa Mirian que ai me estressa! Tem um ciúme dessa Mirian, não deixa sair e coisa assim não tem... tem vez que a Mirian ta longe e: ah a Mirian ta tomando banho! Senão ele é chato.[138]

[137] Ibidem.
[138] Ibidem.

Desse modo, é perceptível que Isadora passou a administrar sua família com a ausência do companheiro, no entanto, esse busca se fazer presente de várias formas. É ela quem sai e realiza os negócios, porém, ele sempre está informado de seus passos, por isso a cobrança com relação à casa da praia. Ele estava ciente da compra, contudo, a escolha foi dela, por isso a decisão foi tão criticada. A cobrança com relação aos filhos também acontece, principalmente com a filha mais velha. Ele busca saber quando e onde ela sai, com que amigos e por quê. Contudo, estas informações também podem ser burladas, como no exemplo citado acima. Ao questionar onde estava a filha, Isadora disse que estava no banho, no entanto, a filha havia saído para ir à uma festa. Mesmo buscando estar presente no cotidiano da família algumas coisas fogem do controle do pai, pois a distância não permite um controle efetivo sobre sua família.

Ao ser questionada sobre os pontos positivos e negativos da migração de seu companheiro, Isadora enfatiza que a saudade de quem está longe é muito difícil de suportar, contudo, foi através da migração que conseguiram adquirir uma série de coisas que ela pontua como importantes para a família:

> A gente fica assim sozinhos sente saudade (...) a gente conseguiu comprar... comprei apartamento, comprei casa na praia, comprei carro coisa assim (...). Pago a faculdade da Mirian o colégio do Jonathan. Ele sempre deu conta de pagar as coisas tudo.[139]

Nesse sentido, a fala de Isadora vem ao encontro a de tantas outras famílias que vivenciam a ausência de um membro. A migração gera saudade, distancia fisicamente os familiares, afeta os laços afetivos, contudo estes sentimentos são "recompensados" através da aquisição de bens materiais. É muito comum os familiares apontarem que a migração "valeu à pena", pois proporciona, na grande maioria das vezes, a aquisição de bens que se caso o familiar não tivesse migrado não teriam conseguido comprar.

Ao analisarmos a trajetória desta família podemos evidenciar que os papéis de alguns familiares foram modificados, outros foram mantidos. Isadora não trabalhava fora antes da migração do companheiro e depois de sua migração continuou como dona de casa. Nesse sentido, Mateus continuou a exercer o papel de provedor financeiro da família. Contudo, Isadora conseguiu mais independência para realizar suas escolhas. A casa, o carro, o

[139] Ibidem.

apartamento foram escolhas dela foi ela quem fez levantamentos, orçamentos e compras, atividades que, caso o companheiro não tivesse migrado, certamente seria ele o responsável.

A educação dos filhos, mesmo acompanhada pelo pai à distância, também passou a ser uma das principais tarefas de Isadora. Dessa forma, era ela quem deveria se fazer presente na escola, nas tarefas diárias, além de resolver conflitos vivenciados cotidianamente. Este papel fez com que Isadora tomasse algumas decisões sozinhas, como no exemplo da filha Mirian. Mesmo sem autorização do pai para sair, a mãe autorizou a filha e omitiu do companheiro a informação. Segundo o argumento da mãe ele busca controlar muito a vida da filha querendo muitas explicações, o que o torna na visão de Isadora muitas vezes "um chato". Por esse motivo, em alguns momentos, ela prefere omitir para não ter que dar tantas explicações.

A trajetória desta família e os rearranjos familiares desempenhados por seus membros vêm ao encontro da realidade de muitas mulheres que após a migração de seus companheiros assumem a administração de suas casas e a educação de seus filhos. Também podemos destacar nesta família o processo de readaptação realizado a partir do retorno do esposo. Através da fala de Isadora ficou evidenciado que o retorno promove novos arranjos familiares, um novo processo de adaptação que foi rompido quando seu marido migrou novamente.

Assim, podemos evidenciar que o retorno promove muitas mudanças nas configurações familiares. Para algumas pessoas retornar para junto de sua família não deveria ser algo difícil ou problemático. Contudo, é no retorno que os migrantes e seus familiares podem perceber claramente que o tempo passou e que os vínculos mudaram. As relações afetivas foram se transformando e novos papéis foram consolidados, sendo que estas mudanças podem ser muitas vezes conflituosas. Para citar um exemplo envolvendo os rearranjos familiares no retorno à família podemos destacar o caso de Márcia Machado da Silva.

Márcia de 30 anos decidiu migrar para os Estados Unidos em 2004:

> Eu fui porque eu no caso, eu era casada e eu tinha um filho né? tenho, então eu me separei e como eu era jovem eu pensei: vou pros Estados Unidos, porque como eu vivia aqui e trabalhava eu e ele e a gente se separou umas duas vezes e voltava eu disse: não! Eu quero ir pra lá e tentar viver uma vida diferente. E como eu tinha família lá eu tinha dois primos e uma prima e daí eu falei com eles ai eu disse eu vou pra lá vou tentar vou ficar uns dois anos lá e depois eu volto e ai eu fui e resolvi daí fiquei lá cinco anos.[140]

[140] Entrevista Márcia Machado da Silva concedida em 18 de Junho de 2010 à Michele Gonçalves Cardoso

Após ter terminado seu relacionamento, Márcia, que já possuía parentes nos Estados Unidos decidiu por migrar. A criciumense buscava uma vida nova, pois, seu relacionamento já estava desgastado após muitas idas e voltas. Dessa forma, partiu rumo à construção de uma nova vida no exterior indo viver em Boston. Após um ano de sua migração seu ex-marido também decidiu migrar e encontrá-la no país de destino. Os dois reataram o relacionamento vivendo juntos por mais 10 meses. No entanto, novamente o casal se separou e Márcia decidiu outra vez se distanciar, partindo então para outro estado: foi morar em Atlanta, na Geórgia. Enquanto Márcia buscava se adaptar ao país, seu filho Pedro havia ficado sob os cuidados de sua avó materna. Ela partiu quando o filho ia fazer sete anos. O menino então passou a possuir seu pai e sua mãe no contexto migratório.

A princípio Márcia pretendia ficar dois anos nos Estados Unidos, contudo, seu retorno foi prorrogado, tendo ela permanecido lá por cinco anos. Nesse período trabalhou como house cleaner[141] e iniciou um novo relacionamento. Contudo, seus planos de retorno tiveram uma reviravolta. Márcia já pensava em retornar, pois sua mãe estava doente e seu pai estava com câncer. Ela também desejava ficar mais próxima do filho para levá-lo aos Estados Unidos. No entanto, sua prisão foi o elemento impulsionador do retorno. Márcia e uma colega de profissão estavam dirigindo, indo em direção a uma das casas que faziam limpeza, quando foram abordadas, e por não portarem documentos, foram presas. A prisão foi uma experiência muito traumática para a criciumense:

> É assim como se tu fosse uma bandida, uma criminosa. Porque eu tava junto com americanas né que tinham matado que tinham roubado, vendiam droga que iam pega 10 anos de cadeia, 15 anos, 5 anos e eu só por que tava dirigindo. Então o que eles sempre me avisavam tinham umas hispanas, só eu e outra de brasileira, tinham umas 80 americana e umas 10 hispanas, então o que o pessoal dizia pra gente era pra gente assim: se elas inticam com a gente ou mexer alguma coisa, as americanas, pra gente fica na da gente porque a gente não era criminoso não tinha matado roubado nada e tinha gente que ia fica 10 anos e qualquer coisa eles faziam bronca.[142]

Márcia ficou presa durante 16 dias tendo participado de duas cortes acompanhada do advogado que seu namorado havia contratado. Após a segunda audiência ela foi solta numa estação de metrô, sem entender ao certo o que estava acontecendo. Após esta experiência, Márcia teve dificuldades em voltar ao trabalho. A criciumense perdeu a maioria de suas clientes, pois seu telefone, no qual armazenava seus contatos foi apreendido na abordagem

[141] A experiência como house cleaner de Márcia foi narrada em detalhes no capítulo 1.
[142] Ibidem.

policial. Ela também havia ficado muito assustada com a situação e por isso decidiu que seria o momento de rever a família que havia ficado em Criciúma.

No momento da realização da entrevista já havia se passado quase um ano do retorno de Márcia. Nesse período, seu namorado, que segundo ela é latino americano (não disse qual sua nacionalidade) já havia visitado a família dela no Brasil e estabelecido um vínculo com Pedro, pois Márcia pretende se casar com o namorado e levar o filho para os Estados Unidos. Através do casamento ela poderá também se legalizar.

A experiência migratória possibilitou a ela comprar o apartamento em que seus pais e o filho moram, além de adquirir um lote, um carro e uma quantia em dinheiro suficiente para montar um negócio. Contudo, apesar de destacar os bens adquiridos, Márcia ressalta que a ausência alterou os laços afetivos com o filho.

> Foi assim, uma experiência assim eu to vendo agora que é difícil porque assim... ele ia fazer sete anos né, tinha seis anos e pouco era uma criança agora ele tem 12 é um adolescente eu fiquei 5 anos fora, então eu filha única ele único neto, então eu educo diferente da minha mãe, agradeço a ela porque foi... se não fosse ela eu não iria não tinha coragem de deixar ele e não teria coragem de levar ele né. Porque primeiro a gente tem que ir pra ver onde a gente vai morar, conseguir um trabalho, então dou graças a Deus, mais assim é difícil é complicado, uma porque a fase dos 12 anos é fase difícil e outra que assim eu fiquei cinco anos fora então meu ritmo de vida já é diferente lá, sabe eu já tinha um outro ritmo de vida lá então aqui é totalmente diferente então eu mudei assim tive que muda o meu ritmo de vida com aqui com o país aqui com a minha família.[143]

Nesta fala, Márcia deixa claro que a distância transformou os laços com o filho. Quando ela saiu do Brasil, o filho vivia com ela e seu marido, era criado pelos dois, contudo, após sua migração e de seu ex-marido, Pedro passou a ser criado pelos avós, fato que modificou sua estrutura familiar alterando também os laços afetivos. Neste relato ela também evidencia um tema que foi mencionado na narração sobre as avós: as diferenças nas formas de educar. Márcia relata que educava o filho de outra maneira, diferente do modo como a mãe educa agora o neto, contudo, ao mesmo tempo que aponta as discordâncias na educação de Pedro, também evidencia que sua migração só foi possível porque seus pais aceitaram a tarefa de cuidar do neto. Por isso ela é grata e busca não fazer muitas críticas.

> Mas assim também em relação ao meu filho e minha família, meu pai e minha mãe é difícil no começo da gente se entender e tudo. Com meu filho também tá sendo difícil por causa da escola né, por causa do meu ritmo de vida que é diferente. Então como eu fiquei cinco anos e eu tive filho com 18 anos, muito nova, às vezes eu sinto que ele me trata como se eu fosse a irmã dele, não mãe, me chama de mãe claro eu criei até os seis anos, o pai dele também criou até os seis anos, mas assim eu sinto as

[143] Ibidem.

> vezes que era como se eu fosse, as vezes ele me trata como se eu fosse irmã sabe. A gente não se entende às vezes pra conversa ou no ajudar ele na escola ou isso ou aquilo a gente não se entende e também é uma fase de 12 anos pra 13 anos uma fase assim meio complicada. Então acho assim por um lado foi bom e por outro não, por um lado foi bom porque eu consegui minhas coisas tudo, mas por outro lado eu acho que eu perdi um pouco da criancice do meu filho, da infância do meu filho e um pouco mais de tempo com meu pai porque a gente não sabe o dia de amanhã então assim tudo é... se tu pensa por um lado é bom se tu pensar por outro não porque a gente não sabe o dia de amanhã..[144]

Ao pontuar as vantagens e desvantagens de sua migração, Márcia aponta as conquistas materiais como positivas, contudo em sua avaliação lamenta o tempo que ficou longe de sua família. Assim, avalia que perdeu parte da infância do filho e que a partir da doença do pai também passou a pensar no tempo que ficou longe. Nesta fala, também podemos destacar as dificuldades de sua relação com o filho. Márcia aponta que Pedro apesar de chamá-la de mãe se relaciona com ela como se fosse sua irmã mais velha. Para o menino, a pessoa a qual ele deve explicações e responde por suas ações é a avó. Márcia destaca que o filho reage dessa forma, por ela ser jovem, mas principalmente pela distância física que os separou durante estes cinco anos. Esta distância modificou os ritmos de vida, fato bastante enfatizado por Márcia. Para ela as diferenças entre o seu ritmo e de seus familiares é uma questão que atrapalha a reestruturação da família e a aproximação de seus membros.

Márcia também destaca a relação de seu filho com seu namorado, assim como a relação de Pedro com seu pai e com a namorada dele. O ex-marido de Márcia permaneceu nos Estados Unidos e iniciou um novo relacionamento. Pedro mantêm contato com o pai via internet e telefone, assim como fazia com a mãe quando esta estava nos Estados Unidos. Márcia relata que o filho tem um bom relacionamento tanto com seu namorado quanto com a namorada do pai, contudo é ela quem sente ciúmes do filho. Ela aponta que sente ciúme da relação do filho com a namorada do marido, ela ressalta que o ciúme não está relacionado ao ex-marido e sim a um sentimento de mãe protetora.[145] Ainda evidencia que sempre conversa com Pedro sobre a importância que ele tem na vida dela, sempre enfocando que ele vem em primeiro lugar "eu disse pra ele, mas eu não troco ele por nada por ninguém no mundo."[146]

Ao enfocar a necessidade de expor ao filho o quanto ele é importante e também ao relatar o ciúme que sente da relação entre a namorada do ex-marido e Pedro, podemos inferir que a migração de Márcia gerou certa insegurança na sua relação com o filho. Ao apontar a necessidade de expor a importância que o filho tem pra ela, a mãe busca fazer com que Pedro

[144] Ibidem.
[145] Entrevista Márcia.
[146] Ibidem.

entenda que as atitudes dela, principalmente sua migração, também estão relacionadas a ele, pois ele seria um dos beneficiados desta migração. Sendo assim, de certa forma ela justifica sua ausência destacando os pontos positivos da migração e a importância de os dois permanecerem unidos evidenciando que o projeto é de ambos. Podemos inferir também que o ciúme que ela sente da namorada do ex-marido pode estar relacionado ao fato de ela temer que Pedro escolha viver com seu pai e sua companheira nos Estados Unidos e não com a mãe. A partir da migração de seus pais e da consolidação de seus novos relacionamentos Pedro teria a liberdade de escolher ficar com os avós no Brasil ou migrar para junto de seu pai ou de sua mãe.

Tantas alternativas sem dúvida geraram certa insegurança em Pedro. Fato comum entre os/as filhos/as dos migrantes que ficaram na cidade. O futuro é incerto, pois, muitas vezes os planos de retorno já foram diversas vezes alterados, fatores que geram ansiedade com relação ao futuro. Nesse caso, um dos locais privilegiados para percebermos como os/as filhos/as que ficaram no país encaram a migração de seus pais é a escola.

3.3 OS/AS FILHOS/AS E A ESCOLA

Entender como as crianças são inseridas nos fluxos migratórios e quais as conseqüências destes fluxos em suas vidas é uma problemática bastante relevante, ao mesmo tempo, que complexa. Os/as filhos/as dos migrantes passam por alterações significativas em suas vidas. Alguns migram junto com seus pais tendo que mudar de escola, aprender uma nova língua e encarar os desafios de viver em outro país. Outros veem seu pai e/ou sua mãe partirem para outro país, justificando sua saída por conta da busca de melhores condições de vida para toda a família. É comum ouvir dos migrantes que deixam seus/suas filhos/as no local de origem, que estes serão grandes beneficiados de suas migrações, pois poderão ter mais oportunidades, principalmente de estudos, além de poderem ganhar muitos presentes e realizar muitos sonhos como viagens ou festas. No entanto, o que muitas vezes justifica a ausência para os adultos não é compreendido pelas crianças. A ausência dos pais é algo que transforma suas expectativas com relação ao futuro, altera seu modo de entender as relações de trabalho e muitas vezes seu próprio país, além de modificar suas estruturas familiares.

Para melhor compreendermos estas modificações buscamos evidenciar as crianças e adolescentes em idade escolar entendendo, desta forma, a escola como um local de socialização em que podemos apontar algumas consequências, relacionadas à ausência dos pais migrantes, na vida de seus/suas filhos/as.

Com o objetivo de analisar como o fenômeno migratório se reflete na vida dos familiares dos migrantes, Ana Clara de Paula e Maria Terezinha Bretas Vilarino elegeram uma escola pública de Governador Valadares como local de reflexão dos impactos causados pela ausência dos familiares. Neste trabalho, as autoras puderam evidenciar alterações significativas no comportamento escolar de educandos, filhos de migrantes.

> Esta alteração de comportamento relaciona-se, entre outros fatores, com a migração dos pais e com a dificuldade de "novos responsáveis" por estes alunos acompanharem as exigências e necessidades escolares ou mesmo afetivas. Observou-se que este grupo de alunos costuma reagir apresentando atitudes agressivas, rebeldia, apatia ou hiper-atividade, irresponsabilidade, arrogância, instabilidade emocional e muitos outros tipos de conduta que não contribuem para seu bom desempenho escolar [...] (2009, p 186)

Características semelhantes foram percebidas no Colégio Rogacionista Pio XII[147] uma instituição de ensino particular da cidade de Criciúma. Segundo a coordenadora do Colégio, em muitos casos a ausência dos pais gera certa carência em seus/suas filhos/as e que dificilmente é suprida pelos seus cuidadores, sendo que nos casos presentes nesta escola, os responsáveis são na grande maioria das vezes seus avós.[148]

> Nós temos os casos de crianças que são intra que são fechadas e que os pais estão fora, que estão com os avos né e que na verdade a gente não consegue atingir porque o avô e a avó também não sabem o que fazer e os pais de longe querem ter autonomia, mesmo de longe, ai eles não sabem a quem respeitar.

Nos dois casos relatados podemos evidenciar que a ausência do pai e/ou da mãe pode desestabilizar emocionalmente os/as filhos/as que ficam no Brasil. Como citado, as duas instituições escolares perceberam certa dificuldade de relacionamento entre os/as filhos/as dos migrantes e seus cuidadores. Como já mencionado anteriormente, os/as filhos/as geralmente ficam com um dos pais, ou ainda passam a morar com avós, parentes próximos ou amigos de seus pais. No entanto, nem sempre estes novos arranjos familiares são positivos para as crianças. Nesses casos, o reflexo destes problemas pode ser claramente percebido na escola, pois a postura destes educandos perante os estudos e também suas atitudes com os colegas muitas vezes são alteradas.

Em muitas situações os educandos apresentam atitudes de rebeldia ou agressividade. Nestes casos, estas atitudes podem estar relacionadas ao desejo de chamar a atenção,

[147] O Colégio está presente há 51 anos na cidade. A instituição está localizada no Bairro Pinheirinho.
[148] Entrevista Jaqueline Formigoni Trodo concedida em 07 de Janeiro de 2011 à Michele Gonçalves Cardoso.

principalmente dos pais que estão longe. Em outros casos a atitude é inversa demonstrando apatia e introspectividade. Ao tomar esta atitude a criança "se fecha" tem dificuldades em fazer amizades e se socializar com o grupo, além de ter dificuldades para expor seus problemas. Outros ainda alternam os dois extremos, pois apresentam tanto momentos de muita euforia quanto de intensa tristeza.

Segundo Jaqueline Formigoni, de modo geral, os educandos passam por dois estágios: a ansiedade e a frustração.[149] Quando migram pai e/ou mãe muitas vezes prometem levar o filho, ou estipulam um determinado período para retornar. Estas promessas de viajar ou do retorno geram grande ansiedade nos/as filhos/as, pois muitos contam os dias em que novamente se juntarão aos pais, sendo no Brasil ou nos Estados Unidos. Contudo, quando estes planos são modificados, e na grande maioria das vezes o são, os filhos passam da fase da ansiedade para a frustração. Ambos os sentimentos são responsáveis por comprometer o processo de ensino aprendizagem:

> Na questão da aprendizagem compromete bastante a aprendizagem deles e ai assim, se a escola não está preparada pra entender esse processo [...] vem a questão das reprovações, mas assim não só isso, ele não consegue ver sentido na escola e ele nunca vai gostar de estudar, ele nunca vai querer, ele não vai buscar uma profissão, ele não vai buscar, não vai querer ele não desperta pra isso.[150]

Nesta fala fica em evidencia a falta de motivação de muitas crianças e adolescentes filhos/as de migrantes. A desmotivação é gerada muitas vezes pela distância dos pais que nem sempre se buscam comprometidos com o processo de ensino aprendizagem dos/as filhos/as. Os cuidadores por sua vez, nem sempre conseguem auxiliar estas crianças em suas dificuldades. É comum os avós relatarem dificuldades em ajudar nas tarefas escolares, por estarem há muito tempo longe da escola. Além disso, outro fator gerador de desmotivação é a perspectiva de migrar. Ao sonhar com o futuro em outro país a escola perde um pouco do seu sentido.

> Estudos têm revelado que a principal expectativa em relação ao futuro para os filhos dos emigrantes é emigrar para países do exterior. Esta é uma provável explicação para o desinteresse que muitos apresentam pelo saber sistematizado oferecido pela escola. Estes estudantes imaginam não precisar deste saber escolar para viverem no país onde pretendem morar. (ALMEIDA; SIQUEIRA; DIAS, 2009, p. 11)

[149] Idem.
[150] Idem

Este é o caso de Mauricio educando que freqüentou o 8º ano do colégio criciumense no ano de 2010. Mauricio possui alguns tios e primos morando nos Estados Unidos. Estes parentes enviavam constantemente fotografias com os bens adquiridos no contexto migratório, principalmente fotos de carros. Para a família que ficou no Brasil os parentes que vivem nos Estados Unidos estão ricos e podem usufruir de uma vida muito melhor do que a que tinham na cidade de origem. Tanto os tios de Mauricio quanto seus primos frequentaram por pouco tempo a escola, fato que despertou a atenção do jovem.

Mauricio relatou à coordenação do colégio que não tinha interesse em estudar, que não via propósito em concluir seus estudos, pois seu objetivo é atingir a maioridade e migrar para os Estados Unidos com seus familiares.[151] O jovem foi reprovado no ano de 2009 e continuava apresentando muitas dificuldades no ano letivo de 2010. Mauricio não se preocupava com as atividades escolares, já que seu objetivo era outro. "Por se acreditar que uma vida melhor pode ser alcançada através do trabalho migrante, o que a escola oferece não é percebido como instrumento para o sucesso". (ALMEIDA; SIQUEIRA; DIAS, 2009, p. 150) As conversas com a orientadora pedagógica e com a coordenadora não estavam obtendo resultado, pois a escola percebia dificuldades em dialogar com o jovem, pois este sempre apresentava um argumento voltado aos seus sonhos nos Estados Unidos. Segundo Jaqueline Formigoni, muitos educandos do colégio possuem um conceito deturpado da vivência nos Estados Unidos. Para a coordenadora, os familiares apresentam somente o lado positivo de suas conquistas, a realização do "sonho americano", assim acabam por omitir as dificuldades e o trabalho árduo que realizam todos os dias no contexto migratório.[152]

> A partir do momento em que o emigrante descreve as maravilhas de um país desenvolvido (agilidade para receber o salário, facilidade em obter produtos de alta tecnologia, preço dos produtos, tecnologia em comunicação), a criança percebe e compreende aquele país como sendo realmente um "lugar do futuro". (ALMEIDA; SIQUEIRA; DIAS, 2009, p. 151)

As fotografias que os familiares enviam dos Estados Unidos, os presentes que mandam para aqueles que ficaram, as falas elogiando o país de destino e sua tecnologia, são alguns elementos construtores de um imaginário em torno dos Estados Unidos. Aliados a estes elementos, muitas crianças sonham com o país de destino, pois é lá que os pais se encontram.

---

[151] Ibidem.
[152] Ibidem

> Percebe-se então que existe no imaginário da criança bem como naqueles que se tornaram seus cuidadores, a imagem dos EUA como o lugar em que poderá estar em família, o lugar onde seu futuro se encontra. Também não se deve se desconsiderar que a criança recebe desde cedo influências dos países desenvolvidos e de suas vantagens. Além de ser influenciada pelos benefícios que recebe do ente emigrante (presentes), a criança visualiza estes países de maneira peculiar. (ALMEIDA; SIQUEIRA; DIAS, 2009, p. 155)

Para a coordenadora do colégio criciumense, ao valorizarem os bens materiais adquiridos com a migração, os pais acabam por despertar um intenso consumismo em seus/suas filhos/as. Muitos acabam utilizando os bens adquiridos nos Estados Unidos como moeda de troca.[153] Assim é comum encontrar promessas em torno do desempenho escolar dos/as filhos/as: caso passe de ano receberá determinado objeto. Nesse sentido, a "premiação" pela aprovação passa a ser o principal objetivo de incentivo da criança, fato que compromete seu processo de ensino aprendizagem, já que sua relação com a educação é vista apenas como oportunidade de troca, em que as notas seriam a garantia do recebimento dos presentes que deseja e não um dos reflexos de seu desempenho escolar.

Já para os pais que estão longe, presentear os/as filhos/as que ficaram no Brasil é uma forma de se fazer presente, sendo que para muitos é uma maneira de amenizar o sentimento de culpa pela sua ausência.

> Um dos sentimentos mais comuns entre os pais ausentes é o da culpa. É ela que, na maioria das vezes, impede um pai ou uma mãe de dizer não às exigências de seus filhos. É ela que faz o pai ou a mãe dar a seu filho tudo que este deseja, pensando que assim poderá compensar a sua ausência. (PAULA; VILARINO, 2009, p. 184)

Em muitos casos esta postura dos pais em dar tudo o que o/a filho/a quer visando amenizar a distância, acaba muitas vezes, limitando a relação entre pais e filhos/as a simples trocas de objetos e incentivando um apego demasiado aos bens materiais por parte dos/as filhos/as. Estes muitas vezes acabam percebendo os familiares que migraram como provedoras destes bens materiais e restringindo sua relação somente a estes bens, comprometendo desta forma, a relação afetiva entre os membros da família.

De modo geral, a postura de alguns pais com relação a sua ausência acaba por prejudicar o processo de ensino aprendizagem de seus filhos nas instituições escolares, como também prejudica a relação destas crianças com seus cuidadores que nem sempre conseguem orientá-los e auxiliá-los em suas dificuldades. Nesse sentido, por ser a escola um local em que a criança manifesta algumas atitudes relacionadas à ausência de seu pai e/ou mãe, cabe a ela

[153] Ibidem.

juntamente com a família desenvolverem meios de auxiliar estas crianças em suas dificuldades. Contudo, sem a presença da família dificilmente os encaminhamentos realizados pela escola terão resultados. No colégio criciumense os responsáveis pelas crianças são sempre chamados para um diálogo. Em alguns casos a escola indica um acompanhamento psicológico de seus educandos, no entanto, nem todos os responsáveis aceitam a indicação.

Este foi o caso de Antonia. A menina de 10 anos buscou substituir a presença do pai após sua migração. Antonia se masculinizou, começou a se vestir com características de meninos e não se relacionava com as meninas de sua sala de aula. Em casa ela passou a substituir a presença do pai ao dormir com a mãe, mesmo depois que a mãe casou novamente e teve mais um filho, Antonia continuava dormindo junto com a mãe e o padrasto dormia com o filho mais novo, em outro quarto.[154] Para a menina, após a ausência do pai, ela era "o homem da casa" tendo a responsabilidade de cuidar da mãe que havia ficado sozinha. No entanto, mesmo com o segundo casamento da mãe ela continuou agindo da mesma forma, alterando alguns de seus hábitos somente após o retorno do pai dos Estados Unidos. Nesse caso, as orientações da escola não foram cumpridas, fato que atrapalhou os diálogos com a menina, pois uma mudança de comportamento de Antonia dependia diretamente de mudanças realizadas em sua casa.

De modo geral, a partir das situações relatadas pela coordenadora do colégio criciumense, juntamente com a fala dos familiares que viveram ou ainda vivem a ausência de um dos membros da família inserido no contexto migratório, podemos inferir que a migração causa diversas conseqüências nos/as filhos/as destes migrantes. O distanciamento do pai e/ou da mãe podem gerar insegurança, ansiedade, falta de concentração nos estudos que podem ser agravados com a prorrogação dos projetos de retorno. Muitos acabam se revoltando contra os familiares que vivem nos Estados Unidos e propositalmente passam a ter um baixo desempenho na escola entendendo que a desvalorização do dinheiro dos familiares é um jeito de atingí-los de se "vingar". Nas escolas particulares, como o caso da escola acima citada, este é um comportamento bastante presente entre estes educandos.

Ao pontuar as relações na escola objetivamos compreender algumas conseqüências da ausência de pai/ou mãe na vida de seus/suas filhos/as, contudo, este é apenas um modo de se visualizar este impacto. A vida cotidiana com os familiares também pode demonstrar outras conseqüências. No entanto, muitas famílias evitam conversar sobre o assunto.

[154] Ibidem.

Vale ressaltar que o retorno muitas vezes tão almejado dos familiares, não se apresenta como solução dos problemas enfrentados pela ausência. Se ao partir o migrante causa alterações nos arranjos familiares e transformações nos papéis de seus familiares, no retorno este processo é novamente vivenciado. Muitas vezes as mudanças e as dificuldades são superadas pela família, em outras, a separação de familiares é considerada a melhor alternativa.

Ao enfatizarmos estas problemáticas não temos como objetivo rotular os arranjos familiares dos migrantes como arranjos problemáticos, ou cunhar uma imagem de que estas famílias estão desestruturadas e que por conta disso a migração traria somente malefícios nas relações familiares. Ao pontuarmos as dificuldades visamos dar visibilidade aos problemas superados pelos migrantes, como também expor algumas situações que muitas vezes acabam sendo amenizadas pelos migrantes quando estes expõem os bens materiais adquiridos pela migração.

Nesse sentido, os arranjos familiares organizados pelos migrantes não devem ser entendidos como provocadores de quebra dos laços familiares. Devemos complexificar estas análises e perceber as possibilidades de rearranjos criadas a partir da ausência de um membro. Em nenhum momento buscou-se inferir que estes arranjos prejudicariam o relacionamento em família, ou que existiria um padrão de família que foi alterado por estas configurações. Vale ressaltar que o conceito de família considerado tradicional em nossa sociedade foi cunhado através dos tempos e representa um discurso de um determinado período histórico. O que hoje designamos como família, ou seja, "as práticas, os valores, as subjetividades e discursos relativos à família, considerados hoje, como normais, naturais, sagrados ou ainda arrolados como se "tivessem existido desde sempre", foram construídas historicamente". (AREND, no prelo, p. 1)

Como nos casos citados, pais, mães, avós, filhos/as constroem novas formas de organizar suas famílias transformando seus papéis anteriormente atribuídos, assim como suas responsabilidades. Nesses casos, os arranjos familiares podem ser temporários ou definitivos. Muitos migrantes optam por criarem novos vínculos familiares no país de destino distanciando-se dos familiares do local de origem. Outros tantos, retornam para a cidade enfrentando os desafios que a distância impôs. Outros ainda, apresentam características transnacionais, mantendo suas relações nos dois lugares. Para estas pessoas as fronteiras não impedem mais a construção de uma vida entre dois lugares. As famílias aprendem a viver com a presença e ausência destes membros e a construir seus laços familiares num espaço transnacional.

Assim, justificamos o título deste capítulo: quando mencionamos a ausência que se faz presente estamos evidenciando que mesmo ausente fisicamente, os migrantes continuam se fazendo presentes nas vidas daqueles que ficaram. Esta presença, facilitada nos últimos anos pelos meios de comunicação também pode ser percebida através das remessas enviadas, dos presentes, dos sonhos compartilhados. Já a presença que se faz ausente se refere aqueles que retornam para suas famílias, contudo a distância já os tornou estranhos. Presentes fisicamente, porém ausentes da vida de seus familiares.

Nesse sentido, ao relatarem suas experiências migratórias, seus ganhos materiais, e suas relações familiares, muitos migrantes acabam por finalizar suas narrativas da seguinte forma: será que valeu à pena?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Benjamim, "saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução" (1995, p. 73). De fato, para adentrarmos numa cidade contemporânea devemos deixar de lado os ícones que nos auxiliam em sua leitura. Devemos esquecer os caminhos demasiadamente percorridos e buscar caminhos alternativos, mais que isso: perder-se. Essa "perda" nos possibilita vislumbrar as realidades urbanas e visualizar a multiplicidade presente nestas cidades. Contudo, como nos diz Benjamim, "perder-se" numa cidade requer instrução, pois não é uma tarefa das mais fáceis. O grau de dificuldade aumenta, principalmente, quando esta cidade nos é uma velha conhecida. Estranhar o que nos é comum exige nos libertarmos de pré-conceitos estabelecidos, além de nos obrigar a treinar o olhar para buscar enfoques desconhecidos, ângulos nunca vistos. Este foi um dos grandes desafios impostos para a realização deste trabalho. Desde o momento da escolha da temática até as últimas linhas escritas desta dissertação buscou-se praticar o "perder-se" pela cidade em busca do "estranho."

Ao buscar caminhos novos ou novas formas de caminhar, a cidade se apresenta por outra ótica. Buscar pontos diferentes de visualização nos possibilita enxergar elementos que antes passavam despercebidos. Foi através do 110º andar do World Trade Center que Michel de Certeau pôde vislumbrar uma Nova Iorque diferente daquela em que caminhava. (CERTEAU, 1994, p. 169). A observação da cidade por outro ponto de vista, nos deve revelar muito mais que diferentes ângulos arquitetônicos, ou diferenças em seu traçado urbano. Um novo ponto de vista deve revelar sentidos, pois

> a cidade é um fenômeno que se revela pela percepção de emoções e sentimentos dados pelo viver urbano e também pela expressão de utopias, de esperanças, de desejos e medos, individuais e coletivos, que esse habitar em proximidade propicia. (PESAVENTO, 2007, p. 14)

Dessa forma, a temática proposta por este trabalho exigiu um caminhar pela cidade em busca de outras formas de interpretá-la. A cidade de Criciúma, como foi exposto no capítulo 1 teve sua identidade urbana fortemente vinculada à atividade carbonífera, principalmente após

o recebimento do título de Capital Nacional do Carvão. Entretanto, quando a atividade apresentava problemas, uma nova identidade passou a ser constituída para a cidade. Esta identidade, pautada no elemento étnico buscava na história de sua fundação características que pudessem cunhar uma nova identidade para a urbe. Assim, a Capital do Carvão passou a ser conhecida como Cidade das Etnias. Contudo, buscou-se nesse trabalho aprofundar a análise sobre a cidade de Criciúma para muito além dos discursos que ela apresenta. O discurso da cidade do carvão e/ou da etnicidade muitas vezes não nos permite perceber outros elementos presentes na urbe. Esses discursos muitas vezes impedem a visualização de fenômenos marcantes no cotidiano da cidade. Entre eles podemos destacar a presença dos fluxos migratórios internacionais, um tema ainda pouco analisado pela ótica de muitos criciumenses.

Para analisarmos estes fluxos migratórios foi preciso ver uma cidade em movimento. Se fez necessária a contestação de representações tão fortes na cidade, como aquela que evoca Criciúma como terra de oportunidades para todos. Ao apontar o intenso fluxo de criciumenses migrando para o exterior buscou-se evidenciar contornos e relações citadinas que são intensamente vivenciadas por grande parte de sua população, mas que ainda, não receberam a atenção devida, sendo que muitas vezes o tema não é valorizado como objeto de estudo, principalmente pelos/as historiadores/as.

Assim, os desafios eram muitos. Ao propor estudar elementos desta Criciúma cujos cidadãos estão em trânsito, encontramos muitas objeções, muitas negações, muitos medos de expor uma cidade que envia mão-de-obra para outros países. Um fluxo tão grande é pouco exposto pelos meios de comunicação, é pouco falado entre os empresários, é assunto "proibido" para muitas pessoas. Alcançar a dimensão desta migração foi o desafio proposto, assim muitos pontos foram elucidados, muitas vozes ouvidas, muitas conclusões tomadas. No entanto, muitas outras interrogações surgiram, demonstrando a amplitude e a importância desta temática e a necessidade de novos estudos.

De modo geral, podemos inferir que o estudo das migrações contemporâneas são fundamentais para compreendermos aspectos de nossa sociedade. Numa sociedade capitalista são muitos os que migram buscando fugir da pobreza, da exclusão. Em contra-partida outros tantos são seduzidos por outra face deste sistema: o consumismo. Contudo, os impactos destas migrações não devem ser percebidos apenas pelo aspecto econômico. Além das alterações econômicas, também podemos citar transformações nas identidades pessoais e culturais, como também mudanças nos contextos familiares. Este foi o principal objetivo do trabalho: entender as migrações contemporâneas como fenômeno complexo em que seus motivadores e

suas conseqüências são amplas. Nesse sentido, podemos inferir que o fator econômico é somente um entre tantos fatores que levam à migração, ele é um dos principais determinantes, mas não é único. Da mesma forma, vale ressaltar que o projeto migratório é uma decisão coletiva. Sendo assim, o planejamento é, pensando juntamente com familiares e amigos, portanto, as conseqüências destas migrações, sejam elas benéficas ou não, são vivenciadas no coletivo. Por isso a importância de enfocar a família destes migrantes. Nesse sentido, o trabalho foi organizado de forma que ficasse clara a amplitude das migrações contemporâneas.

No primeiro capítulo buscamos enfocar alguns elementos que podem ser apontados como incentivadores do fluxo criciumense para os Estados Unidos, e de modo geral para o exterior. Fatores econômicos e culturais fizeram com que dois pontos tão distantes do continente americano se tornassem tão próximos. Vale ressaltar, que os problemas econômicos da cidade juntamente com as conexões realizadas com o destino migratório, somente se tornaram um fluxo contínuo com a consolidação das redes sociais. As redes sociais são locais em que muitas informações sobre o lugar de destino são transmitidas. Os contatos realizados através destas redes possibilitam aos criciumenses sair de sua cidade tendo local para morar temporariamente nos Estados Unidos e até mesmo um emprego garantido. Já no local de destino, esta ajuda é ampliada com o acolhimento do recém-chegado, auxiliando com o idioma, com o transporte, enfim, com práticas cotidianas. Estas ações caracterizam o chamado *help*, que posteriormente também será prestado por aquele que agora chega para outro migrante.

Ainda, evidenciamos neste capítulo alguns desafios encontrados no país de destino, sendo o mercado de trabalho um dos principais elementos a serem enfocados. De modo geral, pelo menos em uma fase inicial, os criciumenses passam a ocupar cargos destinados aos migrantes. Setores como a construção civil, faxina doméstica e empresarial, além do atendimento em estabelecimentos comerciais são alguns destes empregos tidos como tipicamente realizados por migrantes.

Após apontarmos algumas características da vida destes migrantes criciumenses nos Estados Unidos, buscamos destacar que os projetos migratórios de modo geral, são baseados no retorno. Retornar é um elemento constitutivo da migração. Contudo, o retorno pode ser mais difícil do que o ato de migrar. Quando se volta ao local de origem a imagem da cidade que o migrante congelou em sua mente se choca com outra realidade. As belezas que a cidade apresentava não são mais enxergadas, as atividades que no passado eram tão divertidas, tão importantes perderam seu sentido. Nesse processo, muitos migrantes que vivenciam esta

angústia com relação ao retorno percebem que não foi somente a cidade que se transformou no período em que estava distante, mas sim, eles próprios. Algumas coisas podem ter permanecido exatamente iguais ao dia da migração, porém o sentido dado a elas é que mudou.

E não foi somente a cidade que se transformou no olhar dos migrantes. Muitos retornados não reconhecem mais a família que deixaram, ou simplesmente não conseguem voltar a sentir a sensação de pertencer aquele núcleo antes tão íntimo. Sendo assim, podemos inferir que o retorno é um processo de readaptação muitas vezes doloroso, difícil de ser realizado. Os estranhamentos são muitos, fato que acaba fazendo com que muitos retornados não se adaptem novamente à cidade. Nesse caso, alguns buscam como alternativa a vida entre dois lugares, tornando-se assim transmigrantes.

Para aqueles que decidem ficar na cidade e se readaptar, outros desafios são apresentados. Alguns deles giram em torno do dinheiro obtido através da migração e o modo de investi-lo na cidade. Visando elucidar algumas formas de investimentos dos migrantes, assim como as alterações citadinas realizadas a partir destes investimentos, o capítulo 2 deste trabalho enfocou algumas características urbanas que podem estar ligadas ao investimento deste público.

Muitos retornados temem realizarem investimentos que ponham em risco os ganhos obtidos no contexto migratório. A cidade de Criciúma ainda não disponibiliza nenhuma instituição que possa dar auxílio aos retornados ou aos seus familiares, na orientação de seus investimentos. Por conta desta falha do poder público, muitos migrantes/retornados não souberam aplicar seus recursos em bons negócios e acabaram falindo. Para aqueles que buscaram realizar uma pesquisa de mercado e investir em ramos já conhecidos as dificuldades foram menores. Assim, citamos três estabelecimentos comerciais na cidade que possuem algum vínculo com os migrantes criciumenses: brechós, revendedoras de carros e cursos de idiomas. Como já evidenciado, os três setores cresceram muito nos últimos anos, sendo que as conexões com os Estados Unidos são muitas vezes utilizadas como diferenciais nestes ramos. Além disso, a venda de carros, por exemplo, é considerado por muitos um investimento mais seguro, um patrimônio adquirido com menos chances de perda.

Outra aplicação considerada segura por muitos migrantes é a aquisição de bens imóveis. Muitos criciumenses investem o dinheiro obtido através da migração na compra, principalmente de casas e/ou apartamentos. O primeiro imóvel, normalmente é aquele adquirido para a futura moradia. Outros imóveis são comprados visando uma renda fixa através do aluguel. Desta forma, o setor da construção civil e imobiliário foi alavancado na cidade a partir do investimento maciço deste grupo. Reflexos do crescimento do setor podem

ser facilmente percebidos através de uma simples caminhada na parte central da cidade. A quantidade de prédios que cerca o centro de Criciúma cresceu vertiginosamente em pouquíssimo tempo. A construção civil criciumense certamente foi favorecida pelo contexto econômico que o país vivencia com a estabilização econômica e com a implantação de programas de financiamentos. Contudo, a especificidade criciumense se dá no elevado crescimento do setor na cidade e também na sua expansão para outros municípios. A expansão das construtoras criciumenses nos revelam que nos últimos anos o setor foi beneficiado por um elevado número de aplicações. Segundo as próprias construtoras, muito do dinheiro injetado nos empreendimentos imobiliários nos últimos dez anos eram procedentes de migrantes. O crescimento do setor foi tão grande que três construtoras criciumenses entraram no ranking das 100 maiores construtoras do país. Sendo assim, podemos inferir que os investimentos dos migrantes/ retornados na cidade transformaram drasticamente a paisagem urbana nos últimos anos assim como as relações citadinas.

Após evidenciarmos as dificuldades de retornar à terra natal, em se readaptar valorizando assim, as diferentes experiências dos sujeitos, buscamos compreender os fatores econômicos e como estes transformam a cidade de origem. Assim, buscando enfocar outros participantes dos processos migratórios, o terceiro capítulo foi dedicado aos familiares dos migrantes.

Neste capítulo buscamos dar ênfase ao importante papel dos familiares nas migrações. Aqueles que ficam na cidade também compartilham do projeto migratório e passam por muitas transformações visando manter os vínculos familiares. Nesse sentido, destacamos os diferentes arranjos familiares desenvolvidos pelas famílias em que um ou mais membros tenham migrado. Assim, através da narrativa de diferentes trajetórias nos foi possível acompanhar algumas mudanças vivenciadas nos contextos familiares. Estas análises nos ajudaram a compreender que as migrações são atravessadas por diversas categorias, como gênero e geração.

Em muitos casos, quando pai e/ou mãe migram os/as filhos/as ficam aos cuidados de seus avós. Este arranjo tão comum na cidade nem sempre é bem sucedido. Os avós muitas vezes apresentam dificuldades em dialogar com seus/suas netos/as por conta da distância entre as gerações. O conflito também pode ser vivenciado com o familiar que migrou, nem sempre o modo de educar do pai e/ou da mãe são compatíveis à visão de educação dos avós. Nesse sentido, muitos avós acabam se sentindo de “mãos atadas” com relação aos seus/suas netos/as não conseguindo atender às necessidades dos jovens. Em outros casos os avós são

motivos de retorno dos migrantes enfatizando a categoria geração, pois o envelhecimento dos entes familiares também é uma das causas de retorno.

Em outros arranjos familiares as negociações de gênero despontam. Muitas mulheres com a migração de seus companheiros renegociam suas atribuições e transformam suas atividades e sua forma de ver o mundo. Estas mudanças também transformam a própria relação com o companheiro que nem sempre consegue aceitar as transformações decorrentes deste processo migratório.

Ainda apontamos as dificuldades dos/as filhos/as que ficam no Brasil. Com o retorno de seus familiares muitos jovens não conseguem mais manter uma relação íntima com seu pai e/ou sua mãe. Estes, muitas vezes passaram a serem vistos como estranhos, pois as relações afetivas foram se distanciando, sendo que algumas vezes foram somente fundamentadas em diálogos sobre bens materiais. Para melhor compreendermos estas transformações na vida de crianças e jovens, cujos pais migraram, buscamos evidenciar através da escola algumas transformações em seus comportamentos que poderiam estar vinculadas à ausência do pai/e ou mãe. Nesse caso, falta de concentração, revolta e falta de interesse pelas disciplinas ofertadas pela escola foram as principais características percebidas na vivência escolar destes educandos.

Desse modo, chegamos ao "fim" de nossas reflexões. O fim entre aspas indica que não se busca com este trabalho fazer apontamentos definitivos, mas sim, proporcionar um debate e instigar outros pesquisadores a se interessarem por este tema. Muitas questões não foram aprofundadas ou abordadas neste trabalho: Se faz necessário aprofundar as discussões em torno do processo de retorno dos migrantes e o transnacionalismo presente nestas migrações; aprofundar análise dos empreendimentos realizados por este grupo enfocando principalmente os investimentos no setor imobiliário realizados pelos próprios migrantes, como aquelas construções realizadas em suas propriedades visando o aluguel para universitários; aprofundar a análise de alguns bairros em que um elevado número de retornados se fazem presentes e analisar as mudanças promovidas por estes; aprofundar análise das relações familiares e as dificuldades destas famílias quando um migrante decide por não retornar; aprofundar a pesquisa nas instituições escolares criciumenses visando um quadro mais amplo das consequências da ausência de pai e/ou mãe na vida de seus/suas filhos/as. Desta forma, a cidade se projeta como um imenso campo de pesquisa. E a migração para a Europa? Quem são estes migrantes, por que escolhem este caminho migratório, como se dá seu retorno, como são suas relações familiares? Diferentes processos migratórios, diferentes narrativas, diferentes impactos, uma mesma cidade.

REFERÊNCIAS

AREND, Silvia Maria Fávero**.** *Ainda vivemos como nossos pais?:* Reflexões sobre famílias brasileiras da camada média urbana (1980-2000). No prelo.

ALMEIDA, Agnes Rocha de; SIQUEIRA, Sueli; DIAS, Carlos Alberto. A construção da identidade cultural em filhos de emigrantes. *Caderno Neder* – Dossiê da Emigração. 2009. Disponível: www.editora.univale.br, seção E-books. Acesso: 20 Maio 2010.

ASSIS, Glaúcia de Oliveira. *De Criciúma para o mundo*: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros. 2004. 340 p**.** Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

ASSIS, Glaúcia de Oliveira. De Gonzaga para Londres: etnicidade e preconceito na história de Jean Charles de Menezes. *Anais do IX Encontro Nacional de História Oral*. 2008. p 1-11. Disponível em: http://www.slideshare.net/observatoriojuvenildovale/glaucia-de-oliveira-assis-presentation. Acesso em: 01 Jul. 2010.

ASSIS, Glaucia de Oliveira; CAMPOS, Emerson Cesar de. De volta para casa: a reconstrução de identidades de emigrantes retornados. *Tempo e Argumento*. Florianópolis. V. 1, n 2, p 80-99. jul./dez. 2009. Disponível em: http://www.periodicos.udesc.br/index.php/tempo/article/viewFile/1834/1437. Acesso em: 10 de Maio de 2010.

BENJAMIN, Walter. Infância em Berlim por volta de 1900. In: *Rua de Mão Única:* Obras Escolhidas. vol. II. São Paulo: Brasiliense, 1995.

CAMPOS, Emerson César de. *Territórios deslizantes*: Recortes, miscelâneas e exibições na cidade contemporânea - Criciúma (SC) (1980-2002). 2003. 235 p. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

CAROLA, Carlos Renato. *Dos subterrâneos da história*: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964) Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano:* artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHAVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe. *Questões para a história do presente*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História Oral*: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FONSECA, Maria do Carmo da; ESCALDA, Patrícia Maria Fonseca; SIQUEIRA, Sueli; ASSIS, Gláucia de Oliveira; THIÓ, Carme Borrell. Divisão sexual do trabalho, rearranjos familiares e relações de gênero em comunidade rural de emigração masculina. *XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP*. Caxambú. 2010. p 1-16. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2010/docs_pdf/tema_8/abep2010_2175.pdf. Acesso: 10 Out. 2010.

GOULARTI, Alcides. *Padrões de crescimento e diferenciação econômica em Santa Catarina*. 2001. 391 p. Tese (Doutorado em Economia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

JUNIOR. José Soares dos Santos; SIQUEIRA, Sueli. A afetividade na vida da família do emigrante. *Seminário de Iniciação Científica da Univale.* 2009.

JUNIOR, Carlos Antonio da Silveira. Os rearranjos familiares em Botelhos (MG) no contexto do movimento migratório Brasil – Estados Unidos. *Revista de Iniciação Científica da FFC*. 2007. p 193-205. Disponível em: http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/ric/article/view/164. Acesso em: 25 Jul. 2010.

MACHADO, Igor José de Renó. Laços de sangue e fluxo de dinheiro: notas sobre o "parente ausente" no contexto migratório transnacional Portugal/ Governador Valadares. *Centro de Estudos em Migrações e Minorias Étnicas.* 2007. p 1-21. Disponível em: http://www.cemme.fcsh.unl.pt/w_paper/WP%20CEMME%20001.pdf. Acesso: 25 de Julho de 2010.

MACHADO, Igor de Reno. O ponto de vista das famílias: etnografia sobre os emigrantes internacionais valadarenses (Brasil). *Revista Migrações* – Número Temático Migrações entre Portugal e América Latina. Lisboa: ACIDI, 2009. p 155-168. Disponível em: http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Revista_5/Migr5_Sec1_Art8.pdf. Acesso em: 25 Jul. 2010.

MARTES, Ana Cristina Braga. *Brasileiros nos Estados Unidos*: Um estudo sobre imigrantes em Massachusetts. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

MARTES, Ana Cristina Braga; SOARES, Weber. Remessas de recursos dos imigrantes. *Estudos Avançados*, São Paulo. vol 20. n. 57. Maio/ago. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000200004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 01 Jul. 2010.

MEIHY, José Carlos Sebe; BELLINO, Ricardo. *O estado dos emi*grantes – o 28º estado brasileiro um mercado de US$ 60 bilhões. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

MEIHY. José Carlos Sebe Bom. *Brasil fora de si*: Experiências de brasileiros em Nova York. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

NASCIMENTO, Dorval do. *Faces da urbe:* processo identitário e transformações urbanas em Criciúma/SC (1945-1980). 2006. 242 p. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

NASCIMENTO, Dorval. Cidade e Imaginário: utopias urbanas e remodelação do espaço. *Pós História:* revista de pós graduação em história. Assis, vol. 1. p. 238-247. 2003.

NETO, Bráulio Moraes. Imagens passadas: o desaparecimento dos cinemas com prédio específico no processo de modernização de Criciúma nas décadas de 1970, 1980 e 1990. *Tempos Acadêmicos*, Criciúma, vol 1. n. 4. p 1-13. 2006. Disponível em: http://periodicos.unesc.net/index.php/historia/article/view/206/208 Acesso em: 02 Out. 2010.

PAULA, Ana Clara de. VILARINO, Maria Terezinha Bretas. O reflexo da migração na vida escolar dos filhos de migrantes. *Caderno Neder* – Dossiê da Emigração. p 180-192. 2009. Disponível em: www.editora.univale.br, seção E-books. Acesso em: 20 Maio 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 11-23, jan./jun. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbh/v27n53/a02v5327.pdf Acesso em: 20 Nov. 2010.

PRUDÊNCIO; Raquel de Souza Felício. *O estatuto da cidade face a legislação municipal de Criciúma*. 2003. 179 p**.** Monografia (Especialização em Direito Políticas Públicas e Cidadania) – Universidade do extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2003.

SASAKI, Elisa Massae; ASSIS, Gláucia de Oliveira. Teorias das migrações internacionais. *XII Encontro Nacional da ABEP*, Caxambú. 2000. p 1-19. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/migt16_2.pdf Acesso em: 10 Out. 2010.

SALES, Teresa. *Brasileiros longe de casa*. São Paulo: Cortez, 1999.

SANTOS, Gislene Aparecida. *Estados, redes sociais e fronteira*: a migração do sul catarinense para os Estados Unidos. 2007. 206 p. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado*: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SAVOLDI, Adiles. *O caminho inverso*: a trajetória de descendentes de imigrantes italianos em busca da dupla cidadania. 1998. 149 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

SAYAD, Abdelmalek. *A migração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SCARDUELLI, Marco Antonio. *As atuais opções de investimentos dos imigrantes da região de Criciúma que estão nos EUA.* 2002. 26 p. Monografia (Especialização em Gestão Empresarial) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2002.

SCUDELER, Valéria Cristina. Imigrantes valadarenses no mercado de trabalho dos EUA. In:. REIS Rossana Rocha; SALES, Teresa (org). *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo: Boitempo Editorial. 1999.

SIQUEIRA, Sueli; ASSIS, Gláucia de Oliveira. As mulheres na formação das redes de migração. *8° Fazendo Gênero.* Florianópolis: EdUFSC, 2008. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/st65.html. Acesso em: 20 Set. 2010.

SIQUEIRA, Sueli. *Migrantes e empreendedorismo na microrregião de Governador Valadares* – sonhos e frustrações no retorno. 2006. 178 p. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

VOLPATO, Terezinha Gascho. *Vidas marcadas*: trabalhadores do carvão. Tubarão: Editora Unisul, 2001.

SOARES, Weber. *Emigrantes e investidores*: redefinindo a dinâmica imobiliária na economia valadarense. 1995. 174 f. Dissertação. (Mestrado em Demografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

ZAMBERLAM, Jurandir. CORSO, Giovanni. *A emigração da Grande Criciúma na ótica de familiares* – desafios para a Igreja de origem e de destino. Porto Alegre: Solidus, 2007.

ZILI, Elton Fogaça. *O desempenho recente da construção civil em Criciúma 1990-2002*. 2003. 59 p. Monografia (Graduação em Economia) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2003.

ENTREVISTAS:

ALVES, Manoel. *Entrevista concedida a Michele Gonçalves Cardoso.* Criciúma 29 de Jul. de 2010. Entrevista.

ANDRADE, Mariana de Souza. *Entrevista concedida a Michele Gonçalves Cardoso.* Criciúma 21 de Nov. de 2010. Entrevista.

ANTUNES, Maria Clara. *Entrevista concedida a Michele Gonçalves Cardoso.* Criciúma 17 de Nov. de 2010. Entrevista.

CARDOZO, Gilberto. *Entrevista concedida a Michele Gonçalves Cardoso.* Criciúma 01 de Jul. de 2010. Entrevista.

DEMETRIO, Fábio. *Entrevista concedida a Michele Gonçalves Cardoso.* Criciúma 25 de Out. de 2010. Entrevista.

GLISLERE, Roberto; GLISLERE, Rosana. *Entrevista concedida a Michele Gonçalves Cardoso.* Criciúma 05 de Jul. de 2010. Entrevista.

JUST, Maria Marlene Milanez. *Entrevista concedida a Dorval do Nascimento e Michele Gonçalves Cardoso.* Criciúma 27 de Mar. de 2007. Entrevista.

MACHADO, Jussanara. *Entrevista em forma de questionário concedida a Michele Gonçalves Cardoso.* Criciúma 25 de Jun. de 2010. Entrevista.

MONDARDO, Eduardo. *Entrevista concedida a Emerson Cesar Campos.* Criciúma 14 de Abr. de 2007. Entrevista.

OLIVEIRA, Isadora Matias de. *Entrevista concedida a Michele Gonçalves Cardoso.* Criciúma 22 de Nov. de 2010. Entrevista.

PEREIRA, Fabio. *Entrevista concedida a Michele Gonçalves Cardoso.* Criciúma 01 de Abr. de 2010. Entrevista.

SALVADOR, Silvano. *Entrevista concedida a Michele Gonçalves Cardoso.* Criciúma 25 de Mar. de 2010. Entrevista.

SANTOS, Monica. *Entrevista concedida a Michele Gonçalves Cardoso.* Criciúma 26 de Mar. de 2010. Entrevista.

SARVALAIO, Glades. *Entrevista concedida a Michele Gonçalves Cardoso.* Criciúma 09 de Abr. de 2010. Entrevista.

SAVI, Jair Paulo. *Entrevista concedida a Michele Gonçalves Cardoso.* Criciúma 28 de Jul. de 2010. Entrevista.

SILVA, Edna Farias da. *Entrevista concedida a Michele Gonçalves Cardoso.* Criciúma 30 de Mar. de 2010. Entrevista.

SILVA, João da. *Entrevista concedida a Emerson Cesar Campos.* Forquilhinha 01 de Nov. de 2006. Entrevista.

SILVA, Marcia Machado da. *Entrevista concedida a Michele Gonçalves Cardoso.* Criciúma 18 de Jun. de 2010. Entrevista.

SILVA, Marcos da. *Entrevista concedida a Michele Gonçalves Cardoso.* Criciúma 15 de Abr. de 2010. Entrevista.

SOUZA, Odair. *Entrevista concedida a Michele Gonçalves Cardoso.* Criciúma 24 de Jul. de 2010. Entrevista.

TRODO, Jaqueline Formigoni. *Entrevista concedida a Michele Gonçalves Cardoso.* Criciúma 07 de Jan. de 2011. Entrevista.

MARTINS, Andréia. *Entrevista concedida a Michele Gonçalves Cardoso.* Criciúma 27 de Jul. de 2010. Entrevista.

SITES:

A EMPRESA. Disponível em: http://www.criciumaconstrucoes.com/ Acesso em: 01 Ago. 2010.

ACIDENTE em Londres mata catarinense. Disponível em: http://www.clicrbs.com.br/diariocatarinense/jsp/default2.jsp?uf=2&local=18&source=a2302019.xml&template=3898.dwt&edition=11146&section=213. Acesso em: 01 Nov. 2010.

AS 100 maiores construtoras do Brasil. Disponível em: http://www.itc.etc.br/fatos_e_obras_detalhes.asp?IdReg=53. Acesso em: 01 Ago. 2010.

BRASILEIRAS e brasileiros no exterior. Disponível em: http://www.mte.gov.br/trab_estrang/Brasileiros_no_Exterior.pdf. Acesso em: 01 Nov. 2010.

BRASILEIROS no mundo – estimativa. Ministério das Relações Exteriores, Julho de 2008. Disponível em: http://www.migrante.org.br/brasileiros_no_mundo_estimativas_julho_mre.pdf. Acesso em: 05 Jul. 2010.

CASA do Catarinense precisa de recursos. Disponível em: http://camara.virtualiza.net/noticia.php?noticia_cod=467 Acesso em: 01 Nov. 2010.

CONSTRUTORA Corbetta. Disponível em: http://www.corbetta.com.br/historia. Acesso em: 01 Ago. 2010.

CONSTRUTORA Fontana. Disponível em: http://www.construtorafontana.com.br/. Acesso em: 01 Ago. 2010.

CRICIÚMA Construções. Disponível em: http://www.criciumaconstrucoes.com/. Acesso em: 01 Ago. 2010.

DESCOBERTO o 28º estado brasileiro. 16 de Junho de 2008. Disponível em http://waldemarneto.blogspot.com/2008/06/descoberto-o-28-estado-brasileiro.html. Acesso em: 30 Jul. 2010.

DISPUTA judicial: pai norte-americano adia encontro com filha em Araranguá/ 08 de outubro de 2010. Disponível em: http://legisbrasil.com.br/disputa-judicial-pai-norte-americano-adia-encontro-com-filha-em-ararangua/. Acesso em: 30 de Outubro de 2010.

DOS Gabinetes – Deputado pede ao Itamaraty apoio ao brasileiro preso nos EUA como terrorista. Disponível em: http://www.alesc.sc.gov.br/portal/imprensa/leitor_noticia.php?codigo=17444. Acesso em: 01 Nov. 2010.

ESTADO do emigrante. Disponível em: http://www.estadodoemigrante.org/ Acesso em: 30 Jul. 2010.

ESTADO emigrante é o 6º maior do país. 27 de Maio de 2008. Disponível em: http://plenoemprego.wordpress.com/category/colunas/o-que-deu-na-imprensa/page/2/ Acesso em: 30 Jul. 2010.

FAMÍLIA de Araranguá teme perder a guarda da filha para norte-americano / 24 de Setembro de 2010. Disponível em: http://www.clicrbs.com.br/diariocatarinense/jsp/default.jsp?uf=2&local=18&section=Geral&newsID=a3051644.htm. Acesso em: 30 Out. 2010.

HINO do emigrante. 21 de Maio de 2008. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=t7f4a9KQ1w8. Acesso em: 30 Jul 2010.

ÍNDICES de mercado. Disponível em: http://www.itc.etc.br/indices.asp. Acesso em: 01 Ago. 2010.

ITCNET anuncia o ranking das 100 maiores construtoras do Brasil. Disponível em: http://www.portalvgv.com.br/site/itcnet-anuncia-o-ranking-das-100-maiores-construtoras-do-brasil/ Acesso em: 01 Ago. 2010.

JUSTIÇA suspende liminar de tutela antecipada em Araranguá (SC)/ 29 de Setembro de 2010. Disponível em: http://legisbrasil.com.br/justica-suspende-liminar-de-tutela-antecipada-em-ararangua-sc/. Acesso em: 30 Out. 2010.

MUITO estilo por poucos reais. Disponível em: http://tudodecri.blogspot.com/2009/05/muito-estilo-por-poucos-reais.html. Acesso em: 01 Nov. 2010.

PREFEITURA municipal de Criciúma. Bandeira nacional é hasteada pela primeira vez no parque Centenário. Disponível em: http://www.criciuma.sc.gov.br/lernoticias.php?codigo=1872. Acesso em: 15 Abr. 2010.

RELATÓRIO Final da Comissão Mista Parlamentar de Inquérito – 2006. Disponível em: http://www.senado.gov.br/sf/comissoes/CPI/Emigracao/RelFinalCPMIEmigracao.pdf Acesso em: 05 Jul. 2010.

JORNAIS:

CASAMENTO e solidariedade entre casais. *Jornal da Manhã*. Criciúma. 19 Abr. 2000.

CHEGAM US$ 800 mil por mil por mês dos EUA. *Jornal da Manhã*. Criciúma. 15-16 Abr. 2000. p. 18.

CONSTRUÇÃO cresce na região. *Jornal da Manhã*. Criciúma. 21 Out. 2003.

ISTO é um fato. *Tribuna Criciumense*. Criciúma. 7 - 14 Ago. 1965.

ISTO é um fato. *Tribuna Criciumense*. Criciúma. 14 - 21 Ago. 1965.

ISTO é um fato. *Tribuna Criciumense*. Criciúma. 24 - 31 Jul. 1965.

ISTO é um fato. *Tribuna Criciumense.* Criciúma. 28 Ago./4 Set. 1965.

ISTO é um fato. *Tribuna Criciumense*. Criciúma. 4 - 11 Set. 1965.

UM fato em foco. *Tribuna Criciumense*. 3 - 10 de Jul. 1965.

UM fato em foco. *Tribuna Criciumense*. 17 - 24 de Jul. 1965.

O RETORNO. *Jornal da Manhã*. Criciúma. 3 Ago. 2005.

PIMENTEL, José. Monumento ao Imigrante. *Tribuna Criciumense*. Criciúma. 01 Ago. 1955.

UMA criciumense nos EE.UU. *Tribuna Criciumense*. Criciúma. 11 - 18 Set. 1965.

DEMAIS FONTES:

ARAU, Sergio. *Um dia sem mexicanos (A Day Without a Mexican)* 91 min. 2004.

CARMINATI, Roberto. *A Fronteira*. 107 min. 2003.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CRICIÚMA – Divisão de Planejamento Físico – Territorial *Número de Licenças, áreas a construir e habite-se, por tipo de construção anos: 1997 à 2009*.